

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Ricardo José Alves

CONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA:
uma descrição sistêmico-funcional da IDEAÇÃO em português
brasileiro

Belo Horizonte
2023

Ricardo José Alves

CONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA:
uma descrição sistêmico-funcional da IDEIAÇÃO em português
brasileiro

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudos da Língua em Uso

Orientadora: Profa. Dra. Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira

Belo Horizonte
2023

A474c Alves, Ricardo José.
Construindo a experiência por meio das entidades [manuscrito] :
uma proposta de descrição do sistema de ideação do português
brasileiro / Ricardo José Alves. – 2023.
1 recurso online (158 f. : il., tabs., p&b., color.) : pdf.
Orientadora: Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira.
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.
Linha de Pesquisa: Estudos da Língua em Uso.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 143-148.
Anexos: f. 150-157.
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 2. Semântica – Teses. I.
Oliveira, Ana Larissa Adorno Marciotto. II. Universidade Federal de
Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 410

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

**CONSTRUINDO A EXPERIÊNCIA: uma descrição sistêmico-funcional da
ideação em português brasileiro**

RICARDO JOSÉ ALVES

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos da Língua em Uso.

Aprovada em 23 de fevereiro de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira - Orientadora
UFMG

Prof(a). Giacomo Patrocínio Figueredo
UFOP

Prof(a). Claudio Marcio do Carmo
UFSJ

Prof(a). Leonardo Pereira Nunes
UFMG

Prof(a). Monique Vieira Miranda
UFMG

Belo Horizonte, 23 de fevereiro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Larissa A Marciotto Oliveira, Professora do Magistério Superior**, em 24/02/2023, às 12:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leonardo Pereira Nunes, Professor do Magistério Superior**, em 24/02/2023, às 14:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Monique Vieira Miranda, Usuária Externa**, em 24/02/2023, às 16:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cláudio Márcio do Carmo, Usuário Externo**, em 27/02/2023, às 09:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Giacomo Patrocínio Figueredo, Usuário Externo**, em 27/02/2023, às 14:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_or_gao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2046486** e o código CRC **510D5066**.

*À minha mãe,
razão de tudo.*

AGRADECIMENTOS

Esta tese é uma conclusão de uma etapa desenvolvida ao longo dos anos de pesquisa de graduação e pós-graduação, em que dei início aos estudos das relações semântico-discursivas, mais especificamente aquelas organizadas pelo sistema de CONJUNÇÃO, sob a perspectiva discursiva da Teoria da Sistêmico-Funcional. Esse ciclo, iniciado na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), se encerra aqui nos estudos das relações que dizem respeito ao sistema de IDEIAÇÃO, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ao mesmo tempo, ela é apenas o início de uma longa pesquisa, ao fornecer a possibilidade de continuidade de estudos que envolvem os recursos semântico-discursivos, que ainda necessitam de investigação.

Toda essa trajetória foi construída a partir de um trabalho árduo e de muita dedicação, que não se resumem apenas a mim, mas a diversas pessoas que contribuíram para a minha pesquisa. Este estudo, portanto, é resultado de um esforço conjunto de professores e amigos que estiveram presentes direta ou indiretamente durante sua elaboração e contribuíram significativamente para que fosse concluído. Sem dúvidas, a realização deste estudo seria muito mais árdua sem a presença dessas pessoas. Foram muitas que fizeram parte desse caminho, mas me restrinjo aqui àquelas que contribuíram mais diretamente para esta pesquisa de doutorado.

Sou grato à Universidade Federal de Minas Gerais, ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN) e à Faculdade de Letras (FALE), por me acolherem nesses últimos quatro anos. Essa instituição contribuiu para a minha experiência de ser pesquisador: gostaria de destacar, inclusive, o financiamento que me permitiu apresentar meus estudos na Pontifícia Universidade Católica do Chile. Além de pesquisador, essa instituição, esse programa e esse curso me permitiram outras experiências profissionais, como a de professor do ensino superior e a de professor de curso de extensão. Foram certamente experiências que contribuíram, de forma significativa, para minha vida profissional.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro a esta pesquisa.

Meu eterno agradecimento à professora Ana Larissa, por me acolher na UFMG e ter sido, durante esses anos em que me orientou, uma interlocutora atenta. Sou, além disso, grato a você por acreditar em mim e em meu trabalho, por ser extremamente atenciosa e compreensiva. Nossos papos descontraídos, em meio às trocas de receitas vegetarianas, sempre tornaram nossas reuniões muito agradáveis. Obrigado pelo apoio!

Agradeço ao professor Giacomo, por me apresentar, no mestrado, a Teoria Sistêmico-Funcional e, principalmente, por acompanhar, desde a UFOP, a minha pesquisa, sendo um grande conselheiro. O seu entusiasmo pela pesquisa e a confiança depositada em mim me motivaram a continuar caminhando e ainda me motivam a caminhar cada vez mais. Obrigado pelos diálogos e pelo companheirismo.

Um agradecimento especial à professora Eliane Mourão, que, ainda quando eu estava na graduação, viu em mim um pesquisador e me ensinou como é fazer pesquisa, como é estudar a nossa língua. Obrigado por, além disso, me ensinar tudo que sei sobre revisão. Sou eternamente grato a você!

Aos colegas do GEPTED, por me acolherem no grupo de estudos. Em especial, agradeço à Monique, por sempre ser solícita em ajudar, pelos apontamentos e pela leitura atenta.

Ao professor Leonardo Nunes, por contribuir para o desenvolvimento deste estudo, acompanhando, desde o mestrado, os meus trabalhos.

Ao professor Cláudio Márcio, por aceitar participar da minha banca de doutorado e contribuir para o amadurecimento das ideias desta pesquisa.

Um agradecimento especial à minha mãe, por todo suporte que me deu nesta vida. Obrigado por ser meu aconchego, meu porto-seguro e por me ensinar a ser forte nos momentos mais difíceis da vida. Sem você eu nada seria.

Aos meus queridos amigos Leandro, Mayra, Marcus, Paula Soares, Aline da Silva, Matheus, Luiza Villarroel, Aline Gonçalves, Aline Araújo, Lorena e Kamila, por me confortarem nos momentos mais difíceis.

Às minhas velhas e especiais amigas Júlia, Luiza e Jéssica, pelas conversas inigualáveis, pelas risadas intermináveis e pelos momentos inesquecíveis.

À Ticiane, Letícia e Aline Ruiz, pela amizade que conquistei no curso, que levarei para toda minha vida. Após tanto tempo, ela segue firme, com muito carinho.

Aos Anjos, por serem minha segunda família. Raimunda, por ser minha segunda mãe. Doris, Máisa e Túlio, por serem os irmãos que não tive, mas que sei que tenho.

Por fim, e não menos importante, meu agradecimento especial a todos os pesquisadores, principalmente aqueles das Ciências da Saúde que estiveram envolvidos na luta contra o Covid-19, pelo comprometimento com a pesquisa, em um momento em que o governo pouco contribuiu, na verdade desacreditou e desvalorizou nosso trabalho. Foram anos muito difíceis, mas a ciência nos manteve firmes e vivos.

A vocês, com carinho.

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

João Cabral de Melo Neto

RESUMO

Esta pesquisa investiga o modo como a experiência humana é construída por meio do discurso. Mais especificamente, apresenta, sob a perspectiva discursiva da Teoria Sistêmico-Funcional, uma proposta de descrição do sistema semântico-discursivo de IDEACÃO do português brasileiro em introduções de artigos científicos das Ciências da Saúde (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007). Esse sistema, de acordo com Martin (1992) e Martin e Rose (2007), é responsável por organizar as relações taxonômicas, as quais são estabelecidas pelas entidades. Essa definição se aproxima da proposta de Halliday e Hasan (1976), que investigaram cadeias de relações semânticas, como a repetição, a sinonímia, o contraste, entre outras. Inclusive, ao se definirem as entidades, elas são consideradas elementos nominais que estabelecem coesão lexical no discurso (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007; HAO, 2015; 2020). Não obstante, entendendo que, segundo Halliday e Matthiessen (2014), o léxico e a gramática pertencem ao mesmo estrato, chamado de lexicogramática, e essas relações se estabeleceriam no estrato semântico-discursivo, essa associação vai de encontro com a própria definição do que seria coesão textual, que, de acordo com Halliday e Hasan (1976), diz respeito a relações de significado que são estabelecidas, segundo Halliday e Hasan (1976), Martin (1992) e Martin e Rose (2007), na semântica-discursiva. Para a descrição que se fez aqui, o fenômeno estudado foi examinado na introdução de artigos científicos da área das Ciências da Saúde extraídos do Corpus Acadêmico do Português Brasileiro (CAPB) (MIRANDA; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2018). Em seguida, na ferramenta *INCEPTION*, plataforma de anotação semântica, segmentaram-se os textos em figuras e identificaram-se a entidade, bem como as unidades que a configuram. Após a anotação de dados, a descrição das funções do sistema de IDEACÃO seguiu a metodologia de descrição linguística com base na perspectiva trinocular (cf. HALLIDAY, MATTHIESSEN, 1997). Por meio dela, é possível investigar esse fenômeno ‘de cima’, identificando similaridades entre padrões de registro realizado pelo mesmo sistema semântico; ‘de baixo’, identificando similaridades da constituição gramatical; e “ao redor”, descobrindo contrastes entre funções que desempenham o mesmo papel sistêmico. Por fim, este estudo definiu entidade, que é um elemento que estabelece relações semântico-discursivas, tais como de causa, foco, comparação, definição, composição, e as unidades que a compõem, quais sejam, substância, metáfora, classe, qualidade, quantidade. Esta pesquisa revelou que as relações semântico-discursivas estabelecidas pelas entidades contribuem para a construção do gênero, ocorrendo em etapas e fases específica. Com isso, ela contribui para a

Teoria Sistêmico-Funcional, uma vez que promove discussões que podem ampliar os estudos a respeito do estrato semântico-discursivo, bem como contribui para a ampliação de uma metodologia de descrição do estrato mais abstrato da língua.

Palavras-chave: linguística sistêmico-funcional; descrição sistêmico-funcional; sistema de IDEACÃO do português brasileiro; relações semânticas; entidade.

ABSTRACT

This research investigates how human experience is construed through discourse. More specifically, it proposes the description of the IDEATIONAL discourse semantic system of Brazilian Portuguese in the introduction section of Health Science scientific papers from the perspective of the Systemic Functional Linguistics. (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007). In accordance with Martin (1992) and Martin and Rose (2007), this system is responsible for organizing taxonomic relations, which are established by the entities. This definition resembles Halliday and Hasan's proposition (1976), that analyzed strands of semantic relations, such as lexical repetition, synonymy, contrast, among others. By the bye, "entities" are defined as nominal elements that provide lexical cohesion in discourse. (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007; HAO, 2015; 2020). Nevertheless, considering that both lexicon and grammar belong to the same strata, called lexicogrammar, and that, according to Halliday and Matthiessen (2014), these relations are established at the discourse semantics strata, this association fits the definition of textual cohesion. According to Halliday and Hasan (1976), textual cohesion concerns the semantic relations that are established, according to Halliday and Hasan (1976), Martin (1992), Martin and Rose (2007), in discourse semantics. For the description, the phenomenon under study was investigated in the introduction section of Health Science scientific papers extracted from Corpus Acadêmico do Português Brasileiro (CAPB) (MIRANDA; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2018). Then, the texts were segmented into figures, and the entity and its units were identified on the tool *INCEPTION*, a semantic annotation platform. After the data annotation, the description of the IDEATIONAL system functions was performed in accordance with the linguistic description methodology based on the trinocular perspective. (cf. HALLIDAY, MATTHIESSEN, 1997). It allows to explore this phenomenon "from above", identifying similarities between register patterns realized by the same semantic system; "from below", recognizing grammar composition similarities; and "from around", spotting contrasts between the functions that play the same systemic role. Finally, this study defined "entity", which is an element that establishes discourse semantic relations, such as cause, focus, comparison, definition, composition, as well as its units, namely substance, metaphor, class, quality, quantity. This research showed that the discourse semantic relations established by the entities contribute to build gender, which occurs in specific steps and stages. As a result, it contributes to the Systemic Functional Theory, since it promotes discussions able to broaden the studies on the

discourse semantics strata, as well as contributes to expand a methodology for describing the most abstract strata of the language.

Keywords: Systemic Functional Linguistics; Systemic Functional Description; Ideational System of Brazilian Portuguese; semantic relations; entity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Interpretação estratal da relação entre a língua e o contexto social	34
Figura 2 – Língua, registro e gênero.....	36
Figura 3 – Eixos paradigmático e sintagmático.....	42
Figura 4 – As variáveis do registro em relação às metafunções.....	44
Figura 5 – Dimensões da variação da sintonia	45
Figura 6 – O efeito de diferentes canais de comunicação	46
Figura 7 – Classificação do campo	49
Figura 8 – Eixos paradigmático e sintagmático.....	53
Figura 9 – Eixos paradigmático e sintagmático.....	54
Figura 10 – A realização do contexto por meio da língua.....	55
Figura 11 – A realização do contexto por meio da língua.....	55
Figura 12 – Estratificação	56
Figura 13 – Metafunções	58
Figura 14 – Dimensão instancial do sistema linguístico	59
Figura 15 – Unidades do estrato semântico	62
Figura 16 – Tipos de fenômeno	62
Figura 17 – Sistema de PARTICIPANTE.....	65
Figura 18 – A realização do processo, participante e circunstância na gramática	70
Figura 19 – A realização da figura e da sequência na gramática	70
Figura 20 – O sistema de CONEXÃO.....	73
Figura 21 – Os três níveis de codificação da língua	77
Figura 22 – As relações organizadas pela IDEACÃO por martin e rose (2007)	79
Figura 23 – <i>Software</i> de anotação semântica.....	86
Figura 24 – O projeto de descrição no <i>software</i>	87
Figura 25 – O projeto no <i>software inception</i>	87
Figura 26 – Inserção das categorias no <i>inception</i>	88
Figura 27 – Inserção das relações semântico-discursivas no <i>inception</i>	89
Figura 28 – Anotação do fenômeno semântico-discursivo no <i>inception</i>	89
Figura 29 – A escala de ordem do estrato semântico-discursivo por martin 1992) e martin e rose (2007).....	96
Figura 30 – A escala de ordem do estrato semântico-discursivo	98
Figura 31 – Entidade, essência e assunto do texto	100
Figura 32 – Entidade, essência e assunto do texto	101
Figura 33 – Categorias gerais da <i>entidade</i>	104
Figura 34 – Léxico, taxonomia e relações semântico-discursivas.....	105
Figura 35 – O léxico como uma dimensão do sistema linguístico	107
Figura 36 – Definição da entidade na referenciação entre textos	112
Figura 37 – Definição da entidade na referenciação entre textos	113
Figura 38 – Construindo a rede de relações semântico-discursivas das entidades.....	114
Figura 39 – As referenciações e as relações semântico-discursivas.....	115

Figura 40 – Árvore de relações semântico-discursivas	116
Figura 41 – Rede de relações semântico-discursivas das entidades	118
Figura 42 – Entidade complexa	118
Figura 43 – Relações entre entidades na entidade complexa	119
Figura 44 – Possibilidade de composição da entidade complexa.....	120
Figura 45 – Possibilidade de composição da entidade complexa.....	120
Figura 46 – Composição de uma entidade.....	121
Figura 47 – Possibilidade de composição da entidade complexa.....	123
Figura 48 – A substância	124
Figura 49 – A classe	126
Figura 50 – Qualidade	127
Figura 51 – A quantidade	127
Figura 52 – A metáfora.....	128
Figura 53 – As relações na etapa orientação e na fase descrição	130
Figura 54 – Construção do gênero a partir das relações semântico-discursivas entre entidades	132
Figura 55 – As relações na etapa argumentação e nas fases argumento e problema de pesquisa	133
Figura 56 – Desempacotando a metáfora	135
Figura 57 – A relação semântico-discursiva especificação na etapa argumentação	136
Figura 58 – A ‘finalidade’	137

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – A quantidade de tokens da introdução por texto e o valor total	85
---------------------------------------------------------------------------------	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplos de gêneros	38
Quadro 2 – Os gêneros e seus componentes.....	39
Quadro 3 – A relação entre as variáveis do registro e as metafunções	44
Quadro 4 – Tipos de significado na relação com o contexto social	57
Quadro 5 – Tipos de fenômeno	64
Quadro 6 – Relações semântico-discursivas da IDEACÃO	80
Quadro 7 – Exemplos de classificação de acordo com a hierarquia da divisão de áreas proposta pelo cnpq.....	83
Quadro 8 – As relações do estrato semântico-discursivo	95
Quadro 9 – Categorias gerais das entidades e suas definições	104
Quadro 10 – Definição de cada etapa do gênero procedimento	109
Quadro 11 – Categorias gerais das entidades e suas definições	122

LISTA DE TERMOS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Os termos sistêmicos apresentados nesta tese seguiram as recomendações da lista de termos aprovados pelos pesquisadores que participam da lista de discussão da linguística sistêmico-funcional em português.

1	adverbial/adverbials	adverbial/adverbiais
2	agnate	agnato
3	agnation	agnação
4	Attributive	Atributivo
5	Attributor	Atribuidor
6	axis	eixo
7	choice	escolha
8	choose	escolher
9	class	classe
10	closed systems	sistemas fechados
11	content	conteúdo
12	delicacy	delicadeza
13	delicate	delicado
14	element	elemento
15	entity	entidade
16	equivalence	equivalência
17	Expansion: Extension	Expansão: Extensão
18	figure	figura
19	from above	de cima
20	from below	de baixo
21	grammar	gramática
22	genre	gênero
23	knowledge	conhecimento
24	message	mensagem
25	MOOD system	sistema de MODO
26	option	opção
27	phrase	frase
28	prosodic	prosódico
29	Prosody	Prosódia
30	rank	ordem
31	rank scale	escala de ordens
32	register	registro
33	Role	Papel
34	sentence	sentença
35	stratum	estrato
36	syntagm	sintagma
37	system network	rede do sistema
38	system-&-process	sistema-e-processo
39	systemic indeterminacy	indeterminação sistêmica
40	systemics	sistêmica / teoria sistêmica
41	tenor (register)	sintonia (registro)
42	Theme-matter	Tema-assunto

43	thing (fenômeno)	ser
44	Thing (gramatical)	Ente
45	thing (semântico)	ente
46	Token	Símbolo
47	tone	movimento tônico
48	tonic prominence	proeminência tônica
49	trinocular perspective	perspectiva trinocular
50	unit	unidade

NOTAÇÃO SISTÊMICA

Seguimos, nesta tese, a formalização da produção de redes dos sistemas (MATTHIESSEN, 1995; MATTHIESSEN; HALLIDAY, 1997).

REALIZAÇÃO

Estrutura:

Operação	Símbolo	Operador 1	Operador 2	Exemplo
Inserção	+	Função		+ oração
Expansão	()	Função	Função	Tema (Default)
Ordem	^	Função	Função	Sujeito ^ Finito

Sobreposição:

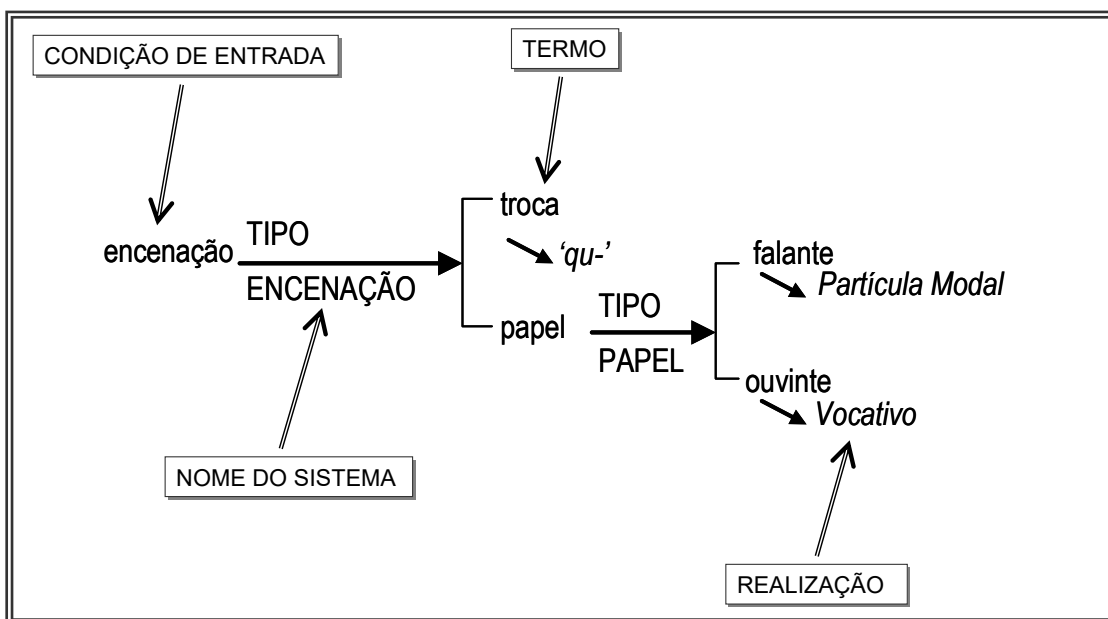
Operação	Símbolo	Operador 1	Operador 2	Exemplo
Confluência	/	Função	Função	Processo/Predicador

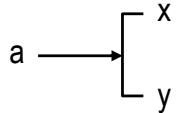
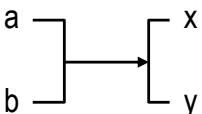
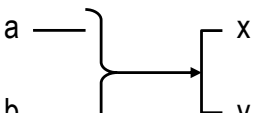
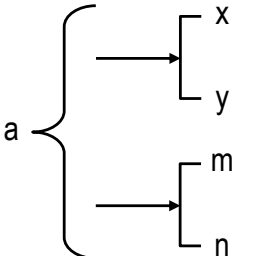
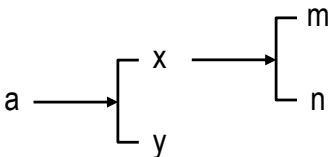
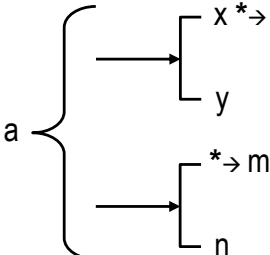
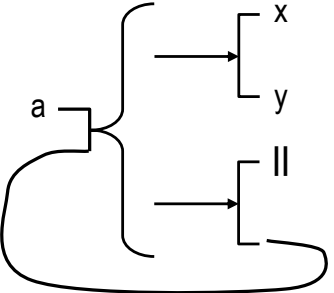
Realização entre ordens:

Operação	Símbolo	Operador 1	Operador 2	Exemplo
Pré-seleção	:	Função	Elemento	Processo : grupo verbal

Fonte: Traduzida e adaptada de Matthiessen e Halliday (1997, p. 98).

REDE DOS SISTEMAS



	<p>Sistema:</p> <p>Se 'a', então 'x' ou 'y' $\rightarrow a : x / y$</p>
	<p>Disjunção na condição de entrada:</p> <p>Se 'a' ou 'b', então 'x' ou 'y' $\rightarrow a / b : x / y$</p>
	<p>Conjunção na condição de entrada:</p> <p>Se 'a' e 'b', então 'x' ou 'y' $\rightarrow a \& b : x / y$</p>
	<p>Sistemas simultâneos (cosseleção):</p> <p>Se 'a', então 'x' ou 'y', e 'm' ou 'n' $\rightarrow a : x / y \& m / n$</p>
	<p>Ordenação por delicadeza:</p> <p>Se 'a', então 'x' ou 'y'; se 'x', então 'm' ou 'n' $\rightarrow a : x / y; x : m / n$ $\rightarrow [a : x : m; a : x : n]$</p>
	<p>Restrição na condição de entrada:</p> <p>Se 'x', então também 'm' $\rightarrow x^* \rightarrow \& \rightarrow^* m$</p>
	<p>Sistema iterativo (componente lógico):</p> <p>Se 'a', então 'x' ou 'y' e, simultaneamente, opção para selecionar do mesmo sistema novamente.</p>

Fonte: Traduzida e adaptada de Matthiessen e Halliday (1997, p. 98).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	24
1 CONTEXTO	34
1.1 GÊNERO	37
1.2 REGISTRO	42
1.2.1 Sintonia	45
1.2.2 Modo.....	46
1.2.3 Campo.....	47
2 LÍNGUA: SISTEMA SOCIOSSEMIÓTICO	51
2.1 DEFINIÇÃO, EIXOS E DIMENSÕES	51
2.1.1 Sistema e estrutura.....	52
2.1.2 Estratificação	54
2.1.3 Metafunção	57
2.1.4 Instanciação	58
2.2 ESTRATO SEMÂNTICO-DISCURSIVO	60
2.2.1 Identificação das unidades de significado: base da ideação	61
2.2.1.1 Elemento	63
2.2.1.2 Figura.....	69
2.2.1.3 Sequência de figuras	72
2.3 UNIDADE BÁSICA DA LÍNGUA: O TEXTO	74
2.3.1 Tessitura.....	75
2.3.2 Coesão	75
2.4 O SISTEMA DE IDEACÃO	78
3 METODOLOGIA DE PESQUISA	83
3.1 O CORPUS	83
3.2 ANOTAÇÃO DE DADOS	86
3.3 METODOLOGIA DE DESCRIÇÃO LINGÜÍSTICA.....	90
4 O SISTEMA DE IDEACÃO: UMA PROPOSTA DE DESCRIÇÃO	93
4.1 ESTRUTURA COMPOSICIONAL: A ESCALA DE ORDENS DA SEMÂNTICA-DISCURSIVA.....	96
4.2 A ENTIDADE E O LÉXICO: RELAÇÕES DISCURSIVAS E RELAÇÕES TAXONÔMICAS.....	101
4.3 IDENTIFICANDO A ENTIDADE.....	107
4.4 O SISTEMA DE IDEACÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	123
4.4.1 As relações entre as entidades	123
4.4.2 Unidades de configuração das entidades	124
4.4.2.1 Substância	124
4.4.2.2 Classe.....	125
4.4.2.3 Qualidade.....	126
4.4.2.4 Quantidade.....	127
4.4.2.5 Metáfora.....	128
4.4.3 A construção do gênero a partir da relação entre as entidades	129
CONCLUSÃO	139

REFERÊNCIAS	143
--------------------------	------------

ANEXO.....	149
-------------------	------------

TEXT0 1 – SA_EINS_2015_0_AA_002.....	150
--------------------------------------	-----

TEXT0 2 – SA_IJCS_2018_4_AA_004.....	152
--------------------------------------	-----

TEXT0 3 – SA_JBP_2018_3_AA_001	153
--------------------------------------	-----

TEXT0 4 – SA_RPP_2018_1_AA_001.....	154
-------------------------------------	-----

TEXT0 5 – SA_RSAM_2015_0_AA_008	156
---------------------------------------	-----

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Esta tese, vinculada à linha de pesquisa *Estudos da Língua em Uso*, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN), afilia-se aos Estudos Linguísticos, mais especificamente aos de descrição linguística de base sistêmico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), pois apresenta, sob a perspectiva discursiva dessa teoria e em um *corpus* em português brasileiro de língua em uso, uma proposta de descrição do fenômeno responsável por construir a experiência: a IDEACÃO. Trata-se de um sistema semântico-discursivo que está relacionado ao modo como “a experiência da ‘realidade’, material e simbólica, é concebida no discurso”¹ (MARTIN; ROSE, 2007, p. 73). A partir dessa descrição, que será feita utilizando-se a introdução de artigos científicos das Ciências da Saúde, mais especificamente textos da Medicina, procura-se compreender a organização textual do conhecimento científico dessa área de estudos.

A língua, para a Linguística Sistêmico Funcional (LSF), é um sistema complexo de relações que tem a função de organizar o mundo material de forma simbólica: é por meio dela que se estabelecem relações interpessoais, bem como se mantém a ordem social (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997). Ela é, além disso, um sistema sociosemiótico estratificado, pois realiza diferentes significados, tais como fonológicos, grafológicos, gestuais, semântico-discursivos e gramaticais (HALLIDAY, 2002; MARTIN, 2013). Isso se dá por meio de escolhas paradigmáticas que constroem significado em um eixo sintagmático (MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007). Diferentemente do que se faziam alguns estudiosos da língua, que privilegiavam a estrutura, ou seja, o eixo sintagmático (MARTIN, 2013), a teoria que se adota aqui não leva em consideração apenas a organização sintagmática, mas sim a relação entre ela e as escolhas paradigmáticas (MARTIN, 1992).

Essa relação entre os recursos que produzem significado e a estrutura se dá por meio da realização: entre essas opções, fazem-se escolhas paradigmáticas no sistema para se estabelecer a estrutura sintagmática (MARTIN, 1992). Privilegiar, portanto, a organização sintagmática exclui as diversas possibilidades de produzir significado. É pelo fato de esta pesquisa ter como objetivo uma proposta de descrição das funções de um determinado sistema, a saber, o de IDEACÃO, bem como das diversas opções sistêmicas para realizá-las, que se afilia, aqui, a uma teoria que se preocupa com as relações entre unidades linguísticas de

¹ “[...] how our experience of ‘reality’ – material and symbolic reality – is construed in discourse”. Todas as traduções, nesta tese, foram feitas pelo autor, de modo que isso não mais será apontado no texto.

diversos tipos (MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007). Esse é um dos pontos que motiva este estudo a adotar a teoria Sistêmico-Funcional.

Para além dessas questões que envolvem a organização da língua, há uma relação entre esse fenômeno e o contexto: a cultura é realizada por meio dos significados da língua (MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007). Isso significa dizer que esse sistema sociosemiótico compreende um conjunto de recursos que realizam a atividade social. E esses significados, que são determinados pelo sistema, são instanciados na forma de textos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997; 2014; MARTIN, 2013). No entanto, a despeito de estudos destacarem essa relação entre língua e contexto (MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007), há uma carência de pesquisas que verificam como o texto é construído – e como a língua realiza os diferentes significados através dos estratos – a partir dessa interdependência (HAO, 2015; 2020).

Nesse sentido, o modelo de contexto proposto pela perspectiva discursiva da linguística sistêmico-funcional é o estratificado, em que há o estrato do gênero e o do registro (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007; 2008). Os gêneros constituem-se de processos sociais orientados por meio de estágios com a finalidade de atender a alguma demanda social e são realizados por configurações do registro, as quais, por sua vez, são realizadas por meio de significados linguísticos (MARTIN; ROSE, 2007; 2008). Com isso, o conhecimento acadêmico, aqui, no caso, aquele produzido pelas Ciências da Saúde, pode ser examinado por meio da língua: o modo como a Linguística Sistêmico Funcional entende a produção de significado permite que se explore a construção do conhecimento acadêmico (HAO, 2015). Isso significa dizer que a descrição do sistema de IDEACÃO na introdução de artigos científicos das Ciências da Saúde fornecerá conhecimentos sobre essa área de estudos.

Na relação entre o contexto e a língua, esta produz significados semântico-discursivos que realizam os daquele (MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007). Uma das formas de isso acontecer, de acordo com Martin (1992) e Martin e Rose (2007), é por meio de recursos que estabelecem relações semântico-discursivas, quais sejam, a repetição, a sinonímia, o contraste, entre outras. Trata-se de relações, chamadas de taxonômicas, que dizem respeito às classificações e às composições de elementos do estrato mais abstrato da língua, o semântico-discursivo (MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007). Essa investigação se parece, em certo ponto, com estudos do português brasileiro que abordam a coesão lexical, proposta por Halliday e Hasan (1976) para o inglês, pelo fato de se preocuparem com a seleção e o

mapeamento de vocabulário (cf. ANTUNES, 2005; MARCUSCHI, 2008; KOCH, 2016; GONÇALVES, 2000; OLIVEIRA, 2013; OLIVEIRA, 2017).

No entanto, chama a atenção a associação que se faz entre as relações semântico-discursivas e a coesão lexical. As entidades, recursos linguísticos que estabelecem essas relações, as quais são organizadas pelo sistema de IDEIAÇÃO, são associadas a itens lexicais, sendo, inclusive, definidas como elementos nominais que estabelecem coesão lexical no discurso (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007; HAO, 2015; 2020). Não obstante, entendendo que, segundo Halliday e Matthiessen (2014), o léxico e a gramática pertencem ao mesmo estrato, chamado de lexicogramática, e que essas relações se estabelecem no estrato semântico-discursivo, essa associação vai de encontro com a própria definição do que seria coesão textual, que, de acordo com Halliday e Hasan (1976), diz respeito a relações de significado que são estabelecidas, segundo Halliday e Hasan (1976), Martin (1992) e Martin e Rose (2007), na semântica-discursiva.

Para além disso, as propostas que analisam as relações semânticas as abordam a partir do eixo sintagmático, investigando-as quase exclusivamente em um estrato da língua, o que impede que se entenda a funcionalidade desse fenômeno: algumas dessas relações, por exemplo, são mais esperadas em determinados gêneros (cf. ANTUNES, 2005). O fato, portanto, de essas descrições não contemplarem a relação entre os estratos, bem como entre a língua e o contexto, impossibilita verificar como a presença delas contribui para o fluxo discursivo e para a organização e construção do texto (cf. ANTUNES, 2005; MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007). Com isso, há a necessidade de se descrever a língua levando-se em consideração também o eixo paradigmático (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997; 2014; MARTIN, 1992), investigando a relação entre os estratos da língua, bem como entre ela e o contexto.

Voltando-se aos estudos de Halliday e Hasan (1976) e a aqueles que seguem essa proposta, destaca-se aqui o fato de os significados produzidos por meio de relações semânticas dizerem respeito, para eles, a recursos não estruturais, pertencendo ao fenômeno chamado de *coesão* (cf. HALLIDAY; HASAN, 1976). No entanto, embora se faça uma distinção entre os recursos estruturais e não estruturais (cf. HALLIDAY; HASAN, 1976), colocando-se, de um lado, os recursos gramaticais (gramática) e, de outro, os coesivos (coesão), ressaltando a diferença entre essas funções, não se faz, para isso, uma justificativa teórica, mas apenas descritiva, ao se analisar a realização dessas funções no texto (MARTIN, 1992). O que se faz nesta tese, seguindo a teoria discursiva da Sistêmico-Funcional, é, ao

distinguir funções estruturais das não estruturais, descrever, a partir da base teórica sistêmica, a realização dessas funções por meio dos estratos em um outro nível de abstração da língua, que é o semântico-discursivo, o que permitirá fazer generalizações de padrões estruturais e não estruturais (MARTIN, 1992).

Um outro ponto de interesse desta pesquisa diz respeito às unidades da língua que extrapolam os limites da oração: a composição de um texto vai além da conjunção de orações (HALLIDAY; HASAN, 1976). Ao mesmo tempo em que essa distinção é levada em consideração, há uma limitação do estudo do discurso na oração que aponta para um problema: se a oração pertence à gramática, aquela não poderia ser, portanto, uma unidade do discurso (MARTIN, 1992; ALVES, 2018). Ao privilegiar a investigação da língua para além do nível da gramática, associam-se funções semântico-discursivas ao contexto, ou seja, os significados daquele estrato realizam os do estrato acima (MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007). Com isso, descrever as unidades do estrato semântico-discursivo é um dos passos para a descrição que se pretende fazer aqui, bem como para entender a relação entre língua e contexto, mais especificamente, aquele relacionado às Ciências da Saúde.

Ao privilegiar o nível de maior abstração da língua, que é o semântico-discursivo, busca-se solucionar um problema que diz respeito ao texto (MARTIN, 1992). Em termos de estrutura experiencial, estudos, como os de Halliday e Matthiessen (1989), apontam como unidade mais extensa a oração, que, na gramática, é ampliada quando combinada a outras orações em uma estrutura lógica de interdependência (MARTIN, 1992). Não obstante, essa combinação, que resulta em orações complexas, fenômeno presente nos estudos de Halliday e Matthiessen (2014), bem como nos de Halliday e Hasan (1976), faz voltar à seguinte questão, que diz respeito ao limite: ainda que seja a unidade mais extensa, a oração é limitada quanto ao estudo de padrões que vão além do estrato gramatical (MARTIN, 1992). Isso porque se lida, na gramática, com funções gramaticais, e não semântico-discursivas.

Diante disso, diferentemente de outras pesquisas que investigaram os recursos responsáveis por estabelecer cadeias de relações semânticas (cf. HALLIDAY; HASAN, 1976; ANTUNES, 2005; MARCUSCHI, 2008; KOCH, 2016; GONÇALVES, 2000; OLIVEIRA, 2013; OLIVEIRA, 2017), este estudo, ao utilizar uma perspectiva discursiva da Teoria Sistêmico-Funcional, apresenta uma proposta de descrição de um sistema que organiza essas relações semântico-discursivas estabelecidas pelas entidades, chamado de IDEIAÇÃO. Diante disso, algumas perguntas motivam esta pesquisa:

- i) como identificar os recursos linguísticos que estabelecem relações no estrato semântico-discursivo?
- ii) que tipo de relações no estrato mais abstrato da língua estabeleceriam as entidades?
- iii) qual a relação entre entidade e item lexical (ou elementos nominais)?
- iv) qual a relação entre o estrato semântico-discursivo da língua e o contexto no que diz respeito às relações estabelecidas pelas entidades?

Com isso, este estudo tem como objetivo geral apresentar, sob a perspectiva discursiva da teoria Sistêmico-Funcional, uma proposta de descrição do sistema de IDEACÃO do português brasileiro, visando a trazer contribuições para os Estudos Linguísticos, mais especificamente os de descrição linguística de base sistêmico-funcional. Com isso, pretende-se, aqui, promover a ampliação dos estudos desenvolvidos no âmbito da linha de pesquisa em que este projeto se insere: Estudos da Língua em Uso.

Assim, esse objetivo geral implica os seguintes objetivos específicos:

1. definir o elemento responsável por estabelecer relações semântico-discursivas do sistema de IDEACÃO;
2. examinar unidades que são responsáveis por compor a entidade;
3. identificar as relações semântico-discursivas estabelecidas pelas entidades;
4. analisar a contribuição das relações semântico-discursivas na introdução de artigos científicos das Ciências da Saúde.

Desse modo, o estudo que se faz aqui apresenta, sob a perspectiva discursiva da teoria Sistêmico-Funcional (MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007), uma proposta de descrição do sistema semântico-discursivo que organiza as funções que representam a experiência humana, o qual é chamado de IDEACÃO. Trata-se, assim, de um sistema de significados ideacionais que realizam significados do contexto. Essa descrição será feita em um *corpus* de língua em uso, o Corpus Acadêmico do Português Brasileiro (CAPB), mais especificamente na introdução de artigos científicos da área das Ciências da Saúde. Com isso, essa descrição permitirá entender a organização semântico-discursiva do conhecimento científico dessa área de estudos no português brasileiro. Dito isso, justifica-se aqui i) o vínculo deste estudo ao POSLIN e à linha de pesquisa em que se insere; ii) a relação desta pesquisa com o Grupo de

Estudos sobre Pragmática, Texto e Discurso (GEPTED) iii) a afiliação à perspectiva discursiva da teoria Sistêmico-Funcional; e iv) o uso do corpus CAPB.

Esta tese vincula-se à linha *Estudos da Língua em Uso*, da área Linguística Teórica e Descritiva do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (POSLIN/UFMG). Trata-se da linha de pesquisa desse programa cujos estudos visam a descrever os significados morfológicos, gramaticais, semânticos, fonético-fonológicos, sob perspectivas formais, funcionais, históricas, entre outras². Isso se dá por meio de discussões teóricas e análises tanto qualitativas (cf. MARCIANO, 2019) quanto quantitativas (cf. MIRANDA, 2016; 2021; OLIVEIRA, 2017). O vínculo, assim, se justifica uma vez que, neste trabalho, descreve-se, qualitativamente, um fenômeno da língua sob uma abordagem funcional e uma perspectiva sistêmica, buscando entender como ele ocorre em um discurso específico, que é o científico.

Com relação ao Grupo de Estudos sobre Pragmática, Texto e Discurso (GEPTED), que se interessa por temas que estejam ligados ao Texto e à Textualidade, bem como à Pragmática Discursiva e à (Im)polidez³, o vínculo desta pesquisa a ele se justifica tendo em vista que, assim como é objetivo desse grupo, propõe-se, aqui, compreender um fenômeno em um gênero discursivo: identificar a entidade e apresentar uma proposta de descrição das relações estabelecidas por esse elemento na introdução de artigos científicos das Ciências da Saúde. Pesquisas do GEPTED já investigaram fenômenos que caracterizam esse gênero (cf. OLIVEIRA; CUNHA; MIRANDA, 2018; OLIVEIRA, 2018; MIRANDA; OLIVEIRA, 2020, OLIVEIRA, 2020; ALVES; MIRANDA; OLIVEIRA, 2022). Com isso, esta pesquisa pode instigar outras novas a serem realizadas nesse grupo de estudos.

Para além do vínculo institucional, o estudo que se faz aqui se afilia à Teoria Sistêmico-Funcional, uma vez que (i) a abordagem funcional permite a relação entre a língua e o contexto e (ii) o modelo sistêmico entende que o significado está na diferença, levando em consideração tanto as escolhas paradigmáticas quanto a estrutura sintagmática da língua (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997; MARTIN, 1992). Isso permitirá o desenvolvimento desta pesquisa, que, como mencionado anteriormente, apresenta uma proposta de descrição de um sistema do estrato semântico-discursivo cujos significados realizam os do contexto. Ainda, vincula-se a essa teoria pelo fato de ela entender a língua como um sistema estratificado (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997; MARTIN, 1992), possibilitando estudos

² Disponível no site do POSLIN: <<http://www.poslin.letras.ufmg.br/area1.php>>. Acesso em: 17 de dez. 2022

³ Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/?web=gepted&lang=1&page=&menu=&tipo=1>. Acesso em: 17 de dez. 2022.

que investiguem diferentes significados linguísticos, tais como os gramaticais (cf. FIGUEREDO, 2007; 2011; SÁ, 2016; PAULA, 2017; ALVES, 2017) e semântico-discursivos (cf. ALVES, 2018; FIGUEREDO, 2019), bem como que abordem o contexto, mais especificamente o gênero (OLIVEIRA, 2015; 2018; KOGUT, 2017; SAIORO, 2021).

Por fim, para se realizar essa descrição, são utilizadas introduções de artigos científicos extraídos do Corpus Acadêmico do Português Brasileiro (CAPB). Esse *corpus* foi desenvolvido pelo projeto intitulado CAPB (MIRANDA; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2018), que envolveu docentes e discentes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Por meio dele, foi possível o desenvolvimento de pesquisas como as de Miranda e Oliveira (2016); Morleo (2017); Cordeiro (2018); possível a investigação de padrões no estrato semântico-discursivo, bem como a sua reação Oliveira, Cunha e Miranda (2017; 2018); e Alves, Miranda e Oliveira (2022). Como se trata de um *corpus* que permite estudos sobre a interface semântica e contexto⁴, será com o contexto. Uma vez que é constituído de textos acadêmicos, isso possibilitará o conhecimento do discurso científico das Ciências da Saúde.

Tendo isso em vista, esta tese, que apresenta uma proposta de descrição do sistema responsável por organizar as cadeias de relações semântico-discursivas e as funções que representam a experiência humana, promove contribuições para o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN) e para a área Estudos da Língua em Uso, em que se insere, bem como para a Teoria Sistêmico-Funcional, à qual é afiliada.

Em primeiro lugar, pelo fato de se preocupar em descrever um fenômeno da língua sob uma abordagem funcional e uma perspectiva sistêmica, esta pesquisa contribui para a área de concentração a que ela pertence: Linguística Teórica e Descritiva. Essa área reúne “pesquisas que abordam aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos, fonético-fonológicos e pragmáticos das línguas naturais, sob diversos ângulos, tais como: formal, funcional, experimental, histórico, comparado, sócio-variacionista, psicolinguístico, crítico-textual”. Além disso, os Estudos da Língua em Uso é uma linha vinculada ao POSLIN a que este estudo pertence. Dessa forma, contribuir para ela significa trazer contribuições também para esse programa, uma vez que este estudo possui discussões capazes de fomentar a produção do conhecimento na área de Linguística Teórica e Descritiva. Isso contribuirá, dessa forma, “para

⁴ Disponível no site do Projeto CAPB: <<https://sites.google.com/view/corpusacademico/projeto?authuser=0>>.

o desenvolvimento do campo de conhecimento, com vistas à promoção do avanço do pensamento científico”⁵.

Em segundo lugar, promove-se uma contribuição teórica para o modelo de estratificação da Linguística Sistemico-Funcional. Isso é afirmado, pois, além de descrever aqui o sistema de IDEAÇÃO do português brasileiro, busca-se também contribuir para o desenvolvimento de uma metodologia de descrição linguística da semântica-discursiva, bem como para a identificação de um dos recursos linguísticos que estabelece relações semântico-discursivas: a entidade. Essa descrição tem, inclusive, relação com outros sistemas do estrato semântico-discursivo. Como observado na descrição da CONEXÃO do português brasileiro (cf. ALVES, 2018), a partir do qual se estabelecem relações lógico-semânticas entre a figura e a sequência, os elementos e as unidades do estrato semântico-discursivo contribuem para a identificação do tipo de relação estabelecida por esse sistema (ALVES, 2018; 2019).

Além disso, ainda há uma relação entre o sistema de CONEXÃO e o fenômeno a ser estudado aqui. As relações lógico-semânticas realizam, no estrato semântico-discursivo, as séries de atividades⁶ do contexto, as quais descrevem os diversos tipos de campo (MARTIN, 1992; HAO, 2015). Essa variável do contexto, portanto, contribui para a descrição de um determinado gênero: “um campo se distingue de outros campos pelo modo como constrói taxonomias” (HAO, 2020, p. 56). Por exemplo, no conhecimento acadêmico, utilizam-se entes técnicos; em campos especializados, ferramentas utilitárias (MARTIN, 1992). Vale, no entanto, como já discutido anteriormente, investigar que tipo de relações são estabelecidas pelas entidades, uma vez que as relações taxonômicas promovidas por esses elementos estão relacionadas ao que é chamado por Martin (1992), Martin e Rose (2007) e Hao (2015; 2020, 2022) de coesão lexical. Diante disso, para entender o discurso das Ciências da Saúde, bem como a construção da introdução de um artigo científico nessa área do conhecimento, deve-se descrever as relações semântico-discursivas.

Para a realização deste estudo, esta tese se estrutura e se organiza de forma específica. Após a introdução, em que se apresentaram os objetivos e a justificativa deste estudo, há o primeiro capítulo, intitulado “Contexto: gênero e registro”. Trata-se da primeira parte do referencial teórico, em que se discute a respeito dos seguintes conceitos da Teoria Sistemico-Funcional: ‘contexto de situação’, ‘contexto de cultura’, ‘gênero’ e ‘registro’. Explorá-los,

⁵ Disponível no site do POSLIN: <<http://www.poslin.letras.ufmg.br/programaobjetivos.php>>.

⁶ Em Martin (1992) e Martin e Rose (2007), essas relações são chamadas de sequências de atividades. Aqui, optou-se por seguir o estudo de Hao (2020), que distingue terminologicamente as relações no campo, as quais são chamadas de séries de atividades, e as do estrato semântico-discursivo, nomeadas sequências.

neste estudo, ajudará a entender, posteriormente, a relação entre os sistemas de IDEAÇÃO e o contexto, na introdução de artigos científicos das Ciências da Saúde.

No segundo capítulo, intitulado “A língua: um sistema sociossemiótico”, serão introduzidos os principais pressupostos teóricos da Sistêmico-Funcional que contribuirão para que se compreenda como essa teoria entende a língua. Inicialmente, serão apresentados a definição, os eixos e as dimensões desse sistema sociossemiótico, abordando conceitos tais como os de ‘sistema’ e ‘estrutura’; ‘estratificação’; ‘metafunção’; e ‘instanciação’. Após isso, uma vez que a proposta de descrição da IDEAÇÃO diz respeito a um sistema que é semântico-discursivo, serão discutidos os elementos da base da ideação e as unidades desse estrato a partir da perspectiva discursiva da teoria Sistêmico-Funcional (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007).

O terceiro capítulo, intitulado “Metodologia de Pesquisa”, introduzirá os critérios utilizados para o tratamento dos dados e a metodologia de descrição linguística de base sistêmico-funcional. É nele que se apresentarão o *corpus* utilizado na análise que será feita neste estudo, bem como o método para a anotação e extração dos dados e o de descrição linguística. Mais especificamente, trata-se dos passos que constituem o processo de descrição, que são fundamentais para que ele se realize.

Em sequência, o próximo capítulo é nomeado “O sistema de IDEAÇÃO: uma proposta de descrição”. Nele, discute-se, em primeiro lugar, a respeito das relações semânticas-discursivas e da escala de ordens do estrato mais abstrato da língua. Após isso, dedica-se a identificar o elemento que estabelece as relações semântico-discursivas do sistema de IDEAÇÃO, fazendo-se tanto uma discussão a respeito das entidades, tais como a (não) relação delas com o léxico, quanto das unidades que a compõem. Por fim, é apresentada uma proposta de descrição linguística do sistema de IDEAÇÃO do português brasileiro.

No último capítulo, é apresentada a conclusão desta pesquisa. Ele traz também algumas projeções futuras, bem como propostas de continuidade desta pesquisa. Entende-se que há a necessidade de continuar a descrição do sistema de IDEAÇÃO, além das discussões que dizem respeito ao estrato mais abstrato da língua, que é o semântico-discursivo. Há, portanto, a preocupação de dar continuidade a este estudo, que não deve se encerrar aqui.

**CONTEXTO:
GÊNERO E REGISTRO**

1 CONTEXTO

“O conhecimento é transmitido em contextos sociais, por meio de relações, como as de pais e filhos, ou professor e aluno, ou colegas, que são definidas nos sistemas de valores e ideologia da cultura.”⁷

(Halliday; Hasan, 1989, p. 5)

Para se produzir qualquer texto, parte-se, primeiramente, de algum lugar: um texto é um objetivo a ser atingido a partir de alguma demanda social (MARTIN; ROSE, 2008). Esse propósito é alcançado para organizar o mundo natural, organização que se dá pela língua, que é um recurso por meio do qual se criam significados (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997; MARTIN, 1999). Essas definições têm influência no modelo de língua proposto por Halliday (1978), que a entende como o texto funcionando no contexto: “ambiente em que o texto se desdobra”⁸ (HALLIDAY; HASAN, 1989, p. 5). Iniciaram-se aqui essas definições para se chegar ao objetivo deste capítulo: entender como o contexto é concebido pela perspectiva discursiva da Teoria Sistêmico-Funcional.

Recorrendo-se às definições de contexto social, Malinowski (1925) o estratificou em dois níveis: i) o de situação e ii) o de cultura, os quais são necessários para que se compreenda o texto, o que pode ser observado na Figura 1 a seguir:

Figura 1 – Interpretação estratificada da relação entre a língua e o contexto social



Fonte: traduzida e adaptada de Martin e Rose, 2008, p. 10.

⁷ “Knowledge is transmitted in social contexts, through relationships, like those of parent and child, or teacher and pupil, or classmates, that are defined in the value systems and ideology of the culture”.

⁸ “[...] the total environment in which text unfolds”.

Nessa teoria do contexto social, as culturas dos falantes são manifestadas em situações específicas nas quais eles interagem, “e cada situação interacional se manifesta verbalmente no texto, isto é, o texto no contexto”⁹ (MARTIN; ROSE, 2008, p. 10). Isso significa dizer que não se podem entender os significados produzidos pela língua sem conhecer o contexto no qual estão inseridos: para explicá-los, deve-se fazer uma descrição tanto do texto, quanto do contexto em que ocorre (MARTIN, 2009). Para além desse contexto de situação, essa teoria também entende a necessidade de se descrever a cultura em que a língua produz significado: é necessário ser socializado em um mundo em que os significados fazem sentido (MARTIN, 2009).

Aprofundando esse conceito de Malinowski (1923;1935), Firth (1957) buscou entender quais os aspectos do contexto de cultura eram relevantes para se fazer uma descrição linguística, adotando o termo ‘registro’ para se referir à relação entre a língua e o contexto de situação (MARTIN, 2009). Com relação ao registro, identificaram-se três categorias principais, que são o ‘campo’, que diz respeito à organização da realidade e do conhecimento; o ‘modo’, que é a constituição de cada significado individual como parte do texto (que pode ser falado ou escrito); e a ‘sintonia’, que se refere à maneira como as pessoas se relacionam (MARTIN, 2009; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Esses conceitos serão discutidos, de forma mais aprofundada, nas próximas seções.

O modelo de contexto que este estudo segue é o estratificado, em que há o estrato do gênero e o do registro (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2008). Fazendo-se uma associação aproximada aos estudos de Malinowski (1923;1935), que defende a importância do contexto de cultura e de situação para se produzirem e interpretarem os significados, o primeiro, de certa forma, corresponde ao gênero, e o segundo, ao registro (MARTIN, 2009). Não se trata aqui de uma relação direta, mas uma possível associação, uma correspondência entre conceitos de ambos autores: Malinowski (1923;1935) e Martin (1992; 2009).

No caso do gênero, que será melhor definido na próxima seção, ele diz respeito a processos sociais orientados para atingir algum propósito da sociedade, tais como ‘fazer compras’, ‘contar uma história’, ‘escrever uma carta’, entre outros. Nesse sentido, tudo que é realizado socialmente envolve a participação em algum gênero, e “a cultura, vista nesses termos, pode ser definida como um conjunto de atividades interpretáveis genericamente”¹⁰ (MARTIN, 2009, p. 10); por isso a relação entre os conceitos ‘contexto de cultura’ e ‘gênero’.

⁹ “[...] and that each interactional situation is manifested verbally as unfolding text, i.e. as text in context”.

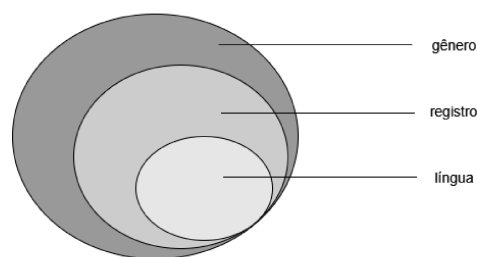
¹⁰ “[...] Culture seen in these terms can be defined as a set of generically interpretable activities”.

Já com relação ao registro, ele é um sistema semiótico, mas, diferentemente da língua, necessita de outro sistema (por exemplo, a própria língua) para produzir significado (MARTIN, 2009). A relação que se faz entre esse estrato e o contexto de situação está no fato de as variáveis do registro, quais sejam, o campo, a sintonia e o modo, poderem ser associadas ao que Malinowski (1923) chama de contexto de situação, que é a situação específica em que determinado significado foi produzido: por exemplo, quem está fazendo, o que e onde está sendo feito. Esses aspectos da situação podem, em certa medida, serem relacionadas aos significados produzidos pelas variáveis do registro, os quais, inclusive, são mais facilmente identificáveis que os da língua:

Em primeiro lugar, lembre-se de que o campo, o modo e a sintonia produzem tipos de significado muito gerais. Mesmo na própria língua, os significados gramaticais são mais gerais do que os lexicais (a estrutura de TRANSITIVIDADE Ator Processo Meta, que pode ser interpretada como 'X faz algo para Y', tem um significado mais geral que as palavras que podem preencher seus papéis, como em “Maria abraçou John”, por exemplo). E os significados dos registros são ainda mais gerais. [...] Verdade, não se pode vê-los. Mas os indivíduos geralmente são mais conscientes dos significados associados ao registro e ao gênero, uma vez que você os aponta, do que dos significados gramaticais¹¹ (MARTIN, 2009, p. 11).

Segue abaixo a Figura 2, que ilustra o modelo estratificado do contexto adotado neste estudo. As próximas seções abordarão, de forma mais detalhada, os seus estratos.

Figura 2 – Língua, registro e gênero



Fonte: traduzida e adaptada de Martin, 2009, p. 11.

A seguir, na próxima seção, discute-se a respeito de um dos estratos do contexto, o qual é nomeado gênero.

¹¹ “First of all remember that field, mode and tenor make very general kinds of meaning. Even within language itself, grammatical meanings are more general than lexical ones (the TRANSITIVITY structure Actor Process Goal, which we might gloss as 'X does something to Y', makes a more general meaning than the wordings which might fill its roles, as in Mary hugged John, for example). And register meanings are more general still. [...] True, we cannot see them. But speakers are generally more conscious of the meanings associated with register and genre, once you point them out, than they are of grammatical meanings”.

1.1 Gênero

“Como as coisas são feitas quando a língua é usada para realizá-las...”¹²

(Martin, 1985, p. 20)

Na vivência em sociedade, os indivíduos ocupam espaços sociais, nos quais se apropriam de configurações linguísticas específicas para realizarem determinados processos sociais (MARTIN; ROSE, 2008). Esses processos são chamados aqui de gêneros, os quais são orientados para atingir um objetivo específico da sociedade (MARTIN; ROSE, 2008). Nesse sentido, quando se fala em configuração linguística para atender a uma demanda social, admite-se a existência de uma relação entre a língua e a estrutura social (HALLIDAY; HASAN, 1989). O que se quer dizer com isso é que, do ponto de vista social, os indivíduos estabelecem relações interpessoais, organizam o mundo de forma simbólica, realizam atividades por meio da língua¹³ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997).

No que diz respeito à definição de gênero, este é, como dito anteriormente, realizado por configurações linguísticas específicas. Por exemplo, quando os processos sociais dizem respeito a atividades que envolvem experimentos, há uma maior probabilidade de se realizarem conexões causais (cf. HAO, 2015; 2020). Já naqueles que envolvem o uso da língua com o papel de facilitar a execução de uma atividade não linguística, como as receitas, há ocorrências significativas de conexões temporais, que realizam, por exemplo, ações que devem ocorrer simultaneamente (cf. ALVES, 2018; 2019). Há, portanto, uma configuração recorrente de significados que representam as práticas sociais de uma determinada cultura (MARTIN; ROSE, 2008).

Esses padrões previsíveis de significado variam desde uma gama relativamente simples de recursos da língua que podem ser usados para cumprimentar nossos vizinhos, ou para comprar mercadorias em uma loja, até os significados mais complexos encontrados em relatórios científicos ou debates políticos. No entanto, até mesmo esses significados complexos se enquadram em padrões consistentes por meio dos quais é possível reconhecer e prever como cada gênero provavelmente se desdobrará e,

¹² “[...] how things get done, when language is used to accomplish them”.

¹³ O capítulo 3 se dedica à definição de língua com base na teoria Sistêmico-Funcional. Em resumo, trata-se de um sistema sociosemiótico por meio do qual os indivíduos estabelecerem as relações no mundo material; de forma simbólica, a língua o organiza, de modo a facilitar a sobrevivência daqueles que a utilizam (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997).

assim, gerenciar novas informações e interagir de forma adequada e estratégica.¹⁴ (MARTIN; ROSE, 2007, p. 8).

Além da realização nos estratos da língua, os gêneros são processos sociais que se organizam em estágios a fim de atingir um determinado objetivo (MARTIN; ROSE, 2008). A explicação para isso se dá da seguinte forma: eles são compostos por etapas, porque são necessários mais passos para atingir uma meta; são sociais, porque se moldam a partir de contextos específicos; e são orientados para um objetivo, porque são usados para cumprir atividades na sociedade (MARTIN; ROSE, 2007; 2008). Em resumo, cada gênero tem suas próprias etapas, as quais se estabelecem de acordo com a função que esse processo tem na sociedade (MARTIN; ROSE, 2008).

Esses estágios são etapas relativamente estáveis na organização de um gênero, além de necessárias para que ele cumpra a sua função social: “são recursos básicos da cultura para organizar o discurso no nível do texto”¹⁵ (MARTIN; ROSE, 2008). Isso significa dizer, desse modo, que, a fim de que se atinja o propósito de um gênero – como, por exemplo, introduzir uma atividade, recontar eventos, engajar indivíduos para resolver alguma complicação, entre outros –, os textos passam por estágios que ajudam a distinguir um gênero do outro (ROSE, 2008; MARTIN; ROSE, 2012). Isso pode ser observado no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Exemplos de gêneros

gênero	objetivo	estágio
relato	relatar evento	Orientação Registro de eventos
narração	resolver uma complicação	Orientação Complicação Avaliação Resolução

¹⁴ “Such predictable patterns of meaning can vary from the relatively simple range of language resources we might use to greet our neighbours, or to buy goods in a shop, to the more complex meanings we might find in scientific reports or political debates. But even such complex meanings fall into consistent patterns that make it possible for us to recognize and predict how each genre is likely to unfold, and so manage new information, and interact appropriately and strategically”.

¹⁵ “[...] these stages are some of the basic resources of the culture for organizing discourse at the level of the text”.

relatório	classificar e descrever coisas	Classificação Descrição
explicação	explicar sequência de eventos	Fenômeno Explicação
procedimento	como fazer uma atividade	Propósito Equipamento Passos
exposição	argumentar por um ponto de vista	Tese Argumento Reiteração

Fonte: traduzido e adaptado de Martin, 2012, p. 02.

Como se observa no Quadro 1 acima, foram usados os seguintes gêneros como exemplo: relato, narrativa, relatório, explicação, procedimento e exposição. Cada um deles é composto por estágios diferentes, que são as etapas que os caracterizam. Por exemplo, como se percebe no relato, cujo objetivo é relatar um evento, esse gênero se constitui, no inglês, das seguintes fases Orientação ^ Registro de eventos, enquanto o procedimento, que tem a finalidade de mostrar como se faz uma atividade, é composto por Propósito ^ Equipamento ^ Passos¹⁶. Além desse componente do gênero, o qual é estável, há também as fases, que constituem os estágios, mas, diferentemente deles, são variáveis (ROSE, 2008).

Quadro 2 – Os gêneros e seus componentes

	gênero	objetivo	estágios	fases
Histórias	Relato	relatar eventos	Orientação Eventos	<i>contextualização descrição</i>
	Narração	solucionar uma complicação	Orientação Complicação Solução	<i>eventos problema solução</i>
	Anedota	compartilhar uma reação emocional	Orientação Complicação (Avaliação)	<i>reação resultado comentário</i>
	Exemplum	julgar o caráter ou comportamento de alguém.	Orientação Complicação (Avaliação)	<i>reflexão episódio (pode incluir outras fases)</i>

¹⁶ Nesta pesquisa, seguindo os trabalhos de Martin e Rose (2007; 2012) e Rose (2008), os estágios serão representados com a inicial maiúscula. Além disso, será utilizado o seguinte símbolo (^), o qual significa que um estágio é seguido por outro.

Crônicas	autobiografia	contar eventos da própria vida	Orientação Eventos da vida	<i>nascimento, família, eventos da infância</i>
	biografia	contar estágios da sua vida	Orientação Estágios da vida	<i>nascimento, família, infância, estágios da fama</i>
	relato histórico	contar eventos históricos	Bastidores Estágios históricos	<i>tópico, antecedentes estágios</i>
	narração histórica	contar eventos históricos (causas e consequências)	Bastidores Estágios históricos	<i>tópico, antecedentes estágios</i>
Explicações	explicação sequencial	explicar uma sequência	Fenômeno Explicação	passo 1, 2...
	explicação condicional	causas e efeitos alternativos (<i>se a, então b</i>)	(Fenômeno) Explicação	condição 1, 2...
	explicação fatorial	múltiplas causas para um efeito	Fenômeno:resultado Explicação	resultado fator 1, 2...
	explicação consequencial	múltiplos efeitos de uma causa	Fenômeno:resultado Explicação	causa consequência 1, 2...
Relatórios	descrição	classificar e descrever algo	Classificação Descrição	fases dependem do tópico (ex.: comportamento, aparência...)
	classificação	classificar e descrever tipos de coisas	Classificação Descrição	tipo 1, 2...
	relato de composição	descrever partes de um grupo	Classificação Descrição	parte 1, 2...
Procedimentos	procedimento	instruções de como completar uma atividade	Propósito, Equipamento Método	hipótese, ingredientes passo a passo
	protocolo	regras do que fazer ou não fazer	Propósito Regras/Lista	regras, avisos...
	relatório de experimento/observação	relatar e avaliar o experimento/observação	Objetivo, Equipamento, Método, Resultado, Discussão	hipótese passo a passo avaliação dos resultados
	estudo de caso	relatar e avaliar ocorrências pontuais	Problema, Informações prévias, Descrição, Avaliação Recomendações	fases dependem do tópico
	plano estratégico	planejar estratégias	Propósito, Informações prévias, Estratégias, Avaliação	fases dependem do tópico

Argumentações	exposição	defender um ponto de vista	Hipótese Argumentos Reafirmação	posicionamento, argumentos, revisão, reafirmação
	discussão	apresentar dois ou mais pontos de vista	Problema Pontos de vista Resolução	problema, pontos de vista, resolução
Respostas	revisão	avaliar um texto literário, visual ou musical	Contexto Descrição do texto Julgamento	texto, autor passos/componentes do texto avaliação do texto
	interpretação	interpretar temas ou estéticas de um texto	Avaliação Sinopse do texto Reavaliação	texto, prévia dos temas temas, técnicas avaliação, síntese dos temas
	interpretação comparativa	interpretar temas em mais de um texto	Avaliação Sinopse do texto Reavaliação	textos, prévia dos temas avaliação, síntese

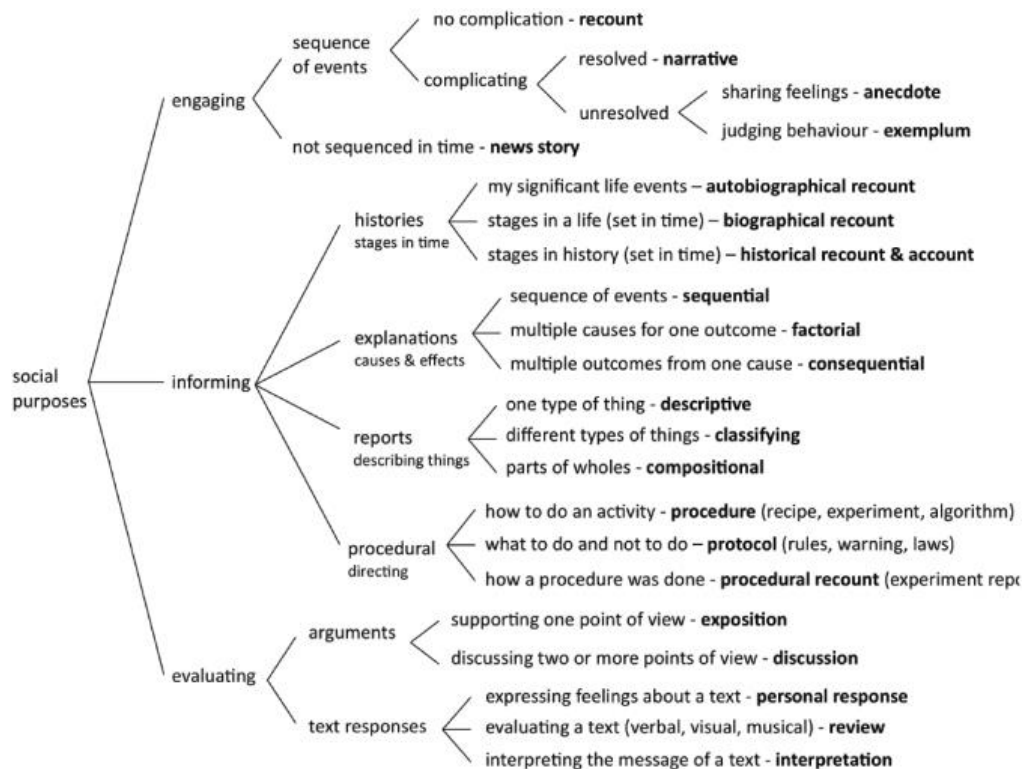
Fonte: traduzido e adaptado de Rose, 2020, p. 06.

Ainda com relação às fases, textos que pertencem ao mesmo gênero podem conter fases diferentes. Uma autobiografia, cujo objetivo é contar eventos da própria vida de quem a escreve, tem os seguintes estágios: Orientação ^ Estágios da vida. Entre as fases, há nascimento, família e eventos da infância; no entanto, não necessariamente todas elas precisam estar presentes, bem como pode haver outras novas, tendo em vista, ainda, que se trata de um gênero muito pessoal e subjetivo: “as fases dentro de cada estágio são muito mais variáveis; [...] podem ser exclusivas de um determinado texto.”¹⁷ (MARTIN; ROSE, 2007, p. 10).

Em resumo, como se observa no Quadro 2, há uma divisão dos gêneros em três grupos: i) os de engajamento, que são aqueles que pertencem às Histórias e Crônicas; ii) os de informação, que dizem respeito às Explicações, aos Relatórios e aos Procedimentos; iii) os de avaliação, relativos às Argumentações e às Respostas (MARTIN; ROSE, 2008; 2012; ROSE, 2020). Cada gênero é composto de estágios e fases para atender a um propósito social, para que cumpra uma determinada função social. As categorias presentes em Rose (2020), as quais estão presentes no Quadro 2, são o resultado de uma revisão daquelas apresentadas em Martin e Rose (2008; 2012); estas podem ser conferidas abaixo:

¹⁷ “But phases within each stage are Much more variable; [...] phases may be unique to the particular text”.

Figura 3 – Eixos paradigmático e sintagmático



Fonte: Martin e Rose, 2012, p. 128.

Em sequência, a próxima seção discute o outro estrato do contexto, o qual é chamado de registro.

1.2 Registro

No início deste capítulo, em que se discutiu o contexto, mencionaram-se as definições de Malinowski (1923) e posteriormente as de Halliday e Matthiessen (2014) a respeito desse conceito. Como observado, o que é chamado de ‘contexto de situação’ está relacionado a três funções sociais da língua, quais sejam, o estabelecimento, a manutenção e o tipo das relações sociais; a construção da experiência de uma atividade social; e, por fim, as organizações e as interpretações das informações na construção textual (MARTIN; ROSE, 2008; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). É nessas três dimensões gerais que os contextos de situações variam: “a dimensão que diz respeito aos relacionamentos é conhecida como ‘sintonia’; aquele que se preocupa com a sua atividade social é conhecida como ‘campo’; e aquela que se

preocupa com o papel da língua diz respeito ao ‘modo’¹⁸ (MARTIN; ROSE, 2008, p. 11). Essas dimensões do contexto de situação são caracterizadas da seguinte forma:

- **campo** – o que está acontecendo na situação: i) a natureza da atividade social e semiótica; e (ii) o domínio da experiência a que essa atividade está relacionada (o ‘assunto’ ou o ‘tópico’).
- **sintonia** – quem está participando da situação: (i) os papéis desempenhados por aqueles que participam da atividade sócio-semiótica – (1) papéis institucionais, (2) papéis de status (poder, igual ou desigual), (3) papéis de contato (familiaridade, variando de estranhos a íntimos) e (4) papéis sociométricos (afeto, seja neutro ou parcial, positivo ou negativo); e (ii) os valores que os indivíduos imbuem o domínio (seja neutro ou parcial, positiva ou negativamente)
- **modo** – que papel está sendo desempenhado na situação pela língua e pelos outros sistemas semióticos: (i) a divisão do trabalho entre atividades semióticas e sociais (variando das atividades semióticas constitutivas da situação até as facilitadoras); (ii) a divisão do trabalho entre as atividades linguísticas e outras atividades semióticas; (iii) modo retórico: a orientação do texto para o campo (por exemplo, informativo, didático, explicativo, explicativo) ou para a sintonia (por exemplo, persuasivo, exortativo, exortativo, polêmico); (iv) turno: dialógico ou monológico; (v) meio: escrito ou falado; (vi) canal: fônico ou gráfico.¹⁹ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 33).

Essas variáveis do contexto de situação, definidas acima por Halliday e Matthiessen (2014), constituem o que aqui, na perspectiva discursiva da teoria Sistêmico-Funcional, chama-se de registro (cf.: MARTIN; ROSE, 2007; 2008). O conjunto de sistemas dessas variáveis refere-se ao registro de um texto: à medida que ele “varia, também variam os padrões de significados encontrados em um texto”²⁰ (MARTIN; ROSE, 2008, p. 11). Acontece que a língua realiza o contexto social, cujas dimensões são realizadas respectivamente pelas metafunções: a ideacional, responsável por construir a experiência; a interpessoal, que diz respeito às relações sociais; e a textual, referente à organização do

¹⁸ “The dimension concerned with relationships between interactants is known as tenor; that concerned with their social activity is known as field; and that concerned with the role of language is known as mode”.

¹⁹ **field** – what’s going on in the situation: (i) the nature of the social and semiotic activity; and (ii) the domain of experience this activity relates to (the ‘subject matter’ or ‘topic’).

tenor – who is taking part in the situation: (i) the roles played by those taking part in the socio-semiotic activity – (1) institutional roles, (2) status roles (power, either equal or unequal), (3) contact roles (familiarity, ranging from strangers to intimates) and (4) sociometric roles (affect, either neutral or charged, positively or negatively); and (ii) the values that the interactants imbue the domain with (either neutral or loaded, positively or negatively).

mode – what role is being played by language and other semiotic systems in the situation: (i) the division of labour between semiotic activities and social ones (ranging from semiotic activities as constitutive of the situation to semiotic activities as facilitating); (ii) the division of labour between linguistic activities and other semiotic activities; (iii) rhetorical mode: the orientation of the text towards field (e.g. informative, didactic, explanatory, explicatory) or tenor (e.g. persuasive, exhortatory, hortatory, polemic); (iv) turn: dialogic or monologic; (v) medium: written or spoken; (vi) channel: phonic or graphic.

²⁰ “As register varies, so too do the patterns of meanings we find in a text”.

discurso (MARTIN; ROSE, 2008). Essas funções sociais serão discutidas, neste estudo, de forma mais detalhada, no próximo capítulo. No Quadro 3, a seguir, essas metafunções estão relacionadas às variáveis do registro:

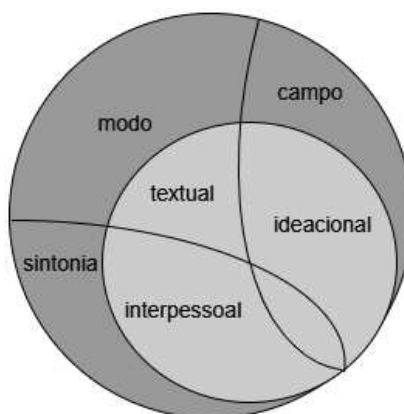
Quadro 3 – A relação entre as variáveis do registro e as metafunções

REGISTRO		METAFUNÇÃO	
sintonia	‘tipos de relações’	interpessoal	‘estabelecer’
campo	‘a ação social que está acontecendo’	ideacional	‘construir’
modo	‘qual parte da língua está em jogo’	textual	‘organizar’

Fonte: traduzido e adaptado de Martin e Rose, 2008, p. 11.

No que diz respeito às variáveis do registro, esta pesquisa segue os estudos de Martin (1992), bem como os de Martin e Rose (2007; 2008). Na Figura 4, a seguir, relacionam-se respectivamente as variáveis ‘sintonia’, ‘modo’ e ‘campo’, que organizam o contexto, às metafunções ‘interpessoal’, ‘textual’ e ‘ideacional’, as quais organizam a língua.

Figura 4 – As variáveis do registro em relação às metafunções



Fonte: Martin e Rose, 2008, p. 11.

Nas próximas seções, essas variáveis de registro serão discutidas de forma mais aprofundada.

1.2.1 Sintonia

No contexto social, a variável do registro responsável pelo estabelecimento, pela manutenção e pelo tipo de relação social é a sintonia (MARTIN; ROSE, 2008). Está relacionada ao status e à solidariedade, as dimensões, respectivamente, vertical e horizontal das relações interpessoais (MARTIN; ROSE, 2008). Para além disso, considera-se também o fato de as relações serem moldadas por meio do contato com o outro: pode-se amá-lo, ou odiá-lo, bem como gostar deles, ou não: “esses próprios sentimentos são um tanto voláteis, dependem, em parte, das emoções envolvidas em momentos específicos”²¹ (MARTIN, 2009, p. 16). Isso significa dizer que, dependendo de determinados momentos e ações, as relações entre pessoas próximas podem ser modificadas.

A dimensão vertical, ou seja, o status, diz respeito às igualdades e às desigualdades, concentrando-se nas relações de poder, em que se desempenham papéis dominantes ou deferentes (MARTIN; ROSE, 2008; MARTIN, 2009). Ou seja, os indivíduos de mesmo status costumam compreender essa igualdade entre eles, fazendo as escolhas semelhantes, enquanto aqueles de status desiguais fazem escolhas diferentes (MARTIN; ROSE, 2008). Já no que diz respeito à dimensão horizontal da sintonia, isto é, a solidariedade, está relacionada à distância social: o alinhamento e a afinidade com o outro, preocupando-se com os papéis próximo e distante “dependendo da quantidade e tipos de contato que as pessoas têm umas com as outras, e com a carga emocional dessas relações”²² (MARTIN; ROSE, 2008, p. 12). Essas dimensões da variação da sintonia podem ser verificadas na Figura 5 a seguir:

Figura 5 – Dimensões da variação da sintonia



Fonte: traduzida e adaptada de Martin, 2009, p. 13.

²¹ “These feelings themselves are somewhat volatile, depending in part on our emotions from moment to moment”.

²² “[...] amount and kinds of contact people have with one another, and with the emotional charge of these relations [...]”.

Conforme é mostrado na Figura 5 acima, as dimensões status e contato focam, respectivamente, nas relações de poder e na afinidade entre as pessoas no que diz respeito aos papéis que ocupam socialmente. Nesse sentido, uma vez que elas moldam as relações sociais que ocorrem, ambas as perspectivas devem ser consideradas quando se analisam textos (MARTIN, 2009).

1.2.2 Modo

As informações, na construção de qualquer gênero, organizam-se de uma forma específica, organização pela qual a variável modo é responsável (MARTIN; ROSE, 2008). Os canais de comunicação, tais como o telefone, o filme, a televisão, o e-mail, têm efeitos na comunicação, uma vez que afetam a relação entre os indivíduos (MARTIN, 2009). Por exemplo, uma das diferenças no que diz respeito à comunicação entre os canais televisão e rádios é o fato de a primeira permitir o contato visual, removendo o *feedback* auditivo, e o segundo removerem esse contato visual, mas manterem o *feedback* (MARTIN, 2009). Essa comparação entre diferentes canais pode ser observada na Figura 6 abaixo:

Figura 6 – O efeito de diferentes canais de comunicação

face a face	vídeo conferência	telefone	TV	rádio	SMS	carta	resenha de livro
+ auditivo + visual	+ auditivo + visual mediado	+ auditivo - visual	+ auditivo + visual unilaterais	+ auditivo unilateral; feedback; - visual	feedback um pouco atrasado; - visual	feedback atrasado; - visual (mas pode ser ilustrado)	feedback avaliativo

Fonte: traduzida e adaptada de Martin, 2009, p. 14.

Essa variável do registro, o modo, também afeta a relação entre a língua e o que está acontecendo. Por exemplo, a forma como a língua age em determinados canais é diferente: a narração de um jogo de futebol feita por meio do rádio é muito mais distante da língua em ação que da televisão, uma vez que, neste caso, há a possibilidade de o público e o comentarista poderem visualizar o que está acontecendo; enquanto naquele apenas o comentarista tem acesso a essa modalidade visual (MARTIN, 2009). O afastamento ainda se torna maior quando se considera o comentário dos jogadores feito após o jogo, em que a ação é reconstruída, em vez de comentada:

O que está acontecendo é que a língua está se tornando cada vez mais distante daquilo sobre o que se estava falando, não apenas em termos de distância temporal (distância da cena do crime, por assim dizer), mas eventualmente em termos de abstração. A escrita abstrata não diz respeito ao que se pode tocar, saborear, ouvir, ver ou cheirar, embora, é claro, no final, se o que se escreve for material em algum sentido, ele deve se conectar com fatos observáveis de algum tipo ou outro²³ (MARTIN, 2009, p. 14).

Uma outra dimensão do modo está relacionada a variações de diálogo e monólogo. Ela diz respeito ao fato de os indivíduos poderem ouvir e ver uns aos outros, bem como de eles conseguirem obter uma resposta (MARTIN; ROSE, 2008).

1.2.3 Campo

O campo é responsável pela interação entre os indivíduos e o mundo, fornecendo uma perspectiva semiótica social da estrutura do conhecimento (MARTIN, 2007; 2009). Trata-se da variável de registro que constrói a experiência de uma atividade social: “consiste em séries de atividades que são orientadas para algum propósito institucional global”²⁴, que envolvem pessoas, processos, lugares e qualidades, elementos que são organizados em taxonomias (MARTIN; ROSE, 2008, p. 13). Nesse sentido, de acordo com Martin (1992) e Martin e Rose (2008), são dois os tipos de relações que contribuem para a construção dessa variável de registro: as séries de atividades e as taxonomias.

De acordo com eles, as primeiras estão relacionadas aos processos que implicam as séries de etapas de um determinado processo social, por exemplo: o encontro, posteriormente o relacionamento inicial e, por fim, o casamento – um evento segue o outro (MARTIN; ROSE, 2007). Já as segundas distinguem um campo de outro a partir das relações entre os elementos, como a repetição, a sinonímia, o contraste, “que constroem uma imagem de pessoas e coisas à medida que o texto se desdobra”²⁵ (MARTIN; ROSE, 2007, p. 75).

Entre as relações, este estudo se preocupa com as últimas, aquelas que se estabelecem por meio de entidades. Chama a atenção para o fato de que são nomeadas taxonômicas essas relações, uma vez elas dizem respeito a categorias gerais, estabelecidas pela coesão lexical (cf. MARTIN, 1999; MARTIN; ROSE, 2007). Seria a partir delas que se criaria a experiência

²³ “What is happening along this scale is that language is becoming further and further removed from what it is actually talking about, not simply in terms of temporal distance (distance from the scene of the crime as it were), but eventually in terms of abstraction as well. Abstract writing is not really about anything you can touch, taste, hear, see or smell, though of course, in the end, if what we write is in any sense material, it must connect with observable facts of some kind or other”.

²⁴ “[...] a field consists of sequences of activities that are oriented to some global institutional purpose [...]”.

²⁵ “[...] that build a picture of people and things as the text progresses”.

humana (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007; HAO, 2015; 2020). No entanto, parece haver um problema teórico se se entende que relações taxonômicas, estabelecidas por entidades, que são consideradas itens lexicais por Martin (1992) e Martin e Rose (2007) e que promovem coesão lexical, estão em um estrato responsável por relações semântico-discursivas. Considera-se que a relação entre itens lexicais, entidades, coesão lexical e relações taxonômicas merece uma discussão, a qual será feita no capítulo destinado à análise.

Voltando-se à discussão a respeito do campo, essa variável do registro, assim como as outras, não tem estrutura própria; por isso, são realizadas na língua de duas maneiras:

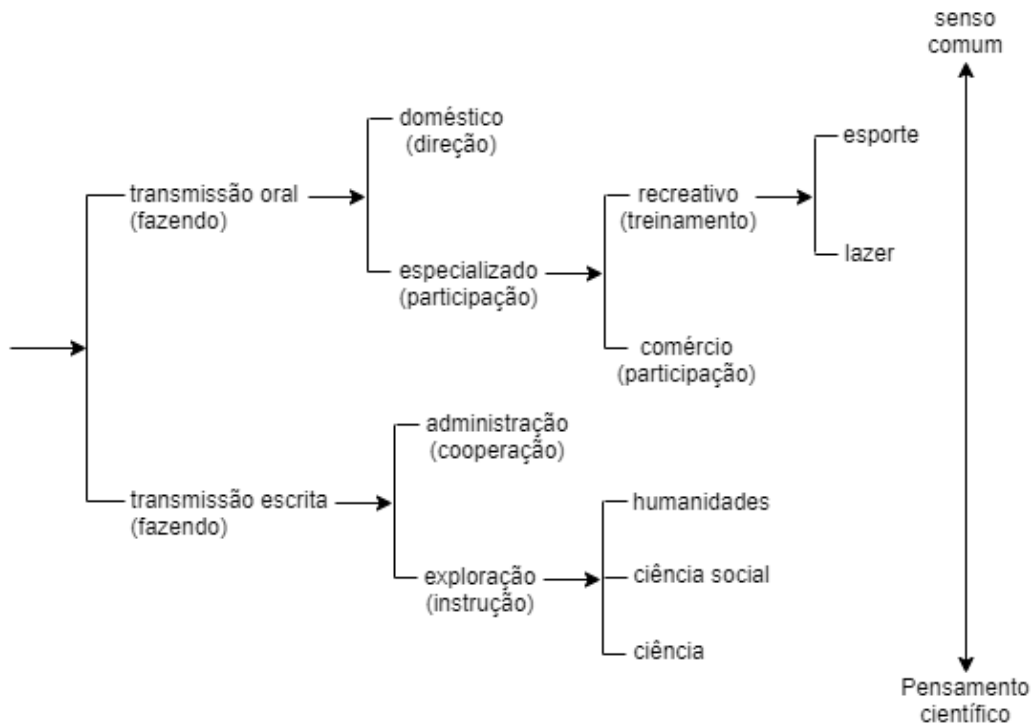
A primeira é tornar certas escolhas linguísticas muito mais prováveis do que outras. O resultado disso é que, à medida que ouvimos um texto, certos padrões de escolha começam a se destacar de uma forma não aleatória. Esses padrões representam uma escolha de registro particular presente no texto. A segunda maneira é as categorias de registro assumirem um pequeno número de escolhas linguísticas como suas²⁶ (MARTIN, 2009, p. 12-13).

Isso significa dizer que o campo está relacionado aos padrões de significados semântico-discursos ideacionais, que se deve pela relação natural entre a língua e o contexto (HAO, 2015). A descrição da semântica do discurso, portanto, não é claramente independente da descrição do campo, uma vez que as relações semântico-discursivas dessa variável são realizadas por meio de funções linguísticas (HAO, 2015). Em resumo, uma vez que o campo é associado ao conhecimento e pelo fato de os significados ideacionais realizarem essa variável, “a exploração da estrutura do conhecimento é tratada linguisticamente como a exploração do campo do discurso” (MARTIN, 2007, p. 34).

A seguir, na Figura 7, há uma relação entre os diferentes campos sugerida por Martin (1992):

²⁶ “The first is to make certain linguistic choices much more likely than others. The result of this is that as we listen to a text, certain patterns of choice begin to stand out in a non-random way. These patterns represent a particular register choice telling us it's there. The second way is for register categories to take over a small number of linguistic choices as their own”.

Figura 7 – Classificação do campo



Fonte: traduzida e adaptada de Martin, 1992, p. 544.

A classificação de Martin (1992) separa aqueles campos que pertencem a um senso comum daqueles pertencentes a um pensamento científico. Outra distinção é feita entre os que são transmitidos oralmente, como os domésticos e especializados, e os que são transmitidos por meio da escrita, como administração e exploração. Por fim, o conhecimento acessado em casa por crianças antes dos cinco anos se refere aos campos domésticos, enquanto o conhecimento educacional introduzido na escola e o técnico no ensino superior é associado ao campo de exploração (HAO, 2015).

No próximo capítulo, será abordado o sistema sociossemiótico que realiza esses significados do contexto: a língua.

LÍNGUA:
UM SISTEMA SOCIOSSEMIÓTICO

2 LÍNGUA: SISTEMA SOCIOSSEMIÓTICO

A realidade social em que se vive é constituída por significados: uma construção semiótica (cf. HALLIDAY; MATTIENSEN, 1997), na qual estão em jogo os diversos sistemas semióticos, como a língua (cf. HALLIDAY; MATTHIENSEN, 2014), a linguagem corporal (cf. ZAPPAVIGNA; MARTIN, 2018; SAIORO, 2018), a imagem (cf. KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), sistemas esses que são foco de descrição da teoria a que este estudo se afilia. Nesse sentido, uma vez que esta pesquisa apresenta uma proposta de descrição da IDEIAÇÃO, que é um sistema semântico-discursivo da língua, o interesse, aqui, é esse sistema semiótico, a fim de mostrar como se produz significado por meio dele. Diante disso, serão apresentados, neste capítulo, os principais pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) no que diz respeito à língua, de modo a construir uma fundamentação teórica para a pesquisa que se desenvolve nesta tese.

2.1 Definição, eixos e dimensões

Usamos a língua para interagir uns com os outros, para estabelecer e manter nossas relações interpessoais, bem como a ordem social. A partir disso, nós interpretamos e representamos o mundo para nós e para os outros. A língua é uma parte natural da “vida”, e ela também é usada para “armazenar” a experiência acumulada ao longo desse processo, tanto individual quanto coletiva. Ela é, entre outras coisas, uma ferramenta para representar o conhecimento ou, olhando para isso em termos da própria língua, para construir significado.²⁷ (HALLIDAY; MATTHIENSEN, 1997, p. 2).

A língua é a peça fundamental para se estabelecerem as relações no mundo material, é ela que, simbolicamente, organiza-o, de modo a facilitar a sobrevivência daqueles que a utilizam (HALLIDAY; MATTHIENSEN, 1997). Para além de, como já enfatizado por Saussure (2012), ser um produto do processo social, uma vez que é por meio da troca contínua de significados entre os indivíduos que aprendem língua, esta é também um potencial de significado compartilhado (HALLIDAY; MATTHIENSEN, 1997). Isso se deve pelo fato de, ao mesmo tempo em que é adquirida, adquire-se o conhecimento sobre o mundo, já que outras ‘coisas’ são também aprendidas por meio dela: “nesse processo, que também é

²⁷ “We use language to interact with one another to construct and maintain our interpersonal relations and the social order that lies behind them; and in doing so we interpret and represent the world for one another and for ourselves. Language is a natural part of the process of living; it is also used to 'store' the experience built up in the course of that process, both personal and collective. It is (among other things) a tool for representing knowledge or, to look at this in terms of language itself, for constructing meaning [...]”.

um processo social, a construção da realidade é indissociável da construção do sistema semântico em que a realidade está codificada.”²⁸ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997, p. 2). É diante disso que se afirma que a língua constrói a realidade de forma simbólica.

Entre os diversos sistemas semióticos, a língua é um fenômeno natural que compreende um conjunto de recursos dispostos sistematicamente para produzir significados, o que contribui para a construção da cultura (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997). Uma vez que há a relação direta entre língua e realidade social, aquela deve ser, portanto, interpretada dentro de um contexto sociocultural:

os contextos em que os significados são trocados não são desprovidos de valor social; um contexto de fala é em si mesmo uma construção semiótica, tendo uma forma (derivada da cultura) que permite aos participantes prever características do registro predominante – e, portanto, compreender uns aos outros à medida que avançam.²⁹ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997, p. 3).

Para além de passar uma informação e entender o outro, a língua é usada para estabelecer relações interpessoais e manter a ordem social; e é por meio dela que o mundo é interpretado e representado simbolicamente: os indivíduos participam ativamente na estrutura social, em que se estabelecem e se trocam valores e conhecimento (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997). A questão a que se quer chegar aqui, neste capítulo, diz respeito ao modo como a língua se organiza para a produção desses significados; serão discutidos, na próxima seção, os eixos ‘sistema’ e ‘estrutura’.

2.1.1 Sistema e estrutura

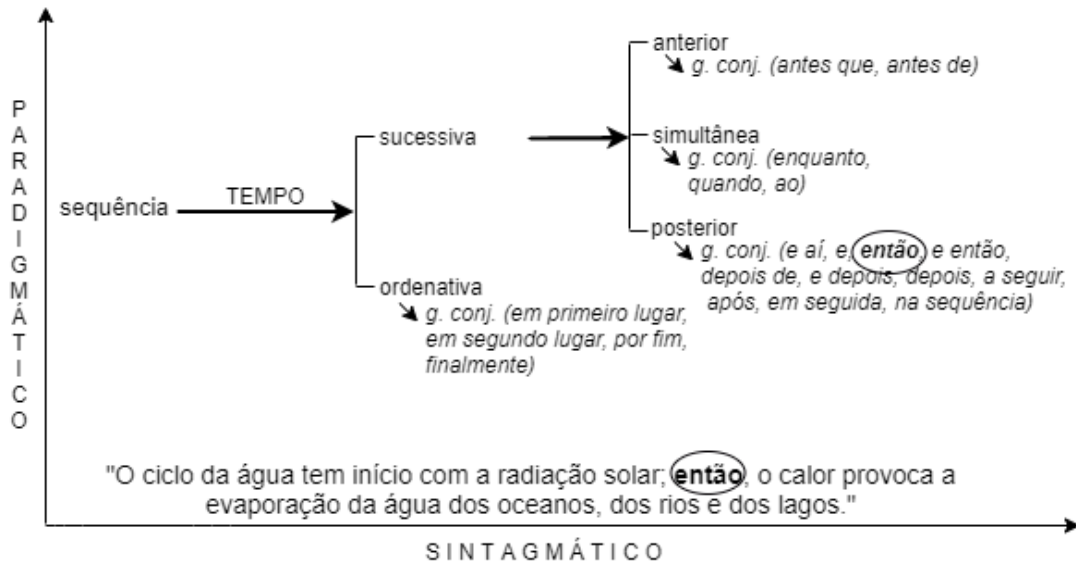
Duas considerações principais sobre a língua feitas por Saussure (2012) dizem respeito (i) à definição desse fenômeno, que é um sistema complexo de relações, e (ii) à identificação dos seus eixos: o sintagmático e o paradigmático. Este é também um dos princípios da Linguística Sistêmico-Funcional, que trata, de um lado, da estrutura (relações sintagmáticas) e, de outro, do sistema (relações paradigmáticas) (HALLIDAY, 2002; MARTIN, 1992; 2013). E é a relação desses dois eixos um dos princípios da Linguística Sistêmico-Funcional

²⁸ “In this process, which is also a social process, the construal of reality is inseparable from the construal of the semantic system in which the reality is encoded”.

²⁹ “The contexts in which meanings are exchanged are not devoid of social value; a context of speech is itself a semiotic construct, having a form (deriving from the culture) that enables the participants to predict features of the prevailing register - and hence to understand one another as they go along”.

que demonstra como se constrói significado por meio da língua: o sistema comporta diversas opções, entre as quais se fazem escolhas para a realização da estrutura sintagmática (HALLIDAY, 2002; MARTIN, 1992; 2013). Veja-se a seguir:

Figura 8 – Eixos paradigmático e sintagmático



Fonte: elaborado pelo autor.

Como se observa na Figura 8, o sistema TEMPO, da CONEXÃO³⁰, está relacionado à ordem paradigmática, em que há opções sistêmicas (ordenativa e sucessiva: anterior, simultânea ou posterior). E a escolha que se faz para construir significado diz respeito à ordem sintagmática; observa-se a realização da opção posterior (*então*) a seguir: “o ciclo da água tem início com a radiação solar; *então*, o calor provoca a evaporação da água dos oceanos, dos rios e dos lagos”. Isso significa dizer que se trata de uma noção paradigmática de escolha, em que a Teoria Sistêmico-Funcional se baseia (HALLIDAY, 2002).

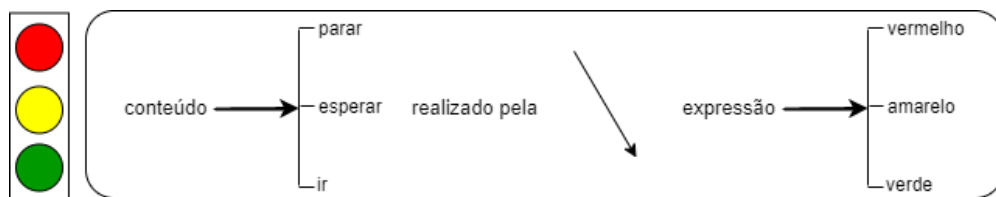
Além dessa relação que existe entre estrutura e sistema, respectivamente os eixos sintagmático e paradigmático, a língua é um sistema semiótico estratificado. Isso diz respeito a uma das dimensões desses fenômenos, que é a estratificação, sobre a qual se discutirá na próxima seção.

³⁰ Ver: dissertação Alves (2018).

2.1.2 Estratificação

No mundo material, uma das possibilidades de se organizar a estrutura social se dá por meio de códigos, que são sistemas de signos que possuem os seguintes conceitos: conteúdo e expressão (HALLIDAY, 2002). Por exemplo, o sinal de trânsito, que é o código utilizado para controlar o tráfego de veículos, é organizado por meio da relação desses dois conceitos mencionados.

Figura 9 – Eixos paradigmático e sintagmático

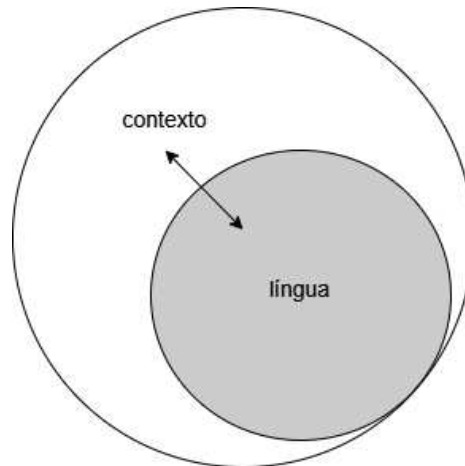


Fonte: traduzida e adaptada de Halliday, 2002.

Como apresentados na Figura 9, os significados do conteúdo estão relacionados aos significados da expressão. O que se quer dizer com isso é que a estratificação relaciona diferentes ordens de realidade; trata-se de um domínio da língua que é responsável para que, nesse sistema sociossemiótico estratificado, a saída de um processo de codificação seja a entrada para outro (HALLIDAY, 2002). No caso do sinal de trânsito, há aqui uma relação de um para um; enquanto, na língua, não se tem um sistema simples de sinais, mas um sistema estratificado, que possui outros níveis de abstrações (MARTIN, 2013).

Nesse sentido, recorrendo às dicotomias de Saussure (2012) que dizem respeito à composição do signo linguístico, o ‘significante’ e o ‘significado’, entende-se aqui que a língua comporta diferentes planos, mas ela não é um sistema simples, e sim um sistema estratificado de signos, tendo seu próprio plano de conteúdo estratificado (HJELMSLEV, 1947). Em resumo, na comunicação dos animais, por exemplo, o que se tem é uma fusão entre conteúdo e expressão, e pensar desse modo a língua humana é entendê-la de forma limitada, uma vez que, considerando essa relação de um para um, os diversos significados que a compõem, tais como os fonológicos, grafológicos e gestuais; semântico-discursivos; e gramaticais, não poderiam ser realizados simultaneamente (MARTIN, 2002; 2013). Um sistema simples, dessa forma, não daria conta da complexidade do sistema da língua humana, inclusive pelo fato de realizar um fenômeno ainda mais complexo, que é o contexto social (MARTIN, 1999; MARTIN; ROSE, 2007).

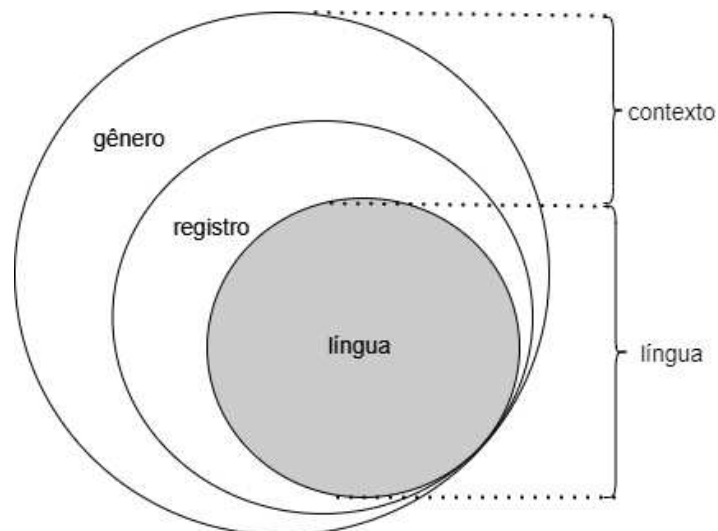
Figura 10 – A realização do contexto por meio da língua



Fonte: traduzida e adaptada de Martin, 1999, p. 36.

A Figura 10, acima, mostra a relação que há entre o contexto e a língua. Como discutido anteriormente, as relações que são estabelecidas no mundo material, que aqui será tratado como contexto, são realizadas por meio da língua. Para além disso, “esta constrói, é construída e, com o tempo, reconstrói e é reconstruída pelo social”³¹ (MARTIN, 1999, p. 36). No nível do contexto, há dois outros estratos, que são o gênero e o registro: o primeiro diz respeito aos “processos sociais orientados por etapas a um objetivo social”, e o segundo, às configurações possíveis da língua, as quais realizam etapas do gênero (MARTIN; ROSE, 2008, p. 6). Veja-se essa relação na Figura 11 a seguir:

Figura 11 – A realização do contexto por meio da língua

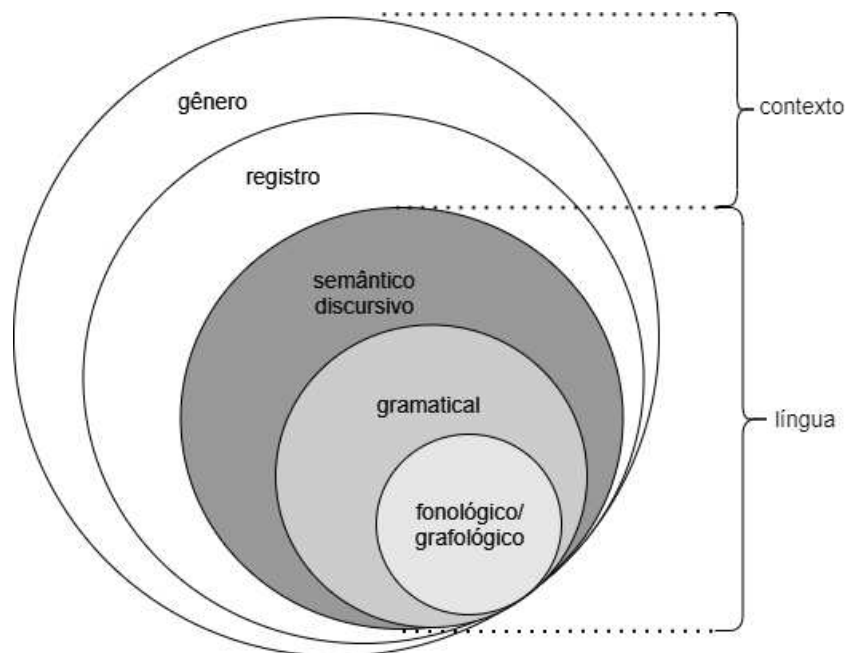


Fonte: traduzida e adaptada de Martin, 1999.

³¹ “[...] since language construes, is construed by and, over time, reconstrues and is reconstrued by the social”.

No início desta seção, foi discutida a complexidade da língua, que é um sistema sociosemiótico estratificado. Na realização de um estrato tão abstrato como o contexto, a língua produz diferentes significados, tais como os fonológicos, os gramaticais, os semântico-discursivos, produzidos em diferentes estratos (MARTIN, 1999). Mais especificamente, a língua comporta dois estratos: o conteúdo e a expressão. O primeiro é expandido em semântica-discursiva e gramática: os significados do contexto são realizados no estrato semântico-discursivo, cujos significados, por sua vez, realizam-se no gramatical. Com relação à expressão, ele diz respeito à materialidade da fala, da escrita, dos sinais/gestos, estrato que é chamado de fonológico/grafológico. Veja-se essa relação representada por meio da Figura 12:

Figura 12 – Estratificação



Fonte: traduzida e adaptada de Martin, 1992.

A relação entre os estratos, tanto os do contexto quanto os da língua, se dá da seguinte forma: aquele de nível acima realiza significados no abaixo. Por exemplo, voltando ao estrato do conteúdo, os significados da semântica-discursiva são realizados pelos da gramática (MARTIN, 1999). Diante disso, a língua se organiza da seguinte forma: a produção do significado dos estratos responsáveis pelo conteúdo é realizada pelo estrato da expressão. (MARTIN, 1999).

2.1.3 Metafunção

A língua é um sistema sociossemiótico que comporta diversos conjuntos de sistemas, os quais produzem diferentes significados (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997; MARTIN, 2007). Eles contribuem para a organização desses significados, que realizam as variáveis do contexto, agrupando-se de forma ideacional, interpessoal e textual. O que acontece é que o mundo natural é interpretado por meio dos significados produzidos no modo ideativo, o social é representado no modo interpessoal e, por fim, o fluxo das informações se organiza no texto no modo textual (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997; MARTIN, 2007). Veja-se o Quadro 4 a seguir:

Quadro 4 – Tipos de significado na relação com o contexto social

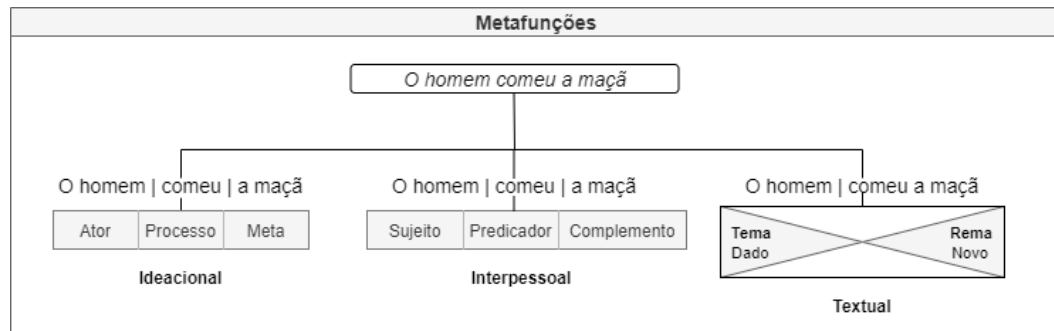
Metafunção	Interpretação da realidade	Variável contextual	Funcionalidade
Interpessoal	Realidade social	Sintonia	Estabelecer poder e solidariedade
Ideacional	Realidade “natural”	Campo	Construir atividade
Textual	Realidade semiótica	Modo	Compor o texto

Fonte: traduzido e adaptado de Martin, 2007, p. 72.

A metafunção ideacional diz respeito ao tipo de interação entre as coisas (Participantes) e os eventos (Processos)³². Nesse caso, a língua constrói a experiência humana, e é essa metafunção que representa a percepção das coisas que existem no mundo. Por sua vez, a metafunção interpessoal está relacionada ao estabelecimento e à manutenção, bem como ao tipo das relações: de poder, de polidez, de subserviência, entre outras. A metafunção textual, por fim, diz respeito à constituição de cada significado individual como parte do texto (que pode ser falado ou escrito). Ela é responsável pela organização das informações na construção do texto: a posição de quem o produz diante daquilo que enuncia – quais partes do texto são mais importantes, o modo como ele se relacionará com o ouvinte/leitor, entre outras escolhas. Nesse sentido, um texto comporta ambos significados, que podem ser observados na seguinte oração, na Figura 13 a seguir:

³² Processos/eventos/circunstâncias são termos que serão melhores explicados em seções posteriores desta tese.

Figura 13 – Metafunções



Fonte: elaborada pelo autor.

Como se nota acima, a oração “o homem comeu a maçã” comporta significados ideacionais, interpessoais e textuais. A metafunção, assim, diz respeito à variação dos sistemas e ao modo como eles se selecionam; trata-se do processo de agrupamento por meio do qual diferentes sistemas classificam simultaneamente um fenômeno. Isso significa dizer que, por exemplo, os sistemas de MODO, TRANSITIVIDADE E TEMA, respectivamente pertencentes às metafunções interpessoal, ideacional e textual, são selecionados ao mesmo tempo. Uma oração que é material (ou mental, ou relacional) pode ser, ao mesmo tempo, afirmativa (ou negativa) e tema marcado (ou não marcado). É por conta disso que se diz que os sistemas variam juntos (MARTIN, 1992).

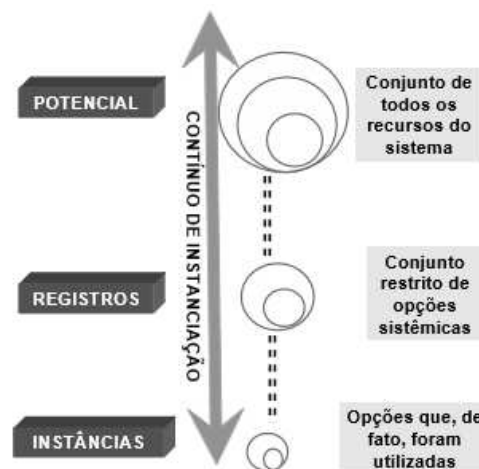
2.1.4 Instanciação

A língua tem um potencial sistêmico para a produção do significado: há diversos sistemas que comportam várias funções. Na construção de um texto, não se usa todo esse potencial; há uma seleção de funções específicas para serem empregadas dependendo do tipo de texto que se quer construir. Em outras palavras, há uma relação entre o potencial de criação de significado da língua e o texto: as diversas funções sistêmicas são instancias em textos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997; 2014; MARTIN, 2013). Nesse sentido, existem duas perspectivas envolvidas no processo que se chama instanciação: (i) a da língua como sistema e (ii) a da língua como texto (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Não se trata de dois objetos separados, mas o mesmo fenômeno visto de diferentes pontos de vista, ou seja, o sistema da língua é instanciado em forma de texto (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). A relação entre esses dois fenômenos pode ser metaforizada pela relação entre tempo e clima:

Tempo e clima não são duas coisas diferentes, são a mesma coisa: chamamos de tempo quando olhamos de perto e de clima quando olhamos de longe. O tempo está sempre ao nosso redor; é a instância real da temperatura, precipitação e movimento do ar que você pode ver, ouvir e sentir. O clima é o potencial que está por trás de todas essas coisas; é o clima visto à distância por um observador que está parado um pouco distante no tempo.³³ (HALLIDAY, 2007, p. 276).

De modo complementar, os textos variam sistematicamente de acordo com “a natureza do contexto em que eles são usados”³⁴, e, conseqüentemente, determinadas opções linguísticas são realizadas em determinados tipos de textos”. Devido a isso, é possível identificar em quais registros há maior probabilidade de determinadas funções serem realizadas. Isso acontece pelo fato de a escolha sistêmica não ser aleatória, já que as funções linguísticas realizam o estrato acima, que é o contexto. Dessa forma, do ponto de vista da instanciação, o processo de produção de significado pode ser disposto em um contínuo, representado na Figura 14 abaixo:

Figura 14 – Dimensão instancial do sistema linguístico



Fonte: Figueredo, 2011, p. 80.

No potencial da língua, são encontrados todos os recursos de significação que há no sistema. Conforme se desloca em direção à instância, o conjunto desses recursos se torna mais restritos, pois o uso das estruturas varia de acordo com a natureza dos textos, restringindo as

³³ “Weather and climate are not two different things, they are the same thing, which we call weather when we are looking at it close up, and climate when we are looking at it from a distance. The weather goes on around us all the time; it is the actual instance of temperature and precipitation and air movement that you can see and hear and feel. The climate is the potential that lies behind all these things; it is the weather seen from a distance, by an observer standing some way off in time”.

³⁴ “[...] texts vary according the nature of the contexts they are used in”.

escolhas de acordo com o registro. Por fim, na instância, a utilização dos recursos é ainda mais restrita: são as opções sistêmicas – um grupo específico de recursos – que foram, de fato, utilizadas no texto produzido.

2.2 Estrato semântico-discursivo

Anteriormente, neste capítulo, discutiu-se a complexidade da língua: esta é um sistema sociosemiótico estratificado, possuindo estratos que produzem diferentes significados, tais como fonológicos, grafológicos e gestuais; gramaticais; e semântico-discursivos (MARTIN, 1999). Antes de discutir o estrato em que se produzem significados semântico-discursivos, entre os quais estão aqueles relacionados ao sistema de IDEACÃO, com o qual esta tese se preocupa, serão explorados aqui os outros estratos da língua.

Ao se tratar da expressão, que se refere ao estrato responsável pelos significados fonológicos, grafológicos e gestuais, o que há é uma relação entre a função da organização da língua e a da interface com o meio ambiente, ou seja, os significados produzidos são realizados por meio de recursos biológicos, do próprio corpo humano: por exemplo, tomando o som (a linguagem falada) como base, a estratificação está na fonética, cuja interface com os recursos do corpo é a fala e a audição, e a fonologia, que diz respeito à organização do som da fala, em estruturas e sistemas formais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 25). Uma língua que comportasse apenas esse estrato seria um sistema limitado, já que os diversos significados que a compõem não poderiam ser realizados simultaneamente; além disso, os indivíduos teriam de distinguir oralmente na produção e auditivamente na repetição um número excessivo de sons (MARTIN, 1992).

Nesse sentido, o estrato do conteúdo permite uma ampliação da produção e da realização desses outros significados. No caso da gramática, ela diz respeito a um fenômeno natural da língua, e não às formulações teóricas, a fim de se entenderem os fenômenos gramaticais, como é comumente apresentado em instituições educacionais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2009). O que se quer dizer aqui é que, de um lado, há a gramática (*grammar*), um dos estratos da língua, e, de outro, os estudos gramaticais (*grammatics*), que se preocupam com a descrição dos fenômenos da língua (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2009). Diante disso, a gramática é um estrato “capaz de criar significado por meio da

produção sistêmica gramatical”³⁵ (p. 2). É por meio da gramática que morfemas, palavras, grupos, frases e orações realizam significados de estratos acima (FIGUEREDO, 2011).

Além da gramática, o estrato do conteúdo também comporta o semântico-discursivo. A necessidade dessa estratificação se dá pelo fato de o estrato gramatical não dar conta das diversas realizações dos significados semântico-discursivos (MARTIN, 1992). Por exemplo, um dos problemas diz respeito ao texto e ao limite da oração: “a gramática estende seu escopo combinando orações em estruturas lógicas de interdependências” (p. 17); no entanto, ela fornece apenas uma explicação parcial dos significados semântico-discursivos. Nesse sentido, no semântico-discursivo, estão as relações semânticas estabelecidas entre unidades próprias do estrato mais abstrato da língua como, por exemplo, a figura, sobre a qual se discutirá posteriormente, que pode ser realizada, na gramática, por meio de orações ou orações complexas. Trata-se, portanto, do estrato de significado mais abstrato da língua, o qual lida com unidades e elementos que se relacionam semântico-discursivamente (cf. MARTIN, 1992).

Esse último estrato comporta sistemas semântico-discursivos que produzem diferentes significados. No inglês, Martin e Rose (2007) identificaram os seguintes sistemas: o de IDEIAÇÃO, relativo aos significados experienciais; o de CONEXÃO, associado aos significados lógicos; os de AVALIAÇÃO e de NEGOCIAÇÃO, que dizem respeito aos significados interpessoais; e os de IDENTIFICAÇÃO e de PERIODICIDADE, relativos aos significados textuais. Não se pode, a princípio, assumir que esses mesmos sistemas estão presentes na língua portuguesa, já que esta e o inglês possuem comportamentos diferentes. Já com relação ao sistema de CONEXÃO³⁶ do português brasileiro, como mencionado na introdução desta pesquisa, Alves (2018) o descreveu, identificando as unidades do estrato semântico-discursivo, as quais serão abordadas na próxima seção.

2.2.1 Identificação das unidades de significado: base da ideação

O sistema de IDEIAÇÃO diz respeito ao modo como a experiência da ‘realidade’, material e simbólica, é concebida no discurso (MARTIN, 1992), a qual é entendida “como um recurso, como um potencial para compreender, representar e agir sobre a realidade”³⁷

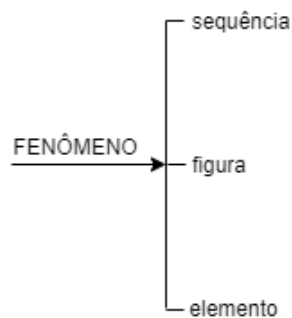
³⁵ “[...] is a resource for creating meaning in the form of wordings”.

³⁶ Esse sistema era chamado de “conjunção” (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007; HAO, 2015; ALVES, 2018), mas, para se diferenciarem significados da gramática dos da semântica-discursiva, evitando, assim, uma confusão terminológica, optou-se, seguindo Hao (2020), por utilizar o termo “conexão”.

³⁷ “[...] experience as a resource, as a potential for understanding, representing and acting on reality”.

(HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 1). Nesse sentido, a interpretação da experiência humana é um sistema semântico-discursivo, em que não apenas se armazenam e trocam, como também se constroem experiências (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999; MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007). Para isso, de acordo com Halliday e Matthiessen (1999, p. 49), a língua vale-se de unidades, que são o elemento, a figura e a sequência, como se observa na Figura 15 abaixo:

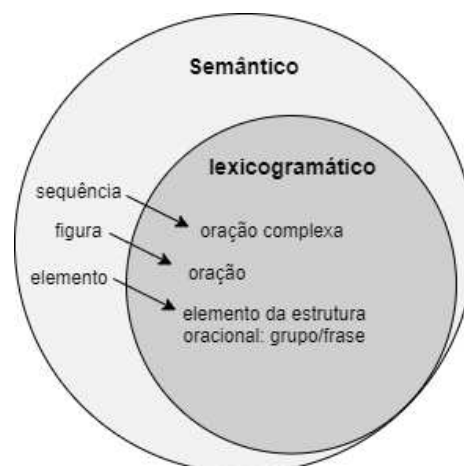
Figura 15 – Unidades do estrato semântico



Fonte: Halliday e Matthiessen, 1999, p. 49.

São três diferentes ordens de complexidade: “os elementos são partes constituintes das figuras, funcionando em papéis diferentes; mas as figuras formam sequências por meio de relações de interdependência”³⁸. Essas unidades são realizadas no estrato gramatical por meio de orações, de orações complexas e de unidades dentro delas, como é notado na Figura 16 a seguir:

Figura 16 – Tipos de fenômeno



Fonte: Halliday e Matthiessen, 1999, p. 49.

³⁸ “[...] elements are **constituent** parts of figures, functioning in different roles; but figures form sequences through **interdependency** relations”.

Na Figura 16 acima, mostra-se a realização das unidades ‘sequência’, ‘figura’ e ‘elemento’, que pertencem ao estrato semântico, no estrato lexicogramatical, respectivamente ‘oração complexa’, ‘oração’ e ‘elemento’ da estrutura oracional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999). Trata-se aqui de uma perspectiva de Halliday e Matthiessen (1999), autores que, inclusive, ao iniciarem os estudos da semântica, chamam o estrato acima da lexicogramática de semântica: o modelo de semântica ideacional move-se “para cima a partir da gramática”³⁹ (p. 2) e “controla os sistemas ideacionais na gramática: principalmente o de transitividade na oração e aqueles de projeção e expansão no complexo oracional”⁴⁰ (p. 11).

Esclarecendo: a perspectiva desta tese é discursiva e, portanto, afilia-se aos estudos de Martin (1992) e Martin e Rose (2007), os quais dão seguimento aos estudos de Halliday (1999) e Halliday e Hasan (1976). A seguir, será discutida a identificação das unidades da base ideacional, revendo e relacionando ambos os conceitos estabelecidos por esses autores.

2.2.1.1 Elemento

Entre as unidades elementares, há o participante, o processo e a circunstância⁴¹, as quais, respectivamente, dizem respeito aos papéis de participante (coisas ou qualidades); aos de processos; e aos de circunstâncias (tempos, lugares, causas etc.). Ainda, essas unidades se realizariam na gramática pelas seguintes classes: grupo nominal; grupo verbal; grupo adverbial e frase preposicional, respectivamente (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999). Isso significa dizer que há, portanto, dois tipos de relações: entre os estratos e dentro dos estratos. A realização, aqui, funciona como “uma relação entre dois lados do signo”:

não está falando, aqui, sobre a relação entre uma palavra e sua representação fonológica (entre conteúdo e expressão, nos termos de Hjelmslev). A relação está *dentro* do plano do conteúdo, entre um significado e a palavra - a relação não arbitrária entre o sistema da semântica e o sistema da lexicogramática (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, pp. 19-20)⁴².

³⁹ “[...] it 'upwards' from the grammar”.

⁴⁰ “[...] the semantics which ‘controls’ the ideational systems in the grammar, primarily, that of transitivity in the clause and those of projection and expansion in the clause complex”.

⁴¹ A maiúscula será usada nesta pesquisa quando se tratar aqui desses elementos no estrato gramatical, relativo ao que abordam Halliday e Matthiessen (1999). Por outro lado, a maiúscula será usada com relação às unidades da semântica.

⁴² “[...] we are not talking about the relationship between a word and its phonological representation (between content and expression, in Hjelmsiev's terms). The relationship is *within* the content plane, between a meaning and a wording — the non-arbitrary relationship between the system of semantics and the system of lexicogrammar”.

Como se observa, há dois tipos diferentes de relações: i) interestratais, que dizem respeito às realizações entre os estratos: os significados do semântico-discursivo são realizados no gramatical, que, por sua vez, são realizados no fonológico/grafológico/gestual; e ii) intraestratais, relacionadas às realizações dentro dos estratos: cada um deles tem sua própria organização intraestratal. Essas relações são definidas no Quadro 5 abaixo:

Quadro 5 – Tipos de fenômeno

Tipo de relação	Relação de ‘realização’	Exemplo
entre estratos	relação interstratal arbitrária entre o plano da expressão e plano do conteúdo da linguagem: a grafologia/fonologia realizando a léxicogramática	o significado de 'vermelho' é percebido pelo sinal grafológico “红” em chinês mandarim
	relação interstratal não arbitrária (“natural” ou solidária) entre semântica e a léxicogramática	uma sacola de papel de ‘entidade’ da semântica é realizada, no inglês, por um classificador de configuração gramatical (papel) ^ Coisa (sacola)
dentro dos estratos	relação entre função e classe em eixos sintagmáticos: a classe gramatical realiza a função gramatical	O Ator ‘um menino’ em “um menino chutou a bola” é realizado por um grupo nominal
	relação paradigmática e sintagmática em um estrato	as escolhas da oração material dentro do tipo de PROCESSO são realizadas pela configuração de Ator + Processo + Meta (por exemplo, um garotinho [Ator] chutou [Processo] a bola [Gol])

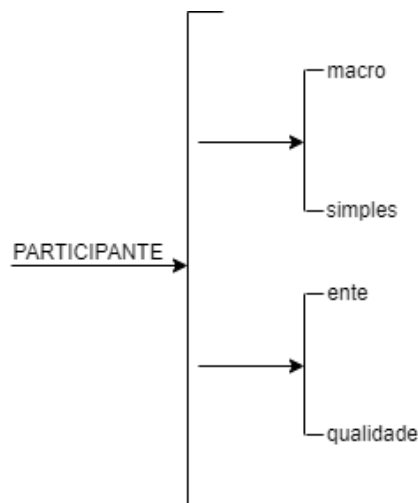
Fonte: traduzido e adaptado de Hao, 2015, p. 55.

Como dito anteriormente, as unidades elementares, nos estudos da Halliday e Matthiessen (1999), são ‘participante’, ‘processo’ e ‘circunstância’. Elas serão revisitadas aqui neste estudo, e nas próximas seções, pelo fato de o ‘Ente’, sobre o qual se discutirá posteriormente, realizar, de acordo com Martin (1992) e Martin e Rose (2007), na gramática os elementos que estabeleceriam relações taxonômicas, organizadas pelo sistema de IDEIAÇÃO proposto por eles.

2.2.1.1.1 Entidade

Voltando-se aos estudos de Halliday e Matthiessen (1999), o elemento ‘participante’ em uma unidade da semântica é aquele que tem o mesmo papel na gramática: provoca o processo ou é afetado por ele. Entre as opções de participante, há a ‘macro’, ‘simples’, ‘qualidade’ e ‘ente’: as oposições, nesse sistema, dão-se entre a ‘simples’, que se opõe à ‘macro’, e a ‘qualidade’, que está em oposição à ‘ente’. Essa configuração pode ser observada na Figura 17 abaixo:

Figura 17 – Sistema de PARTICIPANTE



Fonte: Halliday e Matthiessen, 1999, p. 60.

De acordo com Halliday e Matthiessen (1999), no que diz respeito às opções do sistema de PARTICIPANTE, ‘ente’ e ‘qualidade’ podem ser tanto ‘simples’ quanto ‘macro’; há, nesses casos, o seguinte: ‘simples ente’, ‘simples qualidade’, ‘macro ente’ e ‘macro qualidade’. Com relação à ‘macro’, essas referem-se, segundo esses autores, às metáforas gramaticais, exigindo que se discuta a organização das unidades ideacionais.

Quanto aos participantes, eles são interpretados como uma expansão de ‘entes’, e as ‘qualidades’ os caracterizam: utilizando os exemplos de Halliday e Matthiessen (1999), ‘roxo’ e ‘verde’ podem qualificar o ente ‘repolho’ em: ‘repolho roxo’ e ‘repolho verde’. O que interessa agora é perceber o ponto de encontro entre essa unidade elementar da semântica-discursiva e sua realização na gramática. Ao considerar que ‘entes’ e ‘qualidades’, para além de opções paradigmáticas, são também estruturas da ordem sintagmática, Halliday e Matthiessen (1999) afirmam que elas compõem os participantes.

A partir dessa discussão de Halliday e Matthiessen (1999), constata-se que ‘ente’ e ‘qualidade’ são identificados como duas opções paradigmáticas e, ao mesmo tempo, como unidades sintagmáticas do participante (HAO, 2015). Sugere-se que esses elementos da semântica são realizados, respectivamente, na gramática, pelo ‘Ente’ e ‘Classificador’ e ‘Ente’, bem como, na ordem do grupo, o ‘ente’ da semântica seja realizado por um ‘Ente’ no grupo nominal (HAO, 2015). Chegou-se, aqui, ao ponto central desta seção: “essa identificação entra em contraste com a identificação da entidade, unidade do estrato semântico-discursivo – parte da mensagem para Martin (1992) –, em que uma entidade pode ser realizada tanto pelo Ente quanto pela configuração Classificador=Ente”. (HAO, 2015, p. 56).

Ainda, quando Halliday e Matthiessen (1999) apresentam as categorias do ‘ente’ da semântica, eles sugerem que elas são baseadas nas funções do participante nos tipos de processos (HAO, 2015). Exemplificando, esses autores identificam os ‘entes’ conscientes e ‘entes’ não conscientes com base (i) nas figuras de sentir, dizer e fazer, bem como (ii) na organização interna dos participantes, como pronome, substantivo geral e número. Isso demonstra que as categorias da semântica apresentadas em Halliday e Mathiessen (1999) se baseiam em uma perspectiva gramatical.

Agora, diante de uma perspectiva discursiva da Teoria Sistêmico-Funcional, as entidades são elementos que estabelecem relações semântico-discursivas, as quais, de acordo com Martin (19992), Martin e Rose (2007) e Hao (2020; 2022), representam a experiência humana. Elas estabeleceriam, no discurso, coesão lexical (MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007; HAO, 2015; 2020):

Ao estabelecer coesão lexical, uma entidade pode se relacionar com outras entidades entre ‘trechos de discurso de extensão indefinida’ (Martin, 2018). A relação discursiva entre entidades pode ser de vários tipos, incluindo repetição, sinonímia, antonímia, hiponímia e meronímia (Martin & Rose, 2007). Estruturas gramaticais incluindo (Classifier)^Thing (ouriço-do-mar comum), Focus^Thing (uma espécie de ouriço-do-mar) e Deitico^Thing possessivo (o dossel da floresta tropical) podem ser usadas para realizar uma entidade⁴³ (HAO, 2020, p. 72).

⁴³ Entities are nominal elements entering into lexical cohesion in the discourse (Martin, 1992). By entering into lexical cohesion, an entity can be related to other entities between ‘stretches of discourse of indefinite extent’ (Martin, 2018). The discourse relationship between entities can be of various kinds, including repetition, synonymy, antonymy, hyponymy and meronymy (Martin & Rose, 2007). Grammatical structures including (Classifier)^Thing (regular sea urchin), Focus^Thing (a kind of sea urchin) and possessive Deictic^Thing (the rainforest’s canopy) can all be used to realise an entity.

Nesse sentido, o que parece haver é uma associação entre itens lexicais e entidades, uma vez que estas estabeleceriam no discurso coesão lexical, bem como entre relações semântico-discursivas e taxonômicas. Essa associação, embora se faça a partir de estudos afiliados à perspectiva discursiva da Teoria Sistêmico-Funcional, parece, ainda assim, descrever um elemento do estrato semântico-discursivo de forma gramatical. Mais adiante, no capítulo responsável pela análise, essa discussão será ampliada.

2.2.1.1.2 Qualidade

Na seção anterior, em que se discutiu sobre a unidade ‘entidade’, a ‘qualidade’, em Halliday e Matthiessen (1999), é uma opção do sistema PARTICIPANTE que está em oposição à ‘ente’. Elas se diferem em dois aspectos, quais sejam, estabilidade temporal e complexidade experiencial: “‘entes’ tendem a persistir ao longo do tempo e a representar interseções de muitas dimensões, enquanto as ‘qualidades’ tendem a ser menos estáveis ao longo do tempo e tendem a representar valores em dimensões únicas”⁴⁴ (HALIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 205).

Então, de acordo com Halliday e Matthiessen, de um lado, a opção ‘ente’ estaria relacionada ao desdobramento de um texto (rastreamento de participantes) e, de outro, à complexidade experiencial, que diz respeito à complexidade taxonômica: por exemplo, ‘entes’ relacionados ao vestuário envolvem múltiplas taxonomias (‘sapato’, ‘camisa’, ‘calça’ etc.). Essas características dessa opção se diferem das da ‘qualidade’, que não persistem ao longo do tempo, servindo apenas para caracterização do ‘ente’, e não possuem complexidade taxonômica, mas uma complexidade experiencial em uma dimensão única, por exemplo, tamanho (grande/pequeno), peso (pesado/leve) etc. (HALIDAY; MATTHIESSEN, 1999).

De acordo com Halliday e Matthiessen (1999, p. 207), “uma ‘qualidade’ se combina com um ‘ente’ para formar um participante em uma figura: em “um prato seco”, a qualidade ‘seco’ é Epíteto no grupo nominal” (HALIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 207). Nesse sentido, ambas opções, na estrutura de um participante, desempenham funções diferentes (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999). Com isso, assim como observado na seção anterior, esses autores, também para a ‘qualidade’, baseiam-se em uma perspectiva gramatical, uma

⁴⁴ “[...] things tend to persist through time and to represent intersections of many dimensions, whereas qualities tend to be less stable through time and tend to represent values on single dimensions”.

vez que, para eles, “semanticamente, Classificadores são qualidades do tipo ‘classe’”⁴⁵ (p. 184).

2.2.1.1.3 Ocorrência

Nesta seção, o foco aqui é no elemento denominado ‘ocorrência’. Por ser, juntamente com a ‘entidade’, um elemento central que constitui uma figura (MARTIN, 1992; HAO, 2020), será discutida, primeiramente, a relação entre eles. Uma característica desses elementos está no fato de ambos contribuírem para a construção do campo: a ‘entidade’, de acordo com Martin (1992), Martin e Rose (2007) e Hao (2020), nomeia e taxonomiza elementos, e a ‘ocorrência’ realiza atividades do campo. Essa diferenciação se assemelha à relação entre os conceitos de ‘participante’ e de ‘processo’ de Halliday e Matthiessen (1992). Enquanto o primeiro está relacionado a um espaço referencial, o segundo, a um temporal:

o grupo verbal, ao realizar um processo, constrói um ‘momento’ no tempo, começando o ‘agora’ (o tempo de fala), o que leva a uma categorização do Evento; isso é análogo ao modo como o grupo nominal, ao realizar um participante, constrói um “corpo” no espaço, começando com o ‘aqui’ e levando a uma categorização do Ente. Acontece que, enquanto o Ente está relacionado a uma taxonomia elaborada das coisas, o Evento é taxonomicamente bastante simples, e sua complexidade reside na interpretação do próprio tempo.⁴⁶ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 213).

Para além disso, outra diferença que se faz entre esses dois contextos está no fato de os ‘participantes’ estarem, como visto anteriormente, relacionados ao desdobramento de um texto, diferentemente do ‘processo’, que rastreia “instâncias textuais de processos à medida que um texto se desdobra”⁴⁷ (HALIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 181). Para que isso aconteça, eles têm de ser “reconstruídos metaforicamente como participantes”⁴⁸ (p. 181). É apenas como metáforas gramaticais, portanto, que os ‘processos’, ou aqui, tratando como ‘ocorrências’, que eles poderão persistir no texto (HALIDAY; MATTHIESSEN, 1999).

⁴⁵ Semantically, Classifiers are qualities of the 'class' type.

⁴⁶ “The verbal group realizing a process constructs a "moment" in time beginning with the 'now* (the time of speaking) leading up to a categorization of the Event; this is analogous to the way the nominal group, realizing a participant, constructs a "body" in space beginning with the 'here* and leading up to a categorization of the Thing. But while the Thing is enmeshed in a elaborate taxonomy of things, the Event is taxonomically rather simple and its complexity lies in the construal of time itself”.

⁴⁷ “[...] textual instances of processes as a text unfolds”.

⁴⁸ “[...] processes have to be reconstrued metaphorically as participants”.

No que diz respeito à definição de ‘ocorrência’ de Martin (1992), esta é uma unidade responsável pela configuração de pessoas, lugares e coisas e pela realização de uma sequência de atividades. Na relação natural entre os estratos, ela se realiza na gramática por meio do Processo, que, por sua vez, realiza-se, considerando a relação arbitrária dentro do estrato, pelo grupo verbal (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999).

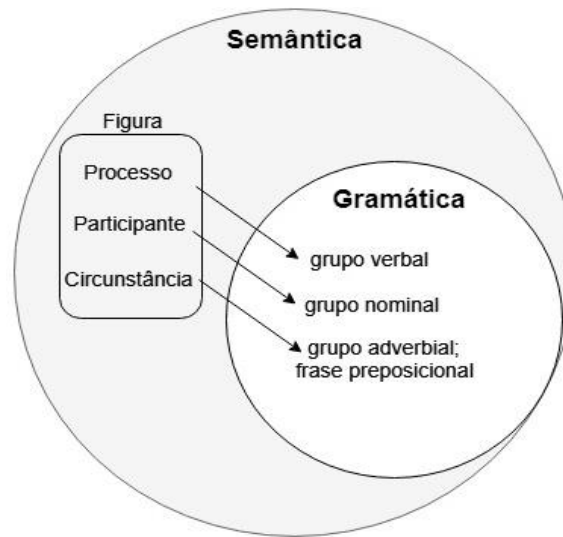
2.2.1.2 Figura

Nesta seção, será abordada a unidade do estrato semântico-discursivo: a figura. Trata-se de uma estrutura orbital em que se configuram opções sistêmicas do discurso: é por meio das relações nucleares que envolvem as partes da mensagem, ou seja, ocorrência, entidade e qualidade, que se forma uma figura, a qual pode se conectar a outra e formar uma sequência (HAO, 2020). Essa definição da perspectiva discursiva da teoria Sistêmico-Funcional (MARTIN, 1992; HAO, 2015; 2020) se desenvolveu a partir do modelo proposto por Halliday e Matthiessen (1999).

Nele, a experiência humana é construída na e pela língua (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999). Esse sistema representa, de forma simbólica, o mundo real, representação que se dá por meio da figura (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999; 2014). Trata-se, segundo Halliday e Matthiessen (1999), de uma unidade constituída como um todo orgânico com partes funcionalmente distintas: ela é formada pela configuração de outros fenômenos, chamados de elementos, quais sejam, o Processo, o Participante e a Circunstância (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999).

Nos estudos desses autores, os Participantes são inerentes ao Processo: eles podem representá-lo, senti-lo, recebê-lo, ser afetados por ele, e assim por diante. Já as Circunstâncias são associadas ao Processo, mas geralmente não são inerentes a ele: elas especificam a localização espacial ou temporal, bem como sua extensão no espaço ou no tempo (distância ou duração), sua causa, entre outras especificações (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999). De acordo com Halliday e Matthiessen (1999), gramaticalmente, esses elementos têm suas próprias realizações, como se observa na Figura 18 abaixo:

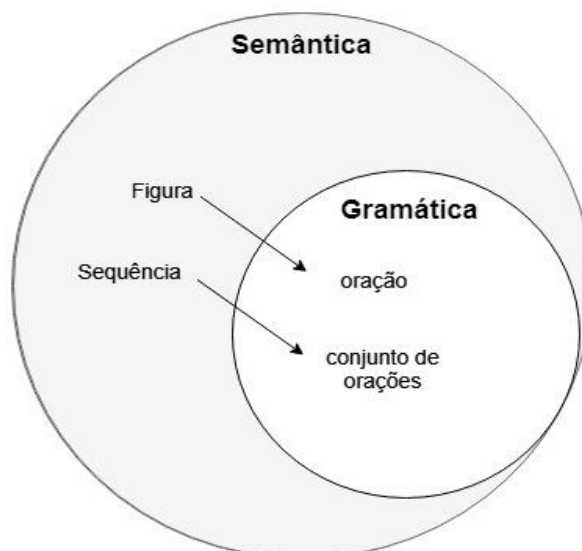
Figura 18 – A realização do Processo, Participante e Circunstância na gramática



Fonte: adaptado e traduzido de Halliday e Hasan, 1999, p. 55.

A Figura 18 mostra a realização dos elementos da figura no estrato gramatical: o Processo é realizado por um grupo verbal; o Participante, por um grupo nominal; e a Circunstância, por um grupo adverbial ou frase preposicional. Os elementos compõem a figura, e as suas respectivas realizações compõem a oração. A figura é, portanto, realizada na gramática por meio da oração. Veja-se, abaixo, a Figura 19:

Figura 19 – A realização da figura e da sequência na gramática



Fonte: adaptado e traduzido de Halliday e Hasan, 1999, p. 55.

Como se observa acima, na Figura 19, o Processo, o Participante e a Circunstância são os elementos que compõem a figura. Esta, assim como eles, também tem realização na gramática, realizando-se por meio da oração. Diferentemente dela, que é uma unidade composicional, há a sequência, que é uma unidade local de expansão e projeção (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999). Ela se realiza, no estrato gramatical, por meio de um conjunto de orações (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999).

Vale lembrar que o modelo adotado pela perspectiva discursiva da teoria Sistêmico-Funcional (cf. MARTIN, 1992; HAO, 2015; 2020), e o qual se adota aqui neste estudo, tem influências no do proposto por Halliday e Matthiessen (1999). Um primeiro ponto diz respeito à investigação que se faz do sistema e da estrutura da figura, que é feita utilizando-se as perspectivas ‘ao redor’ e ‘de baixo’. Na primeira, são observados os diferentes elementos da base ideacional, tais como a entidade, a ocorrência e a qualidade, os quais constituem as estruturas orbitais. Já na segunda, são consideradas as realizações dessa unidade no estrato gramatical (HAO, 2020).

Um segundo ponto está relacionado às diferenças sobretudo na nomeação dos significados semântico-discursivos, que eram dependentes das funções gramaticais, o que criava uma “ambiguidade na distinção entre as opções semântica-discursivas e as lexicogramaticais” (HAO, 2020, p. 93). Nesse sentido, os elementos da base ideacional são chamados, nesta perspectiva discursiva, de ‘ocorrência’, ‘entidade’ e ‘qualidade’ (MARTIN, 1992; HAO, 2015, 2020). Não necessariamente uma figura é constituída por esses três elementos, podendo se configurar apenas com uma entidade, uma ocorrência e uma qualidade, uma entidade e uma ocorrência, ou somente com uma entidade ou mais (HAO, 2020).

Essa composição está relacionada a diferentes orientações para o campo, uma vez que as figuras que se constituem de uma ocorrência interpretam uma atividade, e as compostas por entidades e qualidades estabelecem, de acordo com Hao (2020), uma relação taxonômica. Isso diz respeito ao fato de a entidade se orientar a uma perspectiva estática, construindo o campo por meio de relações taxonômicas, enquanto a ocorrência, para uma perspectiva dinâmica, realizando uma atividade do campo: “as diferentes orientações de campo para atividades e itens nos permitem fazer uma ampla distinção entre uma figura de ocorrência que está centrada em uma ocorrência e uma figura de estado centrada em uma ou mais entidades”⁴⁹ (HAO, 2020, p. 94).

⁴⁹ “The different field orientations to activities and items enable us to make a broad distinction between an occurrence figure that is centred on an occurrence and a state figure centred on one or more entities”.

2.2.1.3 Sequência de figuras

Nas seções anteriores, discutiram-se a figura e os elementos que a compõem. O propósito aqui é explorar a relação estabelecida quando uma dessa unidade do estrato semântico discursivo se conecta a outra, formando uma sequência (MARTIN, 1992; HAO, 2015; 2020; ALVES, 2018). Trata-se, assim, de unidades que, à medida que o discurso se desdobra, se relacionam umas às outras, por meio de conexões lógicas, organizadas pela CONEXÃO (MARTIN, 1991; HAO, 2015; 2020; ALVES, 2018). Trata-se de um sistema semântico-discursivo que estabelece relações semântico-discursivas, sendo capaz de promover a interconexão entre processos de adição, comparação, tempo, consequência (MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007; HAO, 2015; 2020; ALVES, 2018).

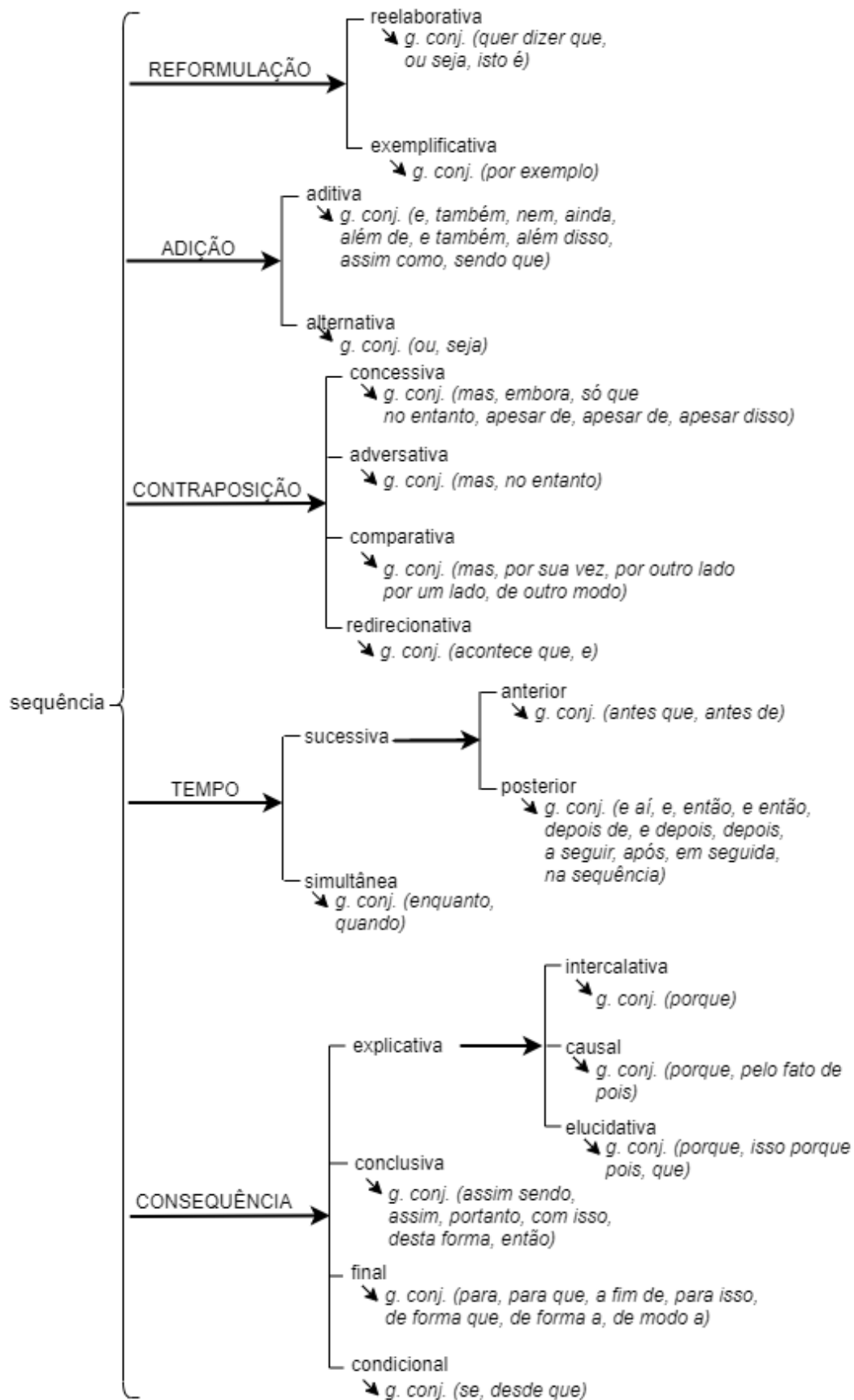
Revisitando os estudos de Halliday e Matthiessen, esses autores já diziam que as relações semânticas “são distinguidas de acordo com os tipos de relações que envolvem as figuras – temporais (x aconteceu, então y aconteceu etc.), causal (x aconteceu, porque y aconteceu etc.), e assim por diante”⁵⁰. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 50). Essas relações são provenientes dos elementos orbitais da figura, como a entidade, a qualidade e, sobretudo, a ocorrência, que é, inclusive, responsável por interpretar uma atividade do campo (HAO, 2015; 2020; AVES, 2018).

Nesse sentido, o sistema de CONEXÃO, além de contribuir para o fluxo discursivo, já que é responsável pela conexão entre as figuras, auxilia na identificação das fases discursivas e, posteriormente, dos estágios, uma vez que ele realiza as séries de atividade do campo (MARTIN, 1992; HAO, 2015; 2020; AVES, 2018). Isso é afirmado uma vez que essas características da variável campo de um determinado texto são realizadas no estrato semântico-discursivo por meio de relações semânticas específicas estabelecidas pelo sistema de CONEXÃO (MARTIN, 1992; HAO, 2015; 2020; AVES, 2018).

Dito isso, esse sistema tem uma importância para o estudo que se faz aqui: i) a CONEXÃO contribui para a identificação dos estágios e das fases do gênero ii) Martin e Rose (2007) entendem o sistema ao de IDEACÃO como aquele em que se inclui as relações semântico-discursivas do sistema de CONEXÃO e as relações taxonômicas. Devido a isso, apresenta-se, a seguir, a descrição, sob a perspectiva discursiva da teoria Sistêmico-Funcional, do sistema de CONEXÃO do português brasileiro proposta por Alves (2018):

⁵⁰ “[...] sequences are differentiated according to the kinds of relations figures can enter into — temporal (x happened, then y happened, etc.), causal (x happened, so y happened, etc.), and so on”.

Figura 20 – O sistema de CONEXÃO



Fonte: Alves, 2018, p. 138.

2.3 Unidade básica da língua: o texto

Viu-se, em seções anteriores, quando foi apresentada a arquitetura da língua, que o texto é a unidade básica desse fenômeno natural e, portanto, o objeto fundamental de análise de teorias linguísticas funcionalistas. Corroborando as ideias de Halliday e Matthiessen (2014, p.3), considera-se, nesta pesquisa, o texto como a língua funcionando no contexto; ele é “qualquer instância da língua, em qualquer meio, que faz sentido para alguém que conhece determinada língua”⁵¹. Não importa, portanto, o seu tamanho ou seu modo de produção (falado ou escrito), o texto é qualquer passagem que forme um todo unificado. Quando um falante se depara com uma porção da língua que é mais que apenas uma sentença, ele sabe diferenciar texto de um amontoado de frases (HALLIDAY; HASAN, 1976). Isso não significa dizer, todavia, que não haja dificuldades ou incertezas com relação a essa diferenciação:

a distinção entre um texto e um amontoado de frases é, em última instância, uma questão de nível, e pode sempre haver casos em que estamos com dúvidas – um ponto que provavelmente é familiar para a maioria dos professores ao ler as redações de seus alunos. Mas isso não invalida a observação geral de que somos sensíveis à distinção entre o que é texto e o que não é⁵² (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 2).

É por conta dessa facilidade de se reconhecer o texto que Halliday e Hasan (1976) sugerem que há recursos próprios que caracterizam um texto, os quais não são encontrados, por exemplo, numa porção da língua que chamamos de um amontoado de frases. Trata-se de recursos que não estão no nível sintático, mas semântico. Para entender as relações estabelecidas por esses recursos, é necessário, antes de tudo, reconhecer que o texto, como afirmam Halliday e Hasan (1976), não é uma unidade gramatical, como a oração e a sentença, bem como não é definido pelo seu tamanho, como observado anteriormente. Ele deve ser considerado, na verdade, “como uma unidade SEMÂNTICA: uma unidade não de forma, mas de significado”⁵³ (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 2).

⁵¹ “the term ‘text’ refers to any instance of language, in any medium, that makes sense to someone who knows the language”.

⁵² “the distinction between a text and a collection of unrelated sentences is in the last resort a matter of degree, and there may always be instances about which we are uncertain - a point that is probably familiar to most teachers from reading their students compositions. But this does not invalidate the general observation that we sensitive to distinction between what is text and what is not”.

⁵³ “A text is best regarded as a SEMANTIC unit: a unit not of form but of meaning”.

O texto, como afirmam os autores, está relacionado com a oração ou com a sentença, mas essa relação não diz respeito ao tamanho, mas à realização, ou seja, o texto não é composto de sentença, mas pode ser realizado por ela. E, a despeito de ser codificado por sentenças e palavras, “o texto é feito de significado” (HALLIDAY; HASAN, 1989, p. 10). Por isso, afirma-se aqui que as relações entre as partes de um texto são semânticas, e não estruturais: “não se deve esperar encontrar o mesmo tipo de integração ESTRUTURAL entre as partes de um texto que se encontra entre as partes de uma frase ou oração. A unidade de um texto é uma unidade de um tipo diferente”⁵⁴ (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 2).

Apesar de existirem textos compostos por apenas uma sentença, tais como anúncios, provérbios e *slogan*, a maioria deles “se estende muito além dos limites da frase”⁵⁵ (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 7). Assim, não se trata de uma unidade estrutural, mas semântica; por conta disso, as relações que existem no texto vão além das estruturais, e são elas que dão tessitura ao texto, conceito que será tratado na seção posterior.

2.3.1 Tessitura

Anteriormente, ao se diferenciar o texto de um amontoado de frases, Halliday e Hasan (1976) sugerem que isso se dá pelo fato de haver no texto recursos próprios que o caracterizam como tal. Acontece que o texto, de fato, possui uma característica específica: a tessitura (*texture*), que é uma propriedade do componente textual do sistema linguístico responsável por criar o discurso (FIGUEREDO, 2011). É, portanto, a tessitura aquilo que dá ao texto a propriedade de “ser um texto”, processo por meio do qual as relações coesivas organizam as partes do texto em respeito ao contexto em que ele é criado (HALLIDAY, HASAN, 1976).

2.3.2 Coesão

Há, no texto, relações coesivas que fazem com que ele seja um todo, e não um amontoado de sentenças. São relações semântico-discursivas que se referem ao conceito de coesão. De acordo com Halliday e Hasan (1976, p. 4), a coesão ocorre quando “a

⁵⁴ “we shall not expect to find the same kind of STRUCTURAL integration among the parts of a text as we find among the parts of a sentence or clause. The unity of a text is a unity of a different kind”.

⁵⁵ “most texts extend well beyond the confines of one single sentence”.

interpretação de algum elemento no discurso é dependente da de outro”⁵⁶. Isso significa dizer que um pressupõe o outro, de modo que não se pode decodificar o item posterior sem recorrer ao anterior, configurando, assim, uma relação de coesão, por meio da qual esses dois elementos são potencialmente integrados ao texto (HALLIDAY; HASAN, 1975). É importante ressaltar que essa relação coesiva, como afirmam os autores, não tem a ver com os limites da sentença⁵⁷, ela pode ocorrer na sentença ou entre sentenças. Além disso, ela também não tem a ver com a estrutura, uma vez que

a coesão é uma relação semântica entre um elemento no texto e algum outro que é crucial para sua interpretação. Esse outro elemento é também encontrado no texto, mas a sua localização não é, de forma alguma, determinada pela estrutura gramatical. Os dois elementos, o anterior e o posterior, podem estar ou não estruturalmente relacionados um com o outro; isso não faz diferença para o significado da relação coesiva.⁵⁸ (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 8).

Isso se deve, na verdade, ao laço coesivo: verifica-se que, para a interpretação da palavra *them* (em: *Wash and core six cooking apples. Put them into a fireproof dish*), foi necessário pressupor outra além dela mesma, que foi o vocábulo *apple* na sentença anterior à sentença em que *them* ocorre. Como se nota, o vínculo entre essas unidades é alcançado por meio das relações de significado, por isso a coesão é uma relação semântica, e não estrutural, e os recursos coesivos (como, no caso, *apple* e *them*) que estabelecem esse tipo de relação promovem a coesão entre as sentenças, criando, assim, o texto (HALLIDAY; HASAN, 1976). Sem a coesão, o texto passa a ser apenas um amontoado de sentenças; ela é, desse modo, uma instância importante do texto que faz parte do sistema de uma língua.

A coesão, como outras relações semânticas, é expressa por meio da estratificação organizacional da língua (HALLIDAY; HASAN, 1976). Como é mostrado por Halliday e Hasan (1976), a língua pode ser explicada como um sistema de codificação múltipla que

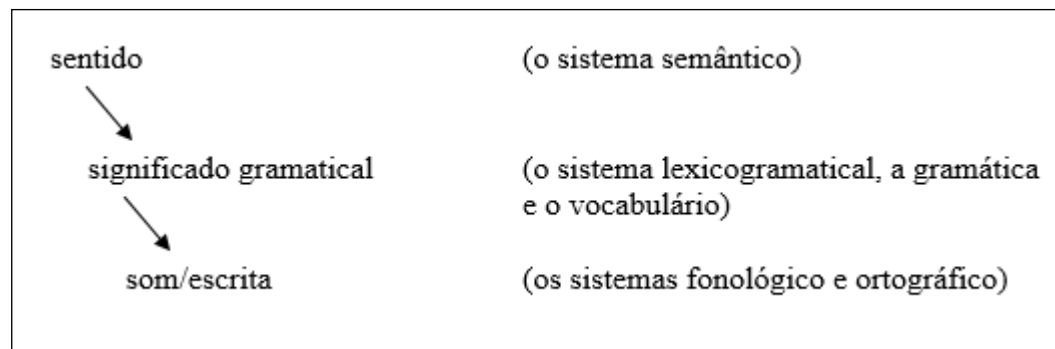
⁵⁶ “the INTERPRETATION of some element in the discourse is dependent on that of another”.

⁵⁷ Ao tratar de coesão, Halliday e Hasan (1976) sempre se referem à sentença, pois, para eles, ela é a unidade mais elevada da estrutura gramatical, sendo, portanto, uma unidade significante para a coesão. De acordo com os autores, é a sentença que determinará, dentro de seus limites, se o item posterior será nomeado novamente ou se, por exemplo, será referido por um pronome. Trata-se de um processo chamado de pronominalização, que só pode ser explicado pela estrutura da sentença. Halliday e Hasan (1976) chamam essa relação de estrutural, mas defendem que, em casos muito específicos, certas instâncias de coesão podem ser tratadas estruturalmente, e apenas se os dois itens, o anterior e o posterior, ocorrerem na mesma sentença.

⁵⁸ “Cohesion is a semantic relation between an element in the text and some other element that is crucial to the interpretation of it. This other element is also to be found in the text; but its location in the text is in no way determined by the grammatical structure. The two elements, the presupposing and the presupposed, maybe structurally related to each other, or they may not; it makes no difference to the meaning of the cohesive relation”.

comporta três níveis de codificação: o semântico, o lexicogramatical e o fonológico/ortográfico. Assim, os sentidos são realizados em significado gramatical, e esse significado em som ou palavra. Veja-se a Figura 21 abaixo:

Figura 21 – Os três níveis de codificação da língua



Fonte: adaptado e traduzido de Halliday e Hasan, 1976, p. 5.

Halliday e Hasan (1976) afirmam que, no inglês, a coesão é realizada tanto pela gramática quanto pelo vocabulário: há, portanto, as coesões gramatical, que são a referência, a substituição e a elipse, e lexical, que se dá pelo léxico. Já a conjunção está na fronteira entre a coesão gramatical e a lexical, pois, como afirmam os autores, a despeito de ela ser principalmente gramatical, possui também componente lexical.

Após essas discussões a respeito dos processos que envolvem o texto, será apresentado, na próxima seção, o sistema de IDEACÃO do inglês (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE; 2008).

2.4 O sistema de IDEACÃO

A IDEACÃO é o sistema do estrato semântico-discursivo responsável por organizar as relações que são estabelecidas entre as entidades, elementos responsáveis por representar a experiência humana (MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007). Trata-se, nesse sentido, de um sistema que está relacionado ao modo como a experiência é interpretada no discurso, envolvendo as sequências de atividades e tudo que nela está envolvido, como as pessoas, os lugares, as coisas (MARTIN; ROSE, 2007):

Dois conjuntos complementares de padrões ideativos são igualmente necessários [para se construir a experiência]. Um deles diz respeito às relações conjuntivas que relacionam logicamente uma cláusula com a seguinte, construindo assim a experiência como uma série de atividades em desenvolvimento [...]. O outro são as relações lexicais, ou seja, as relações semânticas entre as pessoas, coisas, processos, lugares e qualidades particulares que constroem o campo de um texto. Essas relações entre os elementos lexicais compõem o sistema de ideação (MARTIN; ROSE, 2007, p. 75).

Como já mencionado anteriormente, ainda que se entenda que há relações próprias do estrato semântico-discursivo que realizam o contexto, elas são comumente compreendidas como se fossem estabelecidas por itens lexicais (ou elementos nominais). Uma discussão a respeito da identificação do elemento que estabelece essas relações será feita mais adiante, na análise deste estudo. Por ora, o que interessa aqui é compreender como a literatura da Teoria Sistêmico-Funcional entende o sistema de IDEACÃO.

A experiência da ‘realidade’, material e simbólica, é criada pela língua, a qual comporta diversos conjuntos de sistemas que produzem diferentes significados (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997; MARTIN, 2007). Entre esses, há aqueles que relacionados à percepção das coisas que existem no mundo, e o sistema responsável por representar a experiência humana é o de IDEACÃO (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997; MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007). Diante disso, o que é dito, quanto aos significados ideacionais, é que dizem respeito a processos que envolvem pessoas, coisas, lugares e qualidades (MARTIN; ROSE, 2007).

De um lado, em uma perspectiva gramatical, e partindo-se do princípio de que a realidade é composta de processos, a oração é responsável por modelar a experiência humana, que consiste em acontecimentos (acontecendo, fazendo, sentindo, entre outros) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). De outro, em uma perspectiva semântico-discursiva, é a figura que

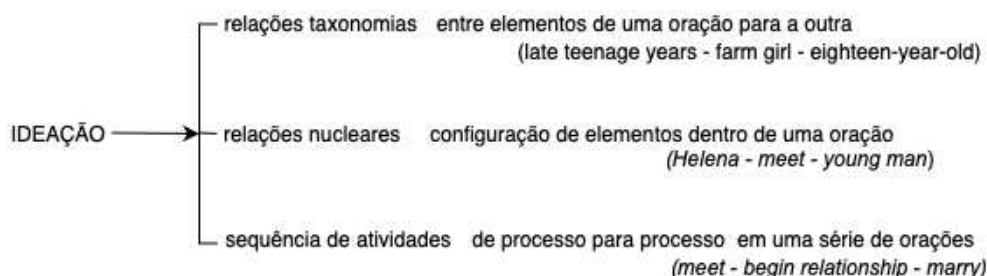
constrói atividades que envolvem as pessoas e as coisas, configurando-se em um modelo nuclear de experiência, em que os processos, bem como as pessoas e coisas envolvidas neles, são elementos centrais e os lugares e qualidades são periféricos (MARTIN; ROSE, 2007).

Acontece que, a despeito de os recursos gramaticais contribuírem para construir a experiência, há outros recursos que também compreendem uma parte fundamental, como aqueles que dizem respeito à relação entre as entidades (MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007). Esses, juntamente com as relações conjuntivas entre as figuras, as quais são organizadas pelo sistema de CONEXÃO, contribuem para construir o campo (MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007; ALVES, 2018).

Assim, o campo consiste em sequências de atividades envolvendo pessoas, coisas, lugares e qualidades. Essas atividades são realizadas pelas orações e seus elementos. Estamos preocupados neste capítulo com as relações lexicais entre esses elementos, dentro e além da oração. Nosso objetivo é delinear os padrões de relações lexicais que podem se combinar para construir um campo⁵⁹ (MARTIN; ROSE, 2007, p. 75).

Essas considerações vão ao encontro do que se defende nesta tese; no entanto, aqui se ressalta o fato de que haveria, na verdade, de um lado, um sistema próprio que organiza as relações semânticas entre as entidades, ao qual se atribuiu o nome de IDEIAÇÃO neste estudo, e, de outro, um que organiza as relações entre as figuras, que se chama CONEXÃO. Ressalta-se isso pelo fato de, como já mencionado, os estudos de Martin (2007) compreenderem a IDEIAÇÃO como um sistema que organiza as seguintes relações, como se observa na Figura 22 a seguir:

Figura 22 – As relações organizadas pela IDEIAÇÃO por Martin e Rose (2007)



Fonte: adaptado e traduzido de Martin e Rose, 2007, p. 76.

⁵⁹ “So fields of experience consist of sequences of activities involving people, things, places and qualities. These activities are realized by clauses and their elements. We are concerned in this chapter with lexical relations between these elements, within and beyond the clause. Our goal is to outline the patterns of lexical relations that can combine to construe a field”.

As relações taxonômicas dizem respeito, segundo Martin e Rose (2007), às relações entre as entidades, que incluem a repetição, a sinonímia, entre outras, as quais contribuiriam para representar a experiência. Já as nucleares, são configurações específicas das entidades na figura: trata-se, segundo eles, de relações entre as pessoas e as coisas, bem como a ocorrência em que estão envolvidas, além dos lugares e qualidades que se associam a essa ocorrência (cf. MARTIN; ROSE, 2007). Por fim, o que indica é que as sequências de atividades são aquelas que se estabelecem pelo sistema de CONEXÃO, relações entre as figuras (cf. MARTIN; ROSE, 2007). Veja-se, no Quadro 6, um resumo dessas relações:

Quadro 6 – Relações semântico-discursivas da IDEAÇÃO

relações semântico-discursivas da IDEAÇÃO		
sistema	relações	descrição
	taxonômicas	relações entre as entidades
IDEAÇÃO	nucleares	configuração dos elementos da figura
	de atividade	Relações entre as figuras (sistema de CONEXÃO)

Fonte: adaptado de Martin e Rose, 2007.

Esta tese entende a IDEAÇÃO como um sistema que organiza apenas as relações semântico-discursivas estabelecidas pelas entidades, as quais realizam funções do gênero (cf. MARTIN; ROSE, 2007). Entende-se, aqui, que, de um lado, há esse sistema e, de outro, o de CONEXÃO, responsável por organizar as relações entre as figuras. Nesse sentido, preocupa-se com os primeiros tipos de relações, as chamadas taxonômicas. Seriam essas as que são organizadas pelo sistema de IDEAÇÃO, as quais serão abordadas de forma mais aprofundada, posteriormente, nas análises desta pesquisa.

Para além disso, como já mencionado anteriormente, chama a atenção para a associação que se faz entre elementos do estrato semântico-discursivo e o léxico, que, em estudos da Teoria Sistêmico-Funcional (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), pertencem

a um estrato abaixo, o lexicogramatical. Merece, portanto, ser revisitada essa questão, uma vez que o estrato mais abstrato da língua é o responsável pelas relações semântico-discursivas, e os itens lexicais (ou o léxico) pertencem, de acordo com Halliday e Matthiessen (2014), à lexicogramática: parece haver um problema teórico quando se diz haver a coesão lexical no discurso (cf. HAO, 2020), a associação que se faz entre itens lexicais e entidades também é, dessa forma, uma preocupação da pesquisa que se faz aqui.

A próxima seção é destinada à apresentação da metodologia de pesquisa utilizada neste estudo.

METODOLOGIA DE PESQUISA

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Nesta seção, serão apresentados o *corpus* utilizado para descrever o fenômeno responsável por representar as experiências da realidade material e simbólica, a anotação e a extração de dados, bem como a metodologia de descrição linguística. Na investigação do sistema de IDEACÃO, adotou-se a teoria Sistêmico-Funcional, que leva em consideração tanto a organização sintagmática, quanto as escolhas paradigmáticas. A seguir, serão apresentados o Corpus Acadêmico do Português Brasileiro (CAPB) e os passos metodológicos utilizados nesta pesquisa para i) identificar as entidades e as unidades que a compõem, bem como ii) investigar as relações semântico-discursivas estabelecidas por esses elementos.

3.1 O *corpus*

Neste estudo, foi utilizado o Corpus Acadêmico do Português Brasileiro (CAPB) (MIRANDA; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2018). Esse é um *corpus* que contém aproximadamente 20 milhões de *tokens*⁶⁰ e que é composto por textos acadêmicos de diferentes gêneros pertencentes às Grandes Áreas do conhecimento propostas pelo CNPq, a saber, Ciências Biológicas, Ciências Exatas e da Terra, Engenharias, Ciências Humanas, Letras, Linguística e Artes, Ciências da Saúde e Ciências Sociais Aplicadas. Seguindo critérios do CNPq, as disciplinas que comportam essas áreas foram organizadas em Grande Áreas, Áreas, Subáreas e Especialidades, classificação representada por Miranda (2021) no Quadro 7 a seguir:

Quadro 7 – Exemplos de classificação de acordo com a hierarquia da divisão de áreas proposta pelo CNPq

Grande Área	Ciências da Saúde	Ciências Agrárias
Área	Medicina	Medicina Veterinária
Subárea	Clínica Médica	Patologia Animal
Especialidade	Pediatria	Anatomia patologia animal
Título do artigo	Consumo de leites em menores de um ano de idade e variáveis associadas ao consumo de leite não materno	Técnicas de citologia aspirativa, biópsia e citobloco de medula óssea para identificação e determinação de intensidade parasitária na leishmaniose visceral canina.

Fonte: Miranda, 2021, p. 113.

⁶⁰ *Token* diz respeito a um conjunto de caracteres localizados entre espaços em branco (VIANA; TAGNIN, 2010).

A escolha desse *corpus* se deveu pelo fato de ele permitir estudos sobre a interface entre contexto, gramática e semântica, tendo possibilitado o desenvolvimento de pesquisas como as de Miranda e Oliveira (2016); Morleo (2017); Cordeiro (2018); Oliveira, Cunha e Miranda (2017; 2018); Miranda (2021); e Alves, Miranda e Oliveira (2022). Com isso, ele permite a investigação de padrões no estrato semântico-discursivo, os quais contribuem para a construção do gênero, e dos significados que se realizam no estrato gramatical. Além disso, uma vez que se preocupa aqui com a linguagem da ciência, tendo como um dos objetivos explorar a construção do conhecimento científico, o CAPB, por ser composto de textos acadêmicos, permitirá o conhecimento do discurso científico, que se difere do senso comum, distinguindo-se em padrões de significados (cf. HALLIDAY, 2004).

Para o estudo que se faz aqui, foram utilizadas introduções de artigos científicos da área das Ciências da Saúde. Entre as Grandes Áreas, essa é a que conta com o maior número de publicações durante os anos da coleta de dados, entre 2015 e 2019; ademais, ela também é a mais diversificada em termos de revistas, somando 22 periódicos distintos (MIRANDA, 2021). Essa área é composta por 9 áreas, entre as quais se optou pela Medicina, pelo fato de compor um maior número de periódicos das Ciências da Saúde, o que representa maior variedade de artigos científicos. A escolha dos artigos se deu a partir daqueles que compunham periódicos de anos mais recentes, por exemplo: a revista *Acta Ortopédica Brasileira*, no CAPB, conta com artigos de 2010, enquanto a *Intern Journal of Cardiovasc Science*, de 2017 e 2018. Priorizaram-se, portanto, aquelas cujos artigos eram mais recentes. Dentre os periódicos selecionados, extraíram-se, de forma manual, 5 artigos científicos, observando os anos em que foram publicados e priorizando aqueles mais recentes de cada periódico escolhido.

Um outro ponto a ser mencionado aqui diz respeito à construção de artigos científicos, os quais constituem um macrogênero, que corresponde a um texto que se constrói por mais de um gênero (ROSE, 2014; MARTIN; ROSE, 2008). Diante disso, optou-se por descrever o fenômeno estudado aqui na Introdução desses textos, que é uma etapa elaborada por meio do gênero EXPOSITIVO, que possui “uma sequência de significados que constroem um objetivo social específico” (cf. OLIVEIRA, 2022, p. 72). Nesse sentido, uma vez que ele se desenvolve por “etapas de descrições e argumentos sobre o conteúdo discutido na pesquisa, reflexões que mostram contradições e problemas existentes na literatura” (OLIVEIRA, 2022, p. 70), busca-se entender como as relações semântico-discursivas contribuem para construir esse gênero:

O gênero EXPOSITIVO compõe um gênero da família de gêneros Argumentos (ROSE, 2019) e corrobora um ponto de vista, que, no caso do artigo, são argumentos embasados na literatura anterior sobre o tema do estudo. Essa argumentação que compõe e justifica o problema de pesquisa é feita antes da apresentação dos objetivos da pesquisa, visto que ela é relevante e necessária para justificar os objetivos determinados (OLIVEIRA, 2018). Para tanto, este gênero é desenvolvido por etapas de descrições e argumentos sobre o conteúdo discutido na pesquisa, reflexões que mostram contradições e problemas existentes na literatura que, por consequência, geram a etapa objetivo da pesquisa (OLIVEIRA, 2022, p. 72).

Optou-se, portanto, por cinco textos pertencentes ao gênero EXPOSITIVO. A Tabela 1, a seguir, apresenta os periódicos nos quais os artigos científicos da área da Medicina foram publicados, os textos que compõem o *corpus* utilizado nesta pesquisa, a quantidade de *tokens* de cada um deles e, por fim, o valor total:

Tabela 1 – A quantidade de tokens da introdução por texto e o valor total

Periódicos da Medicina	<i>Corpus</i>	<i>Tokens por texto</i>
Einstein São Paulo	Sa_EINS_2015_0_AA_002.txt	778
Intern Journal of Cardiovasc Science	Sa_IJCS_2018_4_AA_004.txt	316
Jornal Brasileiro de Psiquiatria	Sa_JBP_2018_3_AA_001.txt	497
Revista Paulista de Pediatria	Sa_RPP_2018_1_AA_001.txt	600
Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil	Sa_RSAM_2015_0_AA_008.txt	552
Valor total de tokens		2743

Fonte: elaborada pelo autor.

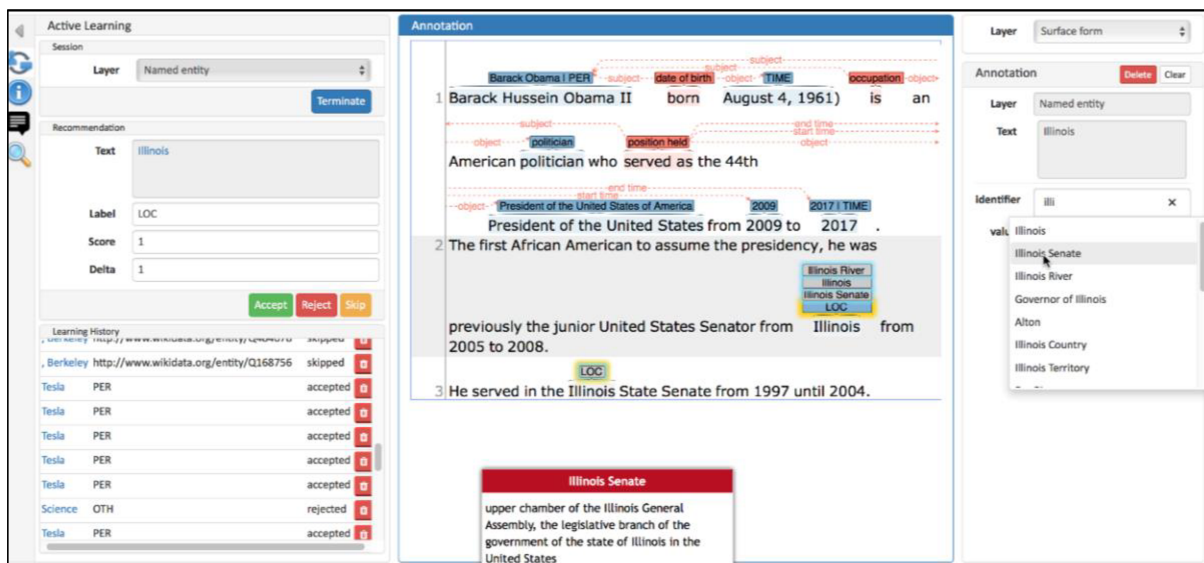
Ressalta-se aqui o fato de não se ter utilizado todos os textos do *corpus* que compõem a área da Medicina pelo fato de a descrição ser manual – em vez de automática, já que esse tipo de ferramenta se limita à análise de formas gramaticais –, e, quanto à análise de fenômenos do estrato semântico-discursivo, há um problema que é tecnológico: “[...] analisar textos à mão, mesmo quando se tem alguma ideia do que procurar, ou seja, quais sistemas estão em primeiro plano e estão coarticulando, o que é interessante para a pesquisa, limita o número de textos que podem ser generalizados”⁶¹ (MARTIN; ROSE, 2007, p. 312).

⁶¹ “As far as discourse semantics is concerned the main problem here is technological. It takes a long time to analyse texts by hand even where we have some idea of what to look for, i.e. which systems are foregrounded and are co- articulating what matters to us. This limits the number of texts we can generalize across”.

3.2 Anotação de dados

Após serem extraídos os textos do *corpus*, foi feita a anotação. Para a realização dessa etapa da descrição, utilizou-se a ferramenta *INCEpTION*⁶². Trata-se de uma plataforma de anotação semântica usada para a investigação de significados linguísticos, bem como para o aprendizado de máquina. Segue abaixo a Figura 22, que ilustra essa ferramenta:

Figura 23 – *Software* de anotação semântica

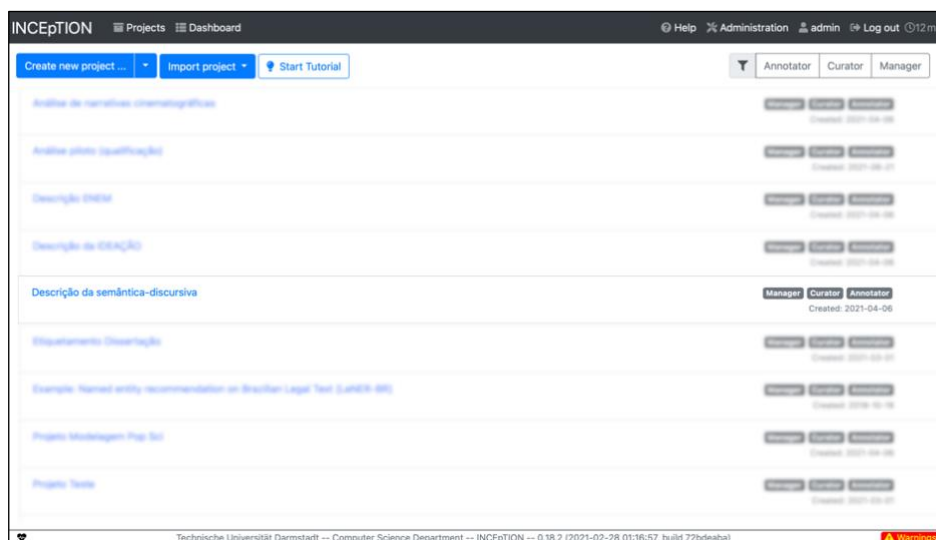


Fonte: Klie, Bugert, Boullosa, Eckart de Castilho e Gurevych, 2018.

Essa ferramenta possibilita criar e importar projetos. Há um menu em que se pode especificar e editar projetos para que se anotem e analisem o *corpus*. O que foi feito, para esta pesquisa, foi criar um novo projeto, nomeado Descrição da semântico-discursiva, como se observa na Figura 24 a seguir:

⁶² Ferramenta disponível em: <<https://inception-project.github.io/>>.

Figura 24 – O projeto de descrição no *software*



Fonte: elaborada pelo autor no *software* INCEpTION.

Apesar de não ser a proposta de se descreverem, aqui, todos os sistemas do estrato semântico-discursivo, a criação desse projeto permite que, no *corpus* inserido nele, sejam feitas outras descrições, bem como seja possível dar continuidade a este estudo⁶³. Então, após a criação do projeto, os textos foram inseridos na ferramenta INCEpTION. Observa-se a Figura 25:

Figura 25 – O projeto no *software* INCEpTION

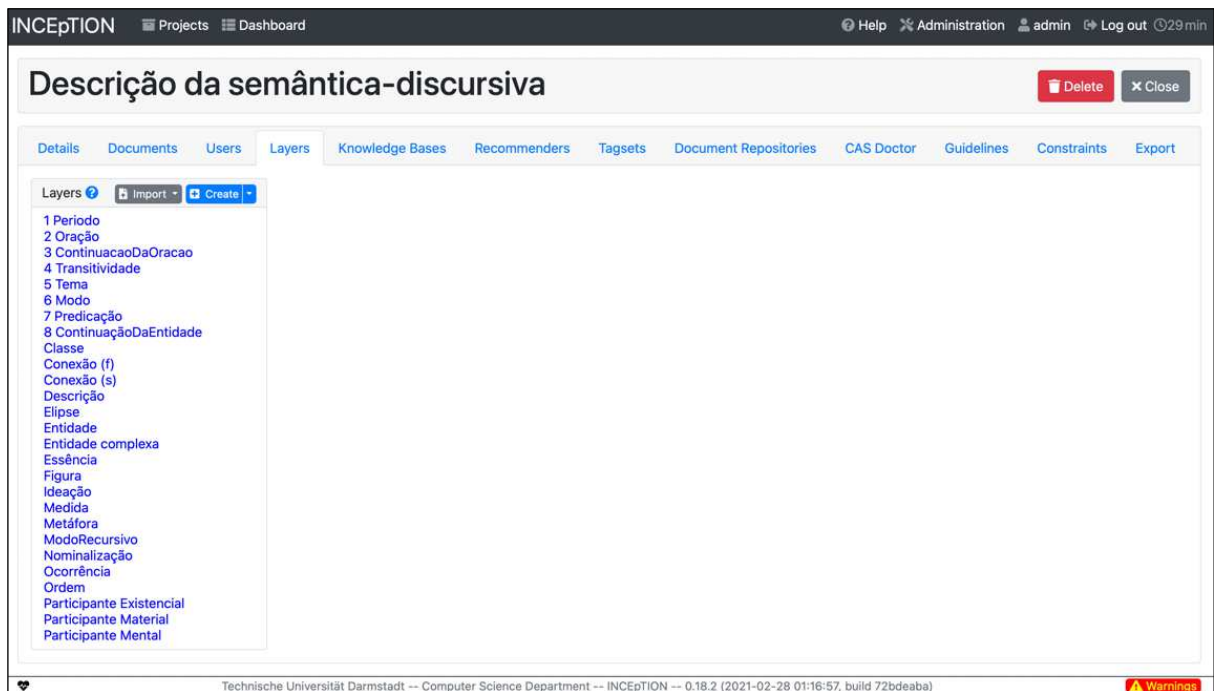


Fonte: elaborada pelo autor no *software* INCEpTION.

⁶³ Como apontado anteriormente, o *software* está disponível para todos pesquisadores. No entanto, para se ter acesso a esta pesquisa especificamente, assim como às categorias utilizadas, é necessário fazer o *download* de um programa, chamado PUTTY, e se conectar a um IP, que exigirá um usuário e uma senha.

À esquerda, há os menus Annotation, Curation, Monitoring e Settings, os quais permitem, respectivamente, fazer a anotação, combinar documentos anotados, observar e monitorar o andamento e o status do documento do projeto final e, por fim, configurar o projeto para que atenda às necessidades da descrição que se pretende fazer. Esse último menu permite que se insiram categorias para que se façam descrições.

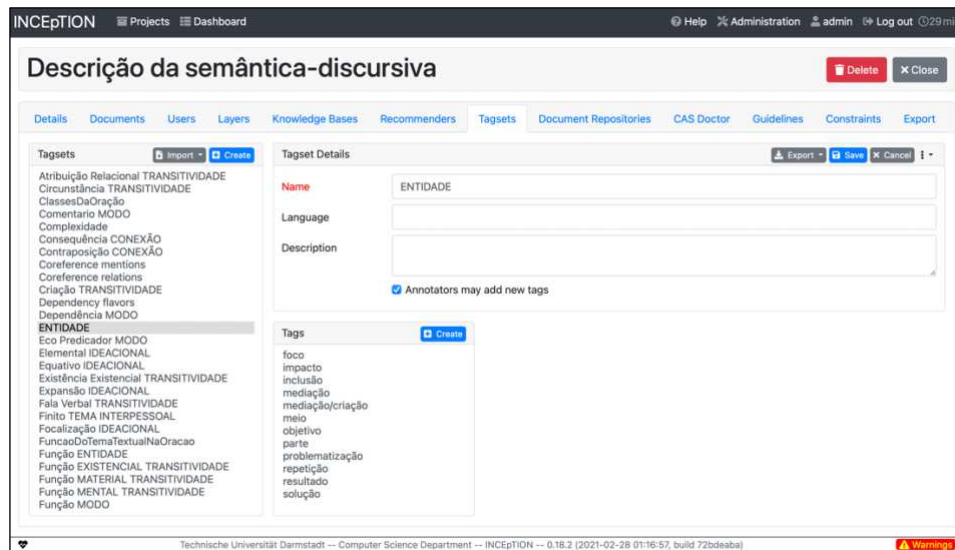
Figura 26 – Inserção das categorias no *INCEpTION*



Fonte: elaborada pelo autor no *software INCEpTION*.

Como se nota acima, foram criados Layers, que dizem respeito a diversas categorias, tais como sistemas, elementos, unidades: IDEACÃO, figura, entidade, classe, metáfora, qualidade, entre outras. Após isso, em Tagsets, foram inseridas as relações semântico-discursivas identificadas neste estudo. Veja-se a Figura 27 abaixo:

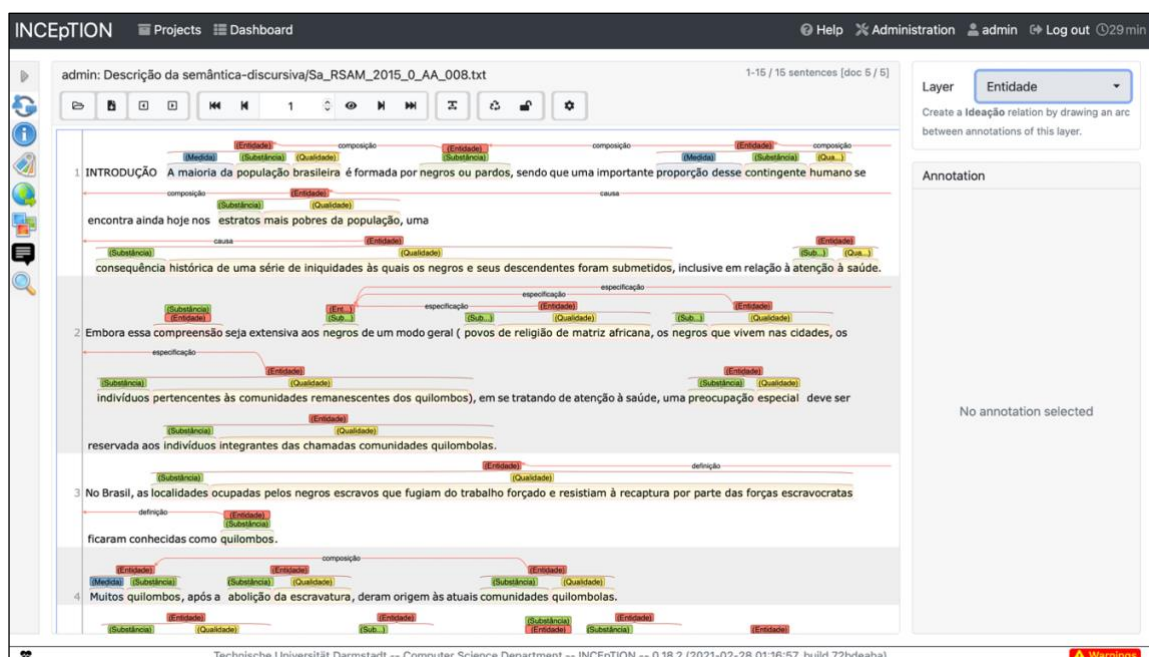
Figura 27 – Inserção das relações semântico-discursivas no *INCEpTION*



Fonte: elaborada pelo autor no software *INCEpTION*.

Com relação à anotação, ela, nessa ferramenta, se deu da seguinte forma: o texto foi segmentado em figura, uma vez que essa é a unidade básica do estrato semântico-discursivo. Após isso, foram identificadas as entidades, bem como as unidades que a compõem. Essa etapa, que diz respeito à identificação, faz parte da análise, a qual será feita no próximo capítulo. Por fim, foram estabelecidas as relações semântico-discursivas. Isso pode ser verificado a seguir na Figura 28:

Figura 28 – Anotação do fenômeno semântico-discursivo no *INCEpTION*



Fonte: elaborada pelo autor no software *INCEpTION*.

A Figura 28 acima mostra como o texto é apresentado quando anotado. No exemplo em questão, ele foi segmentado em figuras, e a entidade e as unidades, identificadas. À medida que a descrição manual foi sendo feita, as categorias descritas foram sendo inseridas nessa plataforma.

Para dar seguimento ao estudo, a próxima parte metodológica diz respeito ao levantamento dos dados. Apesar de haver *softwares* que auxiliem a busca por padrões de uso linguístico, ela foi feita de forma manual. Isso se deve pelo fato de essas ferramentas anotarem automaticamente o *corpus* utilizando a classificação das gramáticas tradicionais do português brasileiro e de elas se limitarem à análise de formas gramaticais, e não dos significados que vão além da oração (MARTIN; ROSE, 2007). Desse modo, pelo fato de este estudo ter como objeto um sistema do estrato semântico-discursivo, optou-se por se fazer esse processo manualmente.

Por fim, na seção a seguir, será apresentada a metodologia que se utilizou para apresentar a proposta de descrição linguística.

3.3 Metodologia de descrição linguística

Para a proposta de descrição das funções do sistema de IDEACÃO, que é o objetivo deste estudo, as relações semântico-discursivas estabelecidas pelas entidades foram examinadas de acordo com a perspectiva trinocular (cf. HALLIDAY, 1997). Por meio dela, é possível investigar esse fenômeno ‘de cima’, identificando similaridades entre padrões de registro realizados pelo mesmo sistema semântico-discursivo; ‘de baixo’, identificando similaridades da constituição gramatical; e ‘ao redor’, descobrindo contrastes entre funções que desempenham o mesmo papel sistêmico.

Quanto ao olhar ‘de cima’, observa-se, nessa perspectiva, primeiramente, a relação entre as funções do sistema de IDEACÃO e o contexto. Nesse sentido, fez-se uma investigação das entidades e, posteriormente, das relações semântico-discursivas que elas estabelecem, observando como seu comportamento na etapa e fase em que ocorrem. No olhar ‘ao redor’, essa perspectiva permitiu identificar quais as relações semântico-discursivas são estabelecidas pelas entidades, ou seja, esses elementos se relacionam entre si, gerando diferentes opções sistêmicas do sistema de IDEACÃO. Já o olhar ‘de baixo’, uma perspectiva que é estritamente gramatical, descreveu-se a realização das funções do sistema de IDEACÃO: qual era o grupo que realizou as funções desse sistema no estrato gramatical.

Um ponto a ser mencionado, aqui, levando-se em consideração que este é o capítulo “Metodologia de Pesquisa”, está relacionado ao modo como se construiu o capítulo de análise. Um dos primeiros passos foi identificar os elementos que estabelecem as relações semântico-discursivas que são organizadas pelo sistema de IDEACÃO. Notou-se que as abordagens anteriores a respeito das entidades (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007; HAO, 2015; HAO, 2020) não forneciam, de forma completa, uma metodologia que contribuísse para identificá-las em um *corpus* em português brasileiro. Foi o intuito desta pesquisa, portanto, que essa metodologia fosse sendo construída ao longo das análises. Isso significa dizer que o próximo capítulo, que diz respeito à análise deste estudo, tem como objetivo também contribuir para a construção de uma metodologia de análise de fenômenos que se realizam no estrato semântico-discursivo da língua.

O SISTEMA DE IDEAÇÃO:
UMA PROPOSTA DE DESCRIÇÃO

4 O SISTEMA DE IDEAÇÃO: UMA PROPOSTA DE DESCRIÇÃO

*Um galo sozinho não tece a manhã:
ele precisará sempre de outros galos.*

(João Cabral de Melo Neto)

Geralmente – pois embora possa, como se viu anteriormente –, um elemento sozinho não constrói o texto: há outros que a ele se relacionam que contribuem para que se construa a experiência humana (MARTIN; ROSE, 2007). Essa experiência é entendida aqui como o significado das coisas, como algo que é construído pela língua: esta desempenha um papel central nas relações humanas não apenas no que diz respeito à socialização das pessoas, mas também à própria construção dessa experiência (HALLIDAY, 1999).

Nesse sentido, cada povo, ou cada comunidade, tem a sua própria visão sobre a experiência humana e a constrói de forma particular por meio da língua. Por exemplo, o modo como o povo indígena Gavião, que vive no sudeste do estado do Pará, entende o luto se difere da forma como os povos não indígenas o compreendem: são feitos diversos rituais, em que há comidas, danças, rezas e lamentações, que costumam durar meses – na experiência humana daquele, os mortos não querem ver os vivos lidando com a morte de forma triste⁶⁴. Diferentemente, nos não indígenas, os rituais tradicionais são o velório e o sepultamento (ou enterro), e a despedida de uma pessoa falecida é vista com muito pesar, não sendo, em grande parte, “aceita” pela família.

O que se mostra, com isso, é que cada povo, no caso em questão indígenas e não indígenas mencionados aqui, entende um acontecimento de mundo – como a morte, que é algo comum entre eles – de forma diferente, e ele é organizado por meio da língua. A relação se dá da seguinte forma: os espaços sociais ocupados pelas pessoas possuem configurações linguísticas próprias, que se orientam a fim de atingir um objetivo específico na sociedade, processo chamado de gênero (MARTIN; ROSE, 2008). Esses processos sociais são realizados no estrato semântico-discursivo, responsável por meio das relações semântico-discursivas. Estas, por sua vez, se realizam na gramática, cujas estruturas são realizadas na fonologia/grafologia da língua (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2008).

⁶⁴ Disponível em: <<https://www.naoetodomundoquesabechorar.com/>>. Acessado em: 18 de dez. 2022.

Isso significa dizer que a experiência humana se estabelece por meio da língua: esta é composta por diferentes estratos, em cada um dos quais há componentes que contribuem para se arquitetar uma estrutura; por exemplo, em um dos níveis da gramática, o grupo equivale-se a um complexo de palavras, as quais se relacionam logicamente para fazer sentido (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997; 2014). De modo similar, no estrato semântico-discursivo, os elementos se relacionam de forma lógica, coesiva e axiológica, a fim de construir significado.

Neste sentido, este capítulo apresenta uma proposta de descrição do sistema de IDEIAÇÃO do português brasileiro sob a perspectiva discursiva da teoria Sistêmico-Funcional, o qual se estabelece por meio de relações semântico-discursivas entre as entidades (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007). Acontece que, no estrato em que elas acontecem, há diferentes tipos de relações, e as estabelecidas por meio desses elementos é apenas uma delas. Mais adiante, as relações que dizem respeito a esse sistema especificamente serão abordadas. Para começo de conversa, são de interesse desta pesquisa aquelas promovidas no estrato semântico-discursivo, as quais acontecem em três tipos, quais sejam: lógica, coesiva e axiológica.

Estabelecer logicamente uma relação semântica é organizar, de forma lógica, unidades do estrato semântico-discursivo da língua; há dois tipos de relações lógico-semânticas fundamentais, que são de i) expansão e ii) projeção (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). A expansão relaciona fenômenos de mesma ordem, podendo elaborar significados (elaboração), especificando-os ou descrevendo-os; intensificar significados, qualificando-os por referência ao tempo, ao lugar, à maneira, à causa ou à condição (intensificação); estender significados, adicionando algo novo ao fenômeno (extensão) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Chamam-se de relações coesivas aquelas que dizem respeito à recuperação dos significados no texto. Trata-se de um recurso que funciona como um instrumento de busca, por meio do qual os elementos referem-se a algo que foi dito anteriormente ou que será dito posteriormente. Entende-se, aqui, que “uma relação semântica entre um elemento no texto e algum outro que é crucial para sua interpretação” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 8).

Por fim, as relações semântico-discursivas axiológicas⁶⁵ são aquelas responsáveis por estabelecer uma relação entre o falante e a estrutura social (cf. HALLIDAY, 1978). Por

⁶⁵ Essa nomenclatura não consta na literatura da Linguística Sistêmico-Funcional (cf. HALLIDAY, 1978; HALLIDAY; HASAN, 1976; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Ela foi adotada, neste estudo, para que a diferencie de outros tipos de relações semântico-discursivas.

exemplo, a NEGOCIAÇÃO, que é um dos sistemas do estrato mais abstrato da língua, diz respeito à interação entre os falantes: “como os falantes adotam e atribuem papéis uns aos outros no diálogo”⁶⁶ (MARTIN; ROSE, p. 219). Acontece que esses falantes obedecem a uma estrutura social: eles interagem tendo em vista o lugar em que ocupam socialmente.

No Quadro 8, abaixo, essas relações semântico-discursivas foram sumarizadas:

Quadro 8 – As relações do estrato semântico-discursivo

relações semântico-discursivas		
tipo	descrição	metafunção
lógica	organizar logicamente as unidades e os elementos.	ideacional
coesiva	recuperar significados como um instrumento de busca	textual
axiológica	estabelecer relação entre o falante e a estrutura social.	interpessoal

Fonte: elaborado pelo autor.

Após a explicação das relações semântico-discursivas, será feita, na próxima seção, uma discussão sobre a escala de ordem do estrato mais abstrato da língua, a fim de situarmos o objeto deste estudo: a entidade. A seguir, será feita uma discussão sobre esse elemento, com a finalidade de levantar critérios para identificá-lo. Levanta-se, diante disso, discussões que dizem respeito à i) relação entre entidade e a experiência e iii) aos passos metodológicos para sua identificação.

Posteriormente, após a discussão e o levantamento de critérios para a identificação da entidade, serão apresentadas as relações estabelecidas por ela. Isso significa dizer que se descreverão as relações semântico-discursivas que são promovidas pelas entidades nas introduções de artigos científicos das Ciências da Saúde, com a finalidade de entender como o gênero e o discurso científico são construídos.

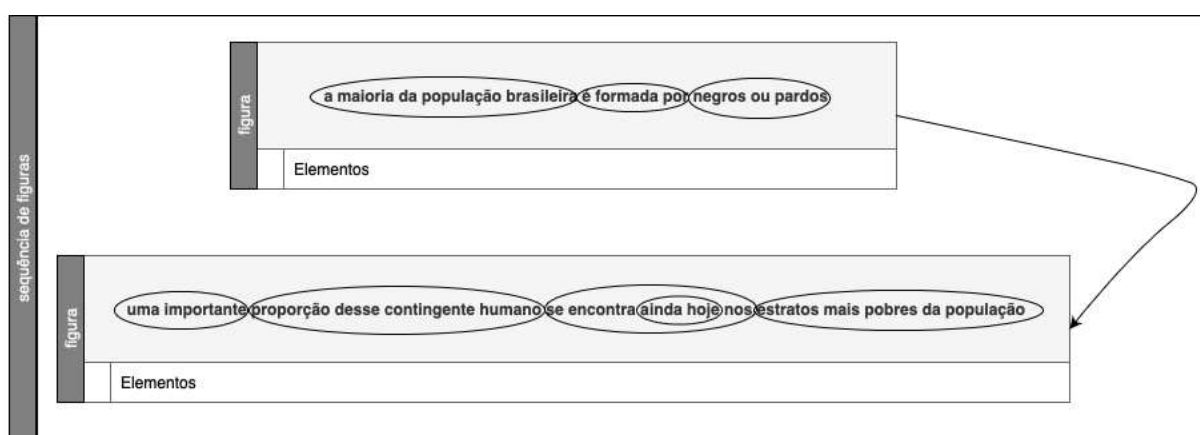
⁶⁶ “[...] how speakers adopt and assign roles to each other in dialogue”.

4.1 Estrutura composicional: a escala de ordens da semântica-discursiva

A língua se constitui de unidades maiores que são compostas de unidades menores: essa estrutura composicional diz respeito a um de seus princípios de organização, o qual é conhecido como ordem (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Há, portanto, uma hierarquia de unidades que são relacionadas por meio de constituintes, que estabelece “uma escala de classificação, e cada degrau da hierarquia como ordem” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 5). Por exemplo, a escala de ordens fonológica se constitui de fonema ~ sílaba ~ unidade rítmica ~ grupo tonal, enquanto a da gramática se dá da seguinte forma: morfema ~ palavra ~ grupo ou frase ~ oração. Como se observa, as unidades da escala de ordem fonológica se distribuem em unidades de tamanho variável, variando-se das menores às maiores (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Uma vez que a estrutura composicional da língua está relacionada ao modo como ela se organiza, essa estrutura também acontece em seu estrato mais abstrato, cuja escala de ordem, de acordo com a literatura dos estudos da Linguística Sistêmico-Funcional (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007; HAO, 2018; 2020), comporta elementos e unidades. De acordo com Martin (1992) e Martin e Rose (2007), a semântica se organizaria da seguinte forma: elemento ~ figura ~ sequência de figuras. A representação dessa escala de ordem do estrato semântico-discursivo, segundo esses autores, é representada na Figura 29 a seguir:

Figura 29 – A escala de ordem do estrato semântico-discursivo por Martin (1992) e Martin e Rose (2007)



Fonte: elaborada pelo autor baseada em Martin, 1992, e Martin e Rose, 2007.

O que se observa, na Figura 29 acima, é que os elementos, tais como as entidades (*a maioria da população brasileira; negros ou pardos*) e o evento (*é formada por*), em “a maioria da população brasileira é formada por negros ou pardos”, compõem a primeira unidade, a qual é chamada de figura, e a relação entre as figuras compõem a sequência de figuras (cf. MARTIN; ROSE, 2007; HAO; 2018; HAO, 2020).

Acontece que a associação que se faz – visto, inclusive, em capítulos anteriores – entre entidade e ocorrência se assemelha à relação entre Participante e Processo (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1992; MARTIN, 1999; MARTIN; ROSE, 2007). O problema em questão, com o qual este estudo se preocupa, é levantado por conta dessa associação: entender os significados produzidos no modo ideativo, em uma perspectiva discursiva, considerando, inclusive, o evento como um elemento central e núcleo da figura na semântica-discursiva, é fazer uma relação, quase que direta, com o Processo na oração, unidade da gramática (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1992; MARTIN, 1999; MARTIN; ROSE, 2007). Se se considera haver essa relação no estrato mais abstrato da língua, considera-se, ainda, gramatical esse olhar para um estrato que diz respeito ao discurso.

O que se quer dizer com isso é que, diante do fato de que o estrato semântico-discursivo é o responsável pelas relações-discursivas, associar o evento ao Processo, bem como a entidade a elementos nominais (ou ao grupo nominal), é, novamente, pensar gramaticalmente um estrato que é responsável pelo discurso. Inclusive, como se constata na literatura dos estudos da Linguística Sistêmico-Funcional (cf. HALLIDAY; HASAN, 1976; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1992; MARTIN, 1999; MARTIN; ROSE, 2007), não há TRANSITIVIDADE em um estrato responsável por relações semântico-discursivas, uma vez que esse sistema constitui sistemas gramaticais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), e não semântico-discursivos.

Nesse sentido, entende-se que o estrato semântico-discursivo comporta (e é composto por) relações. Isso é afirmado, uma vez que, sob a perspectiva discursiva, faz-se uma análise do texto por meio da qual se observa a sua construção pelas relações semântico-discursivas. Por exemplo, o sistema de CONEXÃO é responsável pelas relações entre as figuras e as sequências, enquanto o de IDEAÇÃO, entre as entidades. Com isso, entende-se que esse estrato da língua comporta elementos que se relacionam semântico-discursivamente.

Toma-se como exemplo o trecho a seguir, o qual foi retirado do texto <Sa_RPP_2018_1_AA_001>:

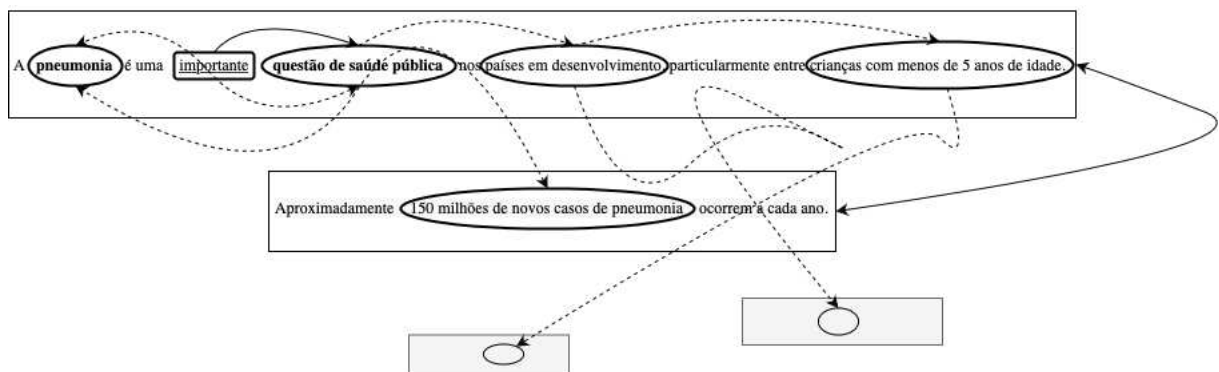
Exemplo 1

A pneumonia é uma importante questão de saúde pública nos países em desenvolvimento, particularmente entre crianças com menos de 5 anos de idade. Aproximadamente 150 milhões de novos casos de pneumonia ocorrem a cada ano; 11-20 milhões de crianças necessitam de hospitalização e 2 milhões morrem. No Brasil, as doenças respiratórias (especialmente a pneumonia) são responsáveis por 22,3% de todas as mortes entre crianças de 1 a 4 anos, sendo a principal causa de morte para esta faixa etária. A pneumonia está associada a uma alta taxa de hospitalização, sendo que 30 a 50% das crianças que procuram atendimento médico de emergência ou básico apresentam sintomas respiratórios.

Fonte: Sa_RPP_2018_1_AA_001.

O texto acima serve aqui de exemplo para se levantar o seguinte questionamento: de que modo os sistemas responsáveis pelas relações semântico-discursivas contribuem para se construir o texto? Levando-se em consideração a dimensão metafuncional da língua, há uma organização de seus sistemas que se dá de forma ideacional, textual e interpessoal (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Esse questionamento pode ser ampliado considerando a Figura 30 abaixo:

Figura 30 – A escala de ordem do estrato semântico-discursivo



Fonte: elaborada pelo autor.

Considerando, ao se observar a Figura 30, a relação entre as duas figuras “a pneumonia é uma importante questão de saúde pública nos países em desenvolvimento” e “aproximadamente 150 milhões de novos casos de pneumonia ocorrem a cada ano”, bem como os elementos que as compõem, constata-se uma diferente organização.

Comparando-se a organização dos estratos e considerando-se a escala de ordens da gramática, cujos significados ideacionais, interpessoais e textuais se organizam por meio do princípio da composição (morfema compõem a palavra, que compõe o grupo ou frase, que

compõe a oração), contesta-se aqui o fato de que, no estrato semântico-discursivo, elementos compõem a figura, que, por sua vez, compõe a sequência de figura. Afirma-se isso uma vez que sobretudo as últimas unidades não se organizam de modo a se compor, elas, na verdade, se relacionam semântico-discursivamente.

Esse questionamento retoma um ponto já mencionado neste estudo: o estrato mais abstrato da língua diz respeito a relações semântico-discursivas, e ele, portanto, se organiza a partir delas. Entender, dessa forma, o modo de organização do estrato mais abstrato da língua da mesma forma que se entende a gramática, é incorrer em um problema teórico e descritivo: pois é descrever os sistemas da semântica-discursiva gramaticalmente.

Como já mencionado, um dos princípios de organização da língua é a composição (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Levando-se isso em consideração, bem como o que foi discutido a partir de algumas perspectivas semântico-discursivas (cf. HALLIDAY; HASAN, 1976; MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007), propõe-se, aqui, um outro olhar para a escala de ordem do estrato semântico-discursivo, que se baseia tendo como principal direção as relações. Para se chegar a essa proposição, observa-se como exemplo o trecho abaixo, retirado do artigo <Sa_JBP_2018_3_AA_001.txt>:

Exemplos 2

O bullying em diferentes contextos é considerado um problema de saúde pública, caracterizado pela intencionalidade e pela repetitividade das agressões, bem como pelo desequilíbrio de poder existente entre vítimas e agressores. Seus efeitos na saúde mental de crianças e adolescentes já foram documentados pela literatura científica e se referem a problemas de adaptação e ajuste psicoemocional, adoecimentos psicossomáticos e psicológicos, quadros e sintomatologia depressiva, ideação e tentativas de suicídio. No Brasil, o fenômeno tem recebido crescente atenção nas últimas décadas e se identifica um aumento no número de estudos divulgados sobre as características pessoais dos estudantes envolvidos em situações de bullying, diagnósticos e aspectos relacionados ao contexto escolar. No entanto, a abordagem do fenômeno no país ainda é centrada exclusivamente na díade agressor/vítima, com poucos estudos que incluem os observadores em suas análises, ou no cenário escolar e seus aspectos que podem ser utilizados para explicar sua ocorrência.

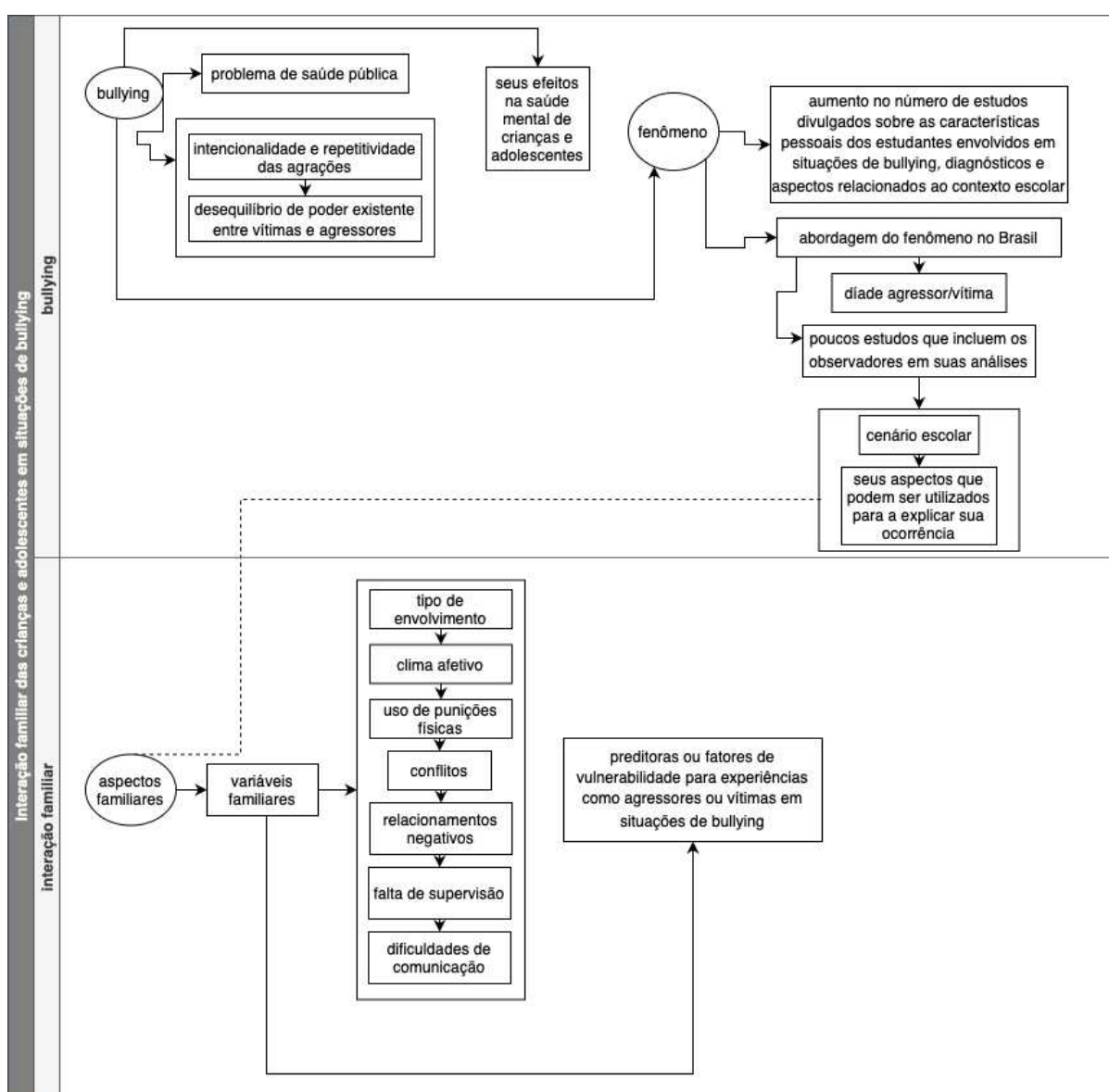
Estudos internacionais indicam que aspectos familiares devem ser considerados na análise do bullying. Variáveis familiares, tais como tipo de envolvimento, clima afetivo, uso de punições físicas, conflitos, relacionamentos negativos, falta de supervisão e dificuldades de comunicação, são apontadas pela literatura como preditoras ou fatores de vulnerabilidade para experiências como agressores ou vítimas em situações de bullying. Em termos de revisão, destacam-se dois estudos brasileiros que investigaram a associação entre a expressão da violência no ambiente escolar e a punição física utilizada como medida de disciplina no contexto familiar e a presença de pais negligentes, agressivos, em conflito, que empreendem maus-tratos físicos e emocionais aos filhos.

Fonte: Sa_RPP_2018_1_AA_001.

O trecho acima discute o modo como as interações familiares de estudantes, ou seja, o ambiente familiar, pode impactar as situações de bullying: como ele e seus aspectos podem explicar a ocorrência desse ato de agressão. Levando-se isso em consideração, parte-se da ideia de que esse tópico compreende aquilo que aqui se conceitua **assunto do texto**.

Para, em seguida, compreenderem-se as outras unidades da semântica-discursiva e a fim de se chegar à proposição da escala de ordem desse estrato, verifica-se o diagrama ilustrado na Figura 31 abaixo:

Figura 31 – Entidade, essência e assunto do texto

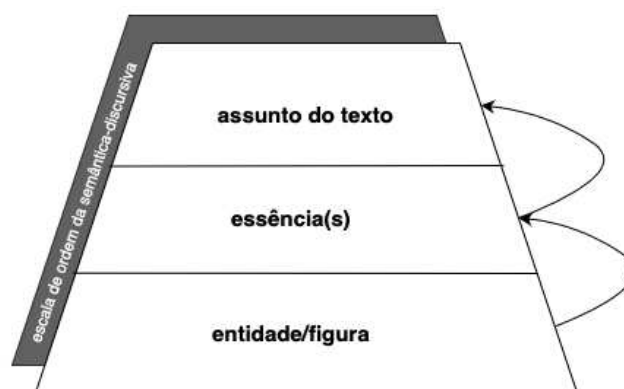


Fonte: elaborada pelo autor.

A Figura 31, acima, ilustra o modo como se entende aqui a escala de ordens da semântica-discursiva. O assunto do texto *Interação familiar das crianças e adolescentes em situação de bullying*, que está localizado do lado esquerdo, compreende tópicos de assuntos mais genéricos do sentido das entidades no texto, chamados aqui de *essências*. Acontece que, para isso, há relações semântico-discursivas que são estabelecidas por meio das entidades e das figuras.

Em resumo, considera-se que a unidade maior do estrato semântico-discursivo é o **assunto do texto**. Este se compõe, por sua vez, de **essência(s)**, que diz(em) respeito a uma unidade que comporta relações que se estabelecem por meio da **entidade** ou da **figura**. O que se defende, por conseguinte, neste estudo é que a escala de ordens do estrato semântico-discursivo se organiza pelo princípio desta composição: assunto do texto ~ essência ~ entidade/figura, como se verifica na Figura 32:

Figura 32 – Entidade, essência e assunto do texto



Fonte: elaborada pelo autor.

Tendo em vista essas discussões, parte-se, agora, para a identificação da entidade, que é uma unidade responsável por estabelecer relações-discursivas as quais são organizadas pelo sistema de IDEACÃO. A próxima seção, desse modo, aborda questões que estão relacionadas à entidade.

4.2 A entidade e o léxico: relações discursivas e relações taxonômicas

Nos estudos de Martin (1992), de Martin e Rose (2007) e de Hao (2015; 2020), faz-se uma relação entre a entidade e itens lexicais, uma vez que elas são definidas como elementos

nominais que estabelecem coesão lexical no discurso, relacionando-se umas às outras para construir o campo. Diante disso, um ponto a ser destacado diz respeito a essa relação entre o léxico (ou o vocabulário, ou os elementos nominais) e a entidade (MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007; HAO, 2015; 2020).

De um lado, a coesão lexical se estabeleceria por meio da relação entre substantivos gerais, que estão entre uma classificação de itens lexicais e itens gramaticais (HALLIDAY; HASAN, 1996). De outro, haveria um sistema semântico-discursivo, a IDEIAÇÃO, em que as entidades, um dos elementos do estrato mais abstrato da língua, relacionam-se entre elas, estabelecendo-se a coesão lexical (MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007). O que se observa, a partir disso, é uma associação entre a coesão e o léxico, como se as relações semântico-discursivas i) fossem promovidas por meio de itens lexicais ou ii) estivessem associadas a eles.

O que se deve deixar claro, nesta pesquisa, é que **não se considera haver relação direta entre itens lexicais (ou léxico) e entidade, nem entre as relações semântico-discursivas das entidades e as taxonômicas.**

Entende-se aqui a necessidade de discutir a (não) relação do léxico com a IDEIAÇÃO, uma vez que este sistema é, na literatura da Linguística Sistêmico-Funcional, como visto anteriormente, associado à coesão lexical (cf. HALLIDAY; HASAN, 1996; MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007). Acontece que, em Halliday e Matthiessen (2014), o léxico e a gramática pertencem ao mesmo estrato, chamado de lexicogramática. A partir disso, faz-se o seguinte questionamento quanto a essa definição: se as relações semântico-discursivas estão no estrato mais abstrato da língua e o léxico na gramática, a coesão, então, seria um processo da gramática, e não da semântica-discursiva. Essa, não obstante, é uma afirmação que vai de encontro com a própria definição da coesão, que, de acordo com Halliday e Hasan (1976), diz respeito a relações de significado, que são estabelecidas, segundo Halliday e Hasan (1976), Martin (1992) e Martin e Rose (2007), na semântica-discursiva.

Para além dessa definição de léxico, há outras que a problematizam, defendendo que ele tem uma organização própria e promove relações de coextensividade; ele seria, na verdade, uma dimensão do sistema linguístico instanciada por meio de itens lexicais (cf. HALLIDAY, 2007; RODRIGUES, FIGUEREDO, OLIVEIRA, 2022). Isso significa dizer que o léxico e a gramática não fariam parte do mesmo estrato, uma vez que eles se organizam de forma diferente e possuem naturezas distintas: a segunda “é realizada pela estrutura, organizada pela escala de ordens e pelo princípio de abstração, já a organização do léxico está

relacionada à probabilidade de ocorrência de um item lexical em determinados registros” (RODRIGUES; FIGUEREDO; OLIVEIRA, 2022, p. 9).

Diante disso, essa discussão leva a entender que, embora se relacione o léxico à gramática por meio da complementaridade, uma vez que se defende que estruturas da gramática se constroem por meio de itens lexicais (RODRIGUES; FIGUEREDO; OLIVEIRA, 2022), a relação coesiva não se dá entre itens lexicais: não se trata, portanto, de coesão lexical. O que se defende aqui é que as cadeias coesivas se promovem por meio da relação semântico-discursiva entre uma entidade e outras. Com isso, ressalta-se que o item lexical não é uma unidade da semântico-discursiva, ou seja, não é a entidade.

A título de exemplificação, o texto <Sa_RPP_2018_1_AA_001>, cujo trecho segue abaixo, traz uma percepção de *pneumonia* que, primeiramente, a relaciona como uma *questão de saúde pública*:

Exemplo 3

A **pneumonia** é uma importante **questão de saúde pública** nos países em desenvolvimento, particularmente entre crianças com menos de 5 anos de idade. Aproximadamente 150 milhões de novos **casos de pneumonia** ocorrem a cada ano; 11-20 milhões de crianças necessitam de hospitalização e 2 milhões morrem. No Brasil, as **doenças respiratórias** (especialmente a **pneumonia**) são responsáveis por 22,3% de todas as mortes entre crianças de 1 a 4 anos, sendo a principal **causa de morte** para esta faixa etária.

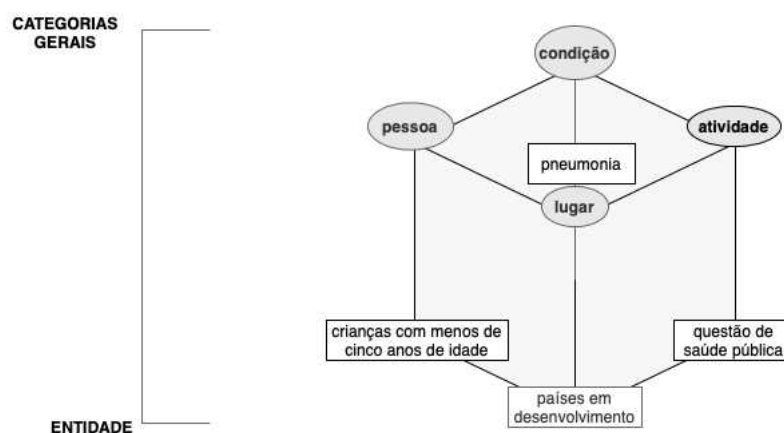
Fonte: Sa_RPP_2018_1_AA_001.

Como se observa no trecho acima, a *pneumonia*, para este texto, está relacionada à *questão de saúde pública*, a *doenças respiratórias*, a *casos de pneumonia*, a *doenças respiratórias*, à *pneumonia* e à *causa de morte*. A fim de se construir, portanto, o campo desse texto, utilizam-se essas entidades, que criam significado a partir das relações que são estabelecidas entre elas. Por exemplo, para este texto especificamente, uma das relações se dá entre a *pneumonia* e uma *questão de saúde pública*, o que pode ser específico de um artigo científico das Ciências da Saúde. Não se trata, desse modo, aqui de relações semântico-discursivas promovidas por elementos que são associados a categoria gerais, como é feito em Martin (1992), Martin e Rose (2007) e Hao (2020; 2022). Isso porque entende-se, neste estudo, que não são as entidades sozinhas que constroem o campo, mas sim a relação entre elas.

Voltando-se aos estudos de Martin (1999), Martin e Rose (2007) e Hao (2020; 2022), a fim de explicar sucintamente o que seria a taxonomia, esta, para esses autores, diz respeito a

categorias gerais das entidades. Seria um recurso por meio do qual se cria a experiência: trata-se do modo como as pessoas, as coisas, os lugares são organizados e interpretados por meio de classes mais gerais, que não são declaradas, mas assumidas por suas instâncias no texto (MARTIN, 1999; MARTIN; ROSE, 2007). Entendendo o Exemplo 3 dessa forma, assumem-se as seguintes categorias, que podem ser visualizadas no diagrama ilustrado na Figura 33 a seguir:

Figura 33 – Categorias gerais da *entidade*



Fonte: elaborada pelo autor.

Na Figura 33 acima, representam-se as categorias gerais das entidades tendo em vista estudos anteriores (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007; HAO, 2020; 2022). O que parece ser feito por eles é uma identificação das entidades que se dá por meio de uma noção mais geral desses elementos, indicando a que categorias gerais eles pertencem. Por exemplo, *pneumonia* diz respeito a uma doença respiratória, que é uma condição, ou um estado, de uma *pessoa*; *pessoa*, por sua vez, a um ser consciente. Veja-se o Quadro 9 abaixo:

Quadro 9 – Categorias gerais das entidades e suas definições

categorizações gerais das entidades		
entidade	definição	categoria geral
crianças com menos de 5 anos de idade	ser consciente	pessoa
países em desenvolvimento	delimitação de um espaço	lugar

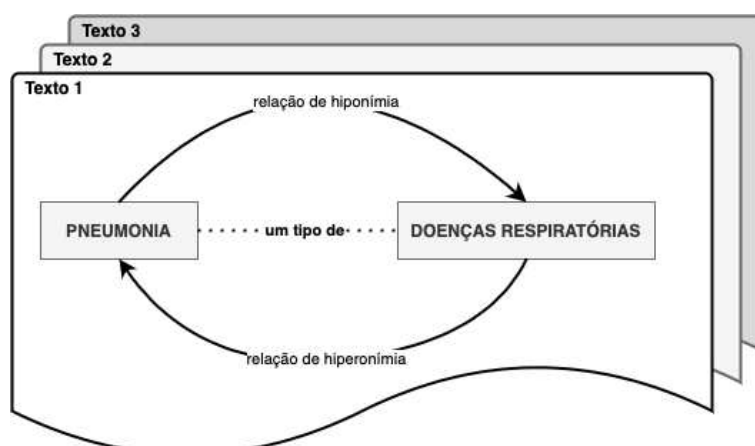
questão de saúde pública	realização e execução de ações na sociedade.	atividade
pneumonia	estado de uma pessoa	condição

Fonte: elaborado pelo autor.

Diante disso, como se observa no Quadro 9 acima, o que parece ser feito para identificar a categoria geral das entidades é i) reconhecer sua representação na experiência, bem como ii) compreender sua noção geral a partir de outros textos, e é com base nesses parâmetros que se busca, nesses estudos (cf. MARTIN, 1999; MARTIN; ROSE, 2007; HAO, 2020; 2022), identificá-las no estrato semântico-discursivo. Nesse sentido, quando Martin (1992), Martin e Rose (2007) e Hao (2020; 2022) defendem que as entidades nomeiam coisas, pessoas, lugares e atividades, esses autores partem da ideia de que esses elementos instanciados no texto pertencem a categorias gerais, como gênero, idade, etnia, classe, entre outras (cf. MARTIN, 1999; MARTIN; ROSE, 2007).

No entanto, o que se percebe aqui é que, novamente, volta-se à associação entre as entidades e o item lexical, bem como entre as relações semântico-discursivas e as taxonômicas (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007; HAO, 2020; 2022). Um ponto a se questionar diz respeito ao fato de se desconsiderar o contexto específico das entidades em um determinado texto, bem como as relações semântico-discursiva promovidas por elas. Veja-se a Figura 34 a seguir:

Figura 34 – Léxico, taxonomia e relações semântico-discursivas



Fonte: elaborada pelo autor.

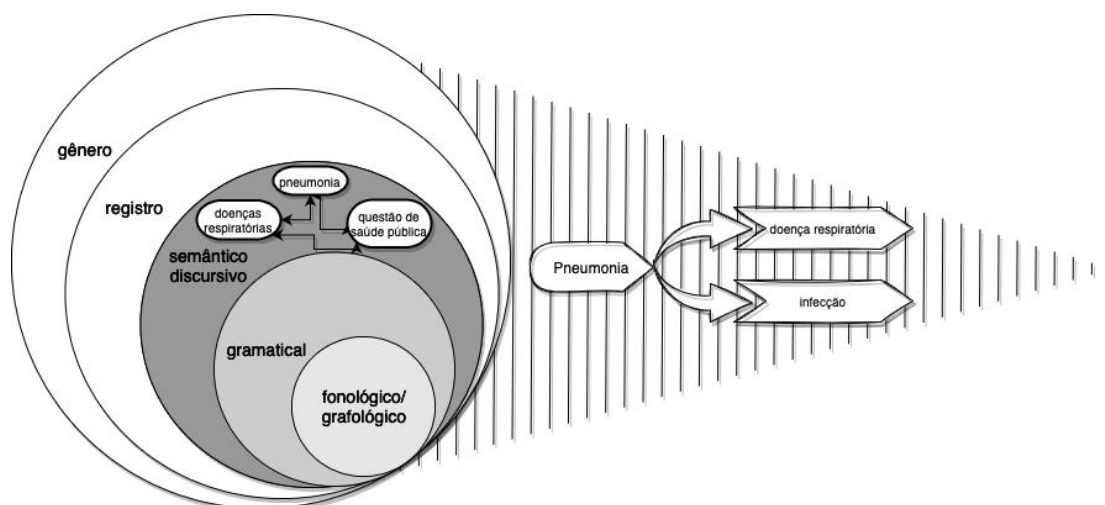
A Figura 34 ilustra o modo como se identifica o tipo de relação entre as entidades: de acordo com Martin e Rose (2007), as categorias gerais das entidades dão origem a vários tipos de relações coesivas no discurso, quais sejam, as de classe e co-classe, todo-parte e co-parte, bem como as de repetição, hiponímia, antonímia, sinonímia (MARTIN; ROSE, 2007). Não obstante, faz-se uma associação entre relações taxonômicas e relações semântico-discursivas: entender a entidade *pneumonia* como pertencente a uma categoria de *condição* e compreender que se estabelece uma relação de hiponímia com *doenças respiratórias* a partir da generalização que é feita (*pneumonia* é um tipo de *doença respiratória*) é compreender sua noção geral a partir de outros textos, mais especificamente aqueles baseados em um conhecimento técnico-científico.

Dito de outro modo, *pneumonia*, em um texto das Ciências da Saúde, abarca uma noção diferente da noção dessa entidade em outro texto: é possível que, a partir de outra realidade, em outro texto, *pneumonia* não seja, por exemplo, um tipo de *doenças respiratórias*. A *pneumonia* em um texto das Ciências da Saúde pode ter nuances diferentes que a noção dessa entidade em outros textos que não sejam, por exemplo, científicos. Contesta-se, portanto, o fato de haver relações taxonômicas em um estrato responsável por relações semântico-discursivas: a taxonomia abarcar noções gerais de itens lexicais, mas não de entidades, porque cada texto produz abstrações que geram outras entidades.

Diante disso, defende-se aqui que **cada texto é um texto, e a língua, em cada um deles, cria sua própria experiência, sua própria realidade.**

Com isso, tendo em vista que a taxonomia diz respeito a categorias gerais de um determinado item lexical (MARTIN; 1992 MARTIN; ROSE, 2007), dá-se a entender que essa noção geral de um determinado item lexical é, na verdade, um resultado do sentido desse item em vários textos. Novamente, se se considera isso de fato, exclui-se a ideia de que o estrato mais abstrato da língua é aquele responsável pelas relações semântico-discursivas. O que se defende aqui é que essas relações não estão ligadas diretamente a essas categorias gerais, assim como a entidade não diz respeito ao léxico, que, como se observa na Figura 35 a seguir, é uma dimensão da língua:

Figura 35 – O léxico como uma dimensão do sistema linguístico



Fonte: elaborada pelo autor.

A Figura 35 ilustra a independência que há entre itens lexicais e entidade: os primeiros dizem respeito ao léxico, que é uma dimensão da língua, enquanto os segundos são unidades do estrato semântico-discursivo. Enquanto o léxico é responsável por relações taxonômicas, as entidades promovem relações semântico-discursivas; trata-se, desse modo, de dois fenômenos diferentes.

Na próxima seção, será abordada a identificação da entidade neste estudo, para, em seguida, identificar relações semântico-discursivas que se estabelecem por meio desse elemento na introdução de artigos científicos das Ciências da Saúde.

4.3 Identificando a entidade

Na experiência humana, ou no mundo natural, uma pessoa é aquilo que ela significa, e ela existe apenas dentro de um contexto social: as pessoas, ao interagirem entre si, produzem significados específicos obedecidos pela estrutura social (HALLIDAY, 1978). E esse significado é a principal forma que essa interação assume: a língua é um recurso por meio do qual se criam significados, os quais organizam o mundo natural (HALLIDAY, 1978; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997; MARTIN, 1999). É devido a isso que se diz que “o significado é um ato social e é limitado pela estrutura social.”⁶⁷ (HALLIDAY, 1978, p. 1960).

⁶⁷ “Meaning is a social act, and it is constrained by the social structure”.

A língua, portanto, assume um papel importante dentro dessa estrutura: ela cria a realidade na qual vivem os indivíduos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997):

De um lado, [os significados] são representados (isto é, expressados) também pela forma como as pessoas se movem, pelas roupas que vestem, pelos seus hábitos alimentares e outros padrões de comportamento. De outro lado, eles são representados (isto é, metaforizados) pela maneira como as pessoas classificam as coisas, pelas regras que estabelecem e por outros modos de pensamento. A língua ‘representa’ em ambos os sentidos. É capaz de fazer isso porque codifica, ao mesmo tempo, tanto nossa experiência da realidade quanto nossas relações uns com os outros.⁶⁸ (HALLIDAY, 1978, p. 162).

Diante disso, a realidade vivenciada pelas pessoas é, na verdade, criada por meio da língua, ou seja, ela codifica a forma como eles veem e entendem o modo como a experiência humana funciona (HALLIDAY, 1978; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997; 2014). Isso significa dizer que as pessoas e a experiência são um subproduto dela: as pessoas, as coisas, os lugares, as atividades são criados pela língua (HALLIDAY, 1978). E essa representação se dá, de acordo com Martin (19992), Martin e Rose (2007) e Hao (2020; 2022), por meio das relações estabelecidas entre as entidades no estrato semântico-discursivo. Nesse sentido, é do interesse deste estudo entender como esses elementos se relacionam entre si e constroem a introdução do gênero artigo acadêmico das Ciências da Saúde.

Como já citado anteriormente, os gêneros são constituídos por uma configuração sintagmática de estágios, etapas que, por sua vez, são compostas por uma ou mais fases (MARTIN; ROSE, 2008; HAO, 2015). Com relação aos artigos acadêmicos das Ciências da Saúde, eles dizem respeito aos gêneros de PROCEDIMENTOS (MARTIN; ROSE, 2008; ROSE, 2020) – mais especificamente, ele é o RELATÓRIO DE EXPERIMENTO, cujo intuito é mostrar como determinado procedimento foi realizado. Esse gênero é composto pela seguinte configuração (cf. ROSE, 2020): Introdução ^ Método ^ Resultado ^ Discussão, estágios que são definidos no Quadro 10 abaixo:

⁶⁸ “In one sense, they are represented (that is, expressed) also by the way people move, the clothes they wear, they eating habits and their other patterns of behaviour. In the other sense, they are represented (that is, metaphorized) by the way people classify things, the rules they set up, and other modes of thought. Language 'represents' in both these senses. It is able to do this because it encodes, at one and the same time, both our experience of reality and our relationships with each other”.

Quadro 10 – Definição de cada etapa do gênero PROCEDIMENTO

Introdução	o problema de pesquisa da pesquisa e os objetivos
Método	sequência de passos metodológicos utilizados, incluindo equipamentos e procedimentos.
Resultado	apresentação dos resultados experimentais.
Discussão	exame minucioso dos resultados experimentais

Fonte: elaborado pelo autor.

Como consta na metodologia desta pesquisa, os artigos acadêmicos são macrogêneros, ou seja, são compostos por outros gêneros (MARTIN; ROSE, 2008). Entre estes, entende-se aqui a Introdução como uma etapa que é elaborada por meio do gênero EXPOSITIVO (cf. OLIVEIRA, 2022). Uma vez que ele se desenvolve por “etapas de descrições e argumentos sobre o conteúdo discutido na pesquisa, reflexões que mostram contradições e problemas existentes na literatura” (OLIVEIRA, 2022, p. 70), busca-se entender como as relações semântico-discursivas contribuem para construir esse gênero. Nesse sentido, um ponto a ser discutido aqui diz respeito ao modo como determinado fenômeno do mundo é realizado por meio das relações semântico-discursivas estabelecidas pelas entidades. Diante disso, considera-se o Exemplo 4 abaixo:

Exemplo 4

Segundo a **International Association for the Study of Pain (IASP)** dor é definida como uma **experiência sensorial e emocional desagradável associada a um dano tecidual atual ou potencial**. Atualmente, pode ser interpretada como uma **evidência de comprometimento da integridade física e/ou emocional do indivíduo**, representando uma **eficiente via de informação dos diversos segmentos corporais com a consciência**. O **processo do envelhecimento** vem acompanhado do **aumento na prevalência da dor crônica, dor articular e fibromialgia**. Entre os **idosos**, a **dor crônica** representa a **principal queixa ambulatorial** e o **sintoma mais frequente nas anamneses**, ocorrendo em **25 a 50% dos indivíduos**. Cerca de **45 a 80% dos idosos institucionalizados** manifestam pelo menos um **tipo de dor**, sendo que, em **34% desses casos**, os **sintomas** são referidos como contínuos. Dentre as **doenças que podem estar associadas com a dor crônica**, destacam-se a **osteoartrite**, as **neuropatias periféricas**, a **osteoporose** e o **câncer**.

Dor crônica é uma experiência multidimensional com componentes sensoriais, afetivos e cognitivo-avaliativos, que se interagem e contribuem para a resposta dolorosa final. Alterações características do processo de envelhecimento sobre cada um desses componentes podem interferir na experiência da dor, dificultando a realização de uma avaliação adequada. Enfim, a dor é uma experiência altamente individual, moldada pelo contexto e pela percepção de seu significado.

Considerando a **avaliação como parte inicial do gerenciamento da dor**, faz-se necessário identificar o **perfil dos pacientes**, para que seja aplicado o **instrumento de avaliação** o mais adequado possível. No entanto, a **demência** pode complicar a **avaliação da dor**, porque prejudica o **juízo**, a **memória** e a **comunicação verbal**. Isso porque a **demência** está associada com **alterações do sistema nervoso central**, que alteram a **tolerância à dor**. Contudo, não há evidência de que as **pessoas com demência** sentem fisiologicamente **menos dor**, mas sim que **elas** parecem ser menos capazes de reconhecer e comunicar a **presença de dor**.

Nesse sentido, a **avaliação da dor**, nessa população, é um **desafio**, pois **pessoas com demência, cuidadores de saúde e especialistas** reconhecem que o **autorrelato de dor**, por si só, é insuficiente e que são necessárias **estratégias de avaliação da dor** por meio de **observação**. Em 2002, a **American Geriatrics Society (AGS)** estabeleceu **diretrizes abrangentes para avaliação de indicadores comportamentais de dor**. Mais recentemente, a **American Pain Society (APS)** realizou uma **força-tarefa de gerenciamento de Enfermagem em dor para avaliação do paciente não verbal** (incluindo as **pessoas com demência**) na qual recomendou-se uma **abordagem abrangente e hierárquica, que integrasse o autorrelato e as observações de comportamentos de dor**.

Na **literatura**, identificamos **12 escalas de heteroavaliação da dor para pessoas não comunicantes**. De sua **análise psicométrica**, concluiu-se que a **maioria** apresentava **fragilidades em sua validade, confiabilidade e utilidade clínica**. No entanto, a **Pain Assessment in Advanced Dementia (PAINAD)**, a **Pain Assessment Checklist for Seniors with Limited Ability to Communicate (PACSLAC)** e a **Doloplus-2** mostraram **qualidades promissoras**.

A **escala PAINAD** foi concebida em 2003 a partir de uma **adaptação da escala Discomfort Scale-Dementia of the Alzheimer's Type (DS-DAT)** e da **escala pediátrica Face, Legs, Activity, Cry, Consolability (FLACC)**, com o propósito de permitir uma **fácil quantificação da dor em idosos**, numa **escala métrica de zero a 10 pontos**. A **escala** é composta pelos **indicadores "Respiração independente de vocalização", "Vocalização negativa", "Expressão facial", "Linguagem corporal" e "Consolo"**, cada um pontuado de **zero a 2 pontos**. Os **valores mais altos** indicam **maior intensidade de dor**. Essa **escala** abrange apenas **três categorias de comportamentos não verbais de dor e três verbais**, que são **"Expressão facial", verbalizações/vocalizações e "Linguagem corporal"**. A **escala PAINAD** foi validada em **pessoas idosas sob cuidados agudos e de longa duração**. Os **resultados** revelaram uma **boa concordância interavaliadores e consistência interna**, sendo o **indicador respiração** aquele com a **menor associação entre os cinco indicadores**. Os **profissionais** referiram que a **escala** era de **fácil de uso** e que requeria **menos de 5 minutos para seu preenchimento**.

A **escala PAINAD** já foi traduzida e validada em **Singapura, Bélgica, Itália, Países Baixos, Alemanha e Estados Unidos**. As **limitações** apontadas nesses trabalhos foram as **reduzidas dimensões das amostras**, sua **aplicação em situações não dolorosas** (versões alemã e italiana) e a **não explicitação da formação efetuada por quem aplicou a escala**.

Os **estudos que avaliaram as propriedades psicométricas e a utilidade clínica das**

escalas para uso em pessoas incapazes de se autoavaliarem são ainda escassos. Por essa razão, urge encontrar uma **escala que avalie a dor nessas pessoas, que tenha boas propriedades psicométricas e que seja de fácil uso clínico**. A escala PAINAD parece reunir **tais requisitos**.

Fonte: Sa_EINS_2015_0_AA_002.

O Exemplo 4 aborda o modo como a escala PAINAD (Pain Assessment in Advanced Dementia), que é uma ferramenta que avalia o estado fisiológico e comportamental de pacientes, pode ser eficaz quando aplicada em pacientes adultos não comunicantes. Em um primeiro momento do texto, define-se o que é *dor*, uma vez que esta é a principal queixa ambulatorial e o sintoma mais frequente em entrevistas realizadas por profissionais da saúde. Após isso, aponta-se como problemática o fato de pacientes adultos não comunicantes, como pessoas com demência, possuírem dificuldades em reconhecer a presença da dor, e a identificação do perfil desses pacientes – o que inclui entender os sintomas – é necessária para se aplicar o instrumento de avaliação.

Para se chegar a esse entendimento do texto do Exemplo 4, a identificação das entidades é um dos pontos principais. Não há, exatamente, uma extensão definida para identificá-las, e esse estudo parte da ideia de que o seu reconhecimento deve partir, principalmente e primeiramente, do estrato semântico-discursivo, diferentemente do que é feito em outros estudos (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2008; HAO, 2020, 2022), que as relacionam a elementos (ou grupos) nominais, uma descrição que, muito embora se diz discursiva, é, na verdade, gramatical. Um critério, então, para se identificarem as entidades diz respeito à sua própria definição:

1) todas e quaisquer entidades podem ser definidas no texto e entre textos.

No trecho a seguir, o qual foi retirado do Exemplo 4 acima, observa-se o reconhecimento das entidades, que foram destacadas em negrito:

Exemplo 4.1

Segundo a **International Association for the Study of Pain (IASP)** dor é definida como uma **experiência sensorial e emocional desagradável associada a um dano tecidual atual ou potencial**. Atualmente, pode ser interpretada como uma **evidência de comprometimento da integridade física e/ou emocional do indivíduo**, representando uma **eficiente via de informação dos diversos segmentos corporais com a consciência**.

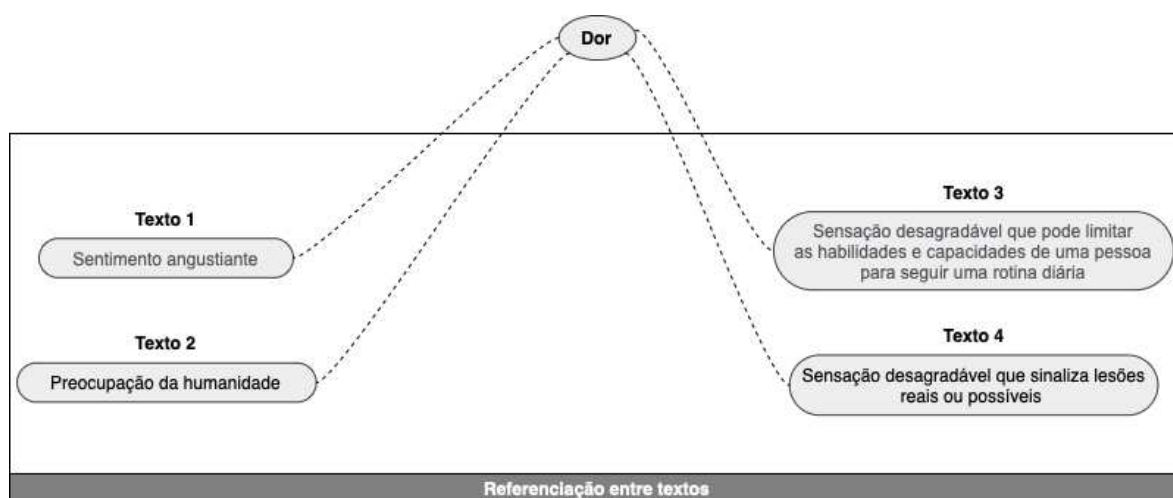
Fonte: Sa_EINS_2015_0_AA_002.

À título de exemplificação, veja-se a segunda entidade instanciada no Texto 4.1, a saber, *dor*. Não se optou aqui pela primeira, porque ela estabelece relações com entidades em outras partes do texto, outro teste que foi feito neste estudo. Diante disso, pelo fato de *dor* estabelecer relações com mais entidades já nesse trecho acima, ela foi a escolhida para se utilizar como exemplo para o teste em questão.

Nesse sentido, o que se mostra aqui é que as entidades encontradas em diversos outros textos podem estabelecer uma referência no que diz respeito às suas noções, o que contribui para a identificação desse elemento como um primeiro teste. O que se deve observar também é que, embora essa constatação sirva como um passo para as identificar, reforça-se, nesta pesquisa, o fato de ela não estar vinculada diretamente a relações semântica-discursivas, ou seja, à relação que é estabelecida entre as entidades.

A Figura 36 abaixo ilustra a verificação que foi feita da entidade *dor* entre textos em que ela foi referenciada:

Figura 36 – Definição da entidade na referência entre textos⁶⁹



Fonte: elaborada pelo autor.

Na Figura 36, é mostrada a referência que pode ser feita a partir das noções da entidade *dor* em outros textos, que foram aqui nomeados de Texto 1, em que é definida como

⁶⁹ O Texto 1 está disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Dor>>. Acesso em: 22 de dez. 2021.

O Texto 2 está disponível em: <<https://sbed.org.br/o-que-e-dor/>>. Acesso em: 22 de dez. 2021.

O Texto 3 está disponível em: <<https://www.cataflampro.com.br/alivie-a-dor/o-que-e-dor/>>. Acesso em: 22 de dez. 2021.

O Texto 4 está disponível em: <<https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/disturbios-cerebrais,-da-medula-espinal-e-dos-nervos/dor/consideracoes-gerais-sobre-a-dor>>. Acesso em: 22 de dez. 2021.

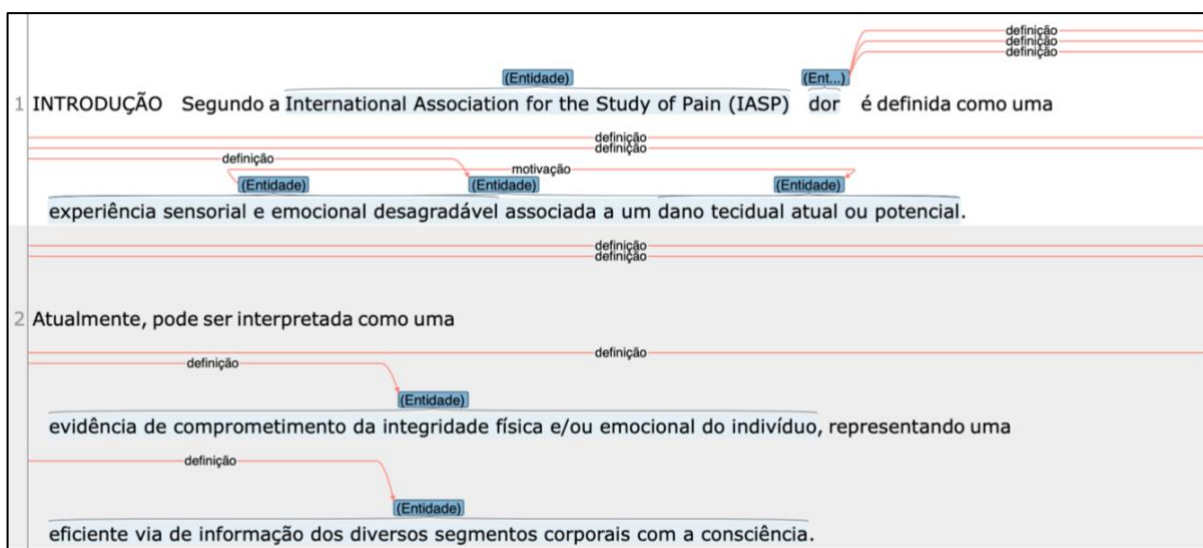
“sentimento angustiante”, de Texto 2, em que se encontra “preocupação da humanidade”, de Texto 3, no qual é entendida como “sensação desagradável que pode limitar as habilidades e capacidades de uma pessoa para seguir uma rotina diária”, e de Texto 4, no qual é definida como “sensação desagradável que sinaliza lesões reais ou possíveis”.

Para além disso, o que se observa também parte da própria relação semântico-discursiva entre as entidades. Diante disso, um outro teste que foi feito para identificar esses elementos diz respeito ao fato de elas

II) relacionarem-se ao longo do texto, estabelecendo relações semântico-discursivas.

No exemplo 4.1, observam-se as seguintes entidades: *dor*; *experiência sensorial e emocional desagradável* » *dano tecidual atual ou potencial*; *evidência de comprometimento da integridade física e/ou emocional do indivíduo*; e *eficiente via de informação dos diversos segmentos corporais com a consciência*. Elas estabelecem entre si, como já mencionado anteriormente, relações semântico-discursiva no texto. Isso pode ser observado a seguir:

Figura 37 – Definição da entidade na referenciação entre textos



Fonte: elaborada pelo autor no *software* INCEpTION.

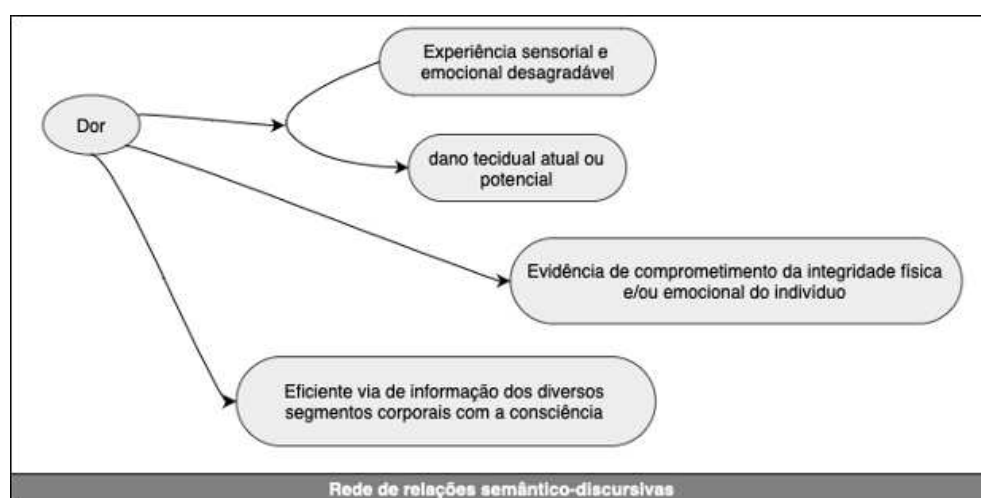
Uma vez que a entidade representa a experiência humana, observa-se, na Figura 37 acima, o modo como determinados indivíduos veem e compreendem a *dor* na etapa Introdução do gênero EXPOSITIVO. A relação promovida por elas é a definição, sobre a qual

se discutirá em seções posteriores desta pesquisa, relação essa que contribui para que seja compreendido aquilo que se entende por *dor*. Esse recurso da língua

III) pode ser entendido, desse modo, como um rótulo de uma rede de relações semânticas de um determinado campo.

O que se quer dizer com isso é que as entidades se relacionam entre si para construir significado em um determinado campo, criando, desse modo, uma rede de relações semântico-discursivas. A entidade *dor* se relaciona à *experiência sensorial e emocional desagradável associada a um dano tecidual atual ou potencial*, à *evidência de comprometimento da integridade física e/ou emocional do indivíduo* e à *eficiente via de informação dos diversos segmentos corporais com a consciência*, e assim por diante. Isso pode ser constatado na Figura 38:

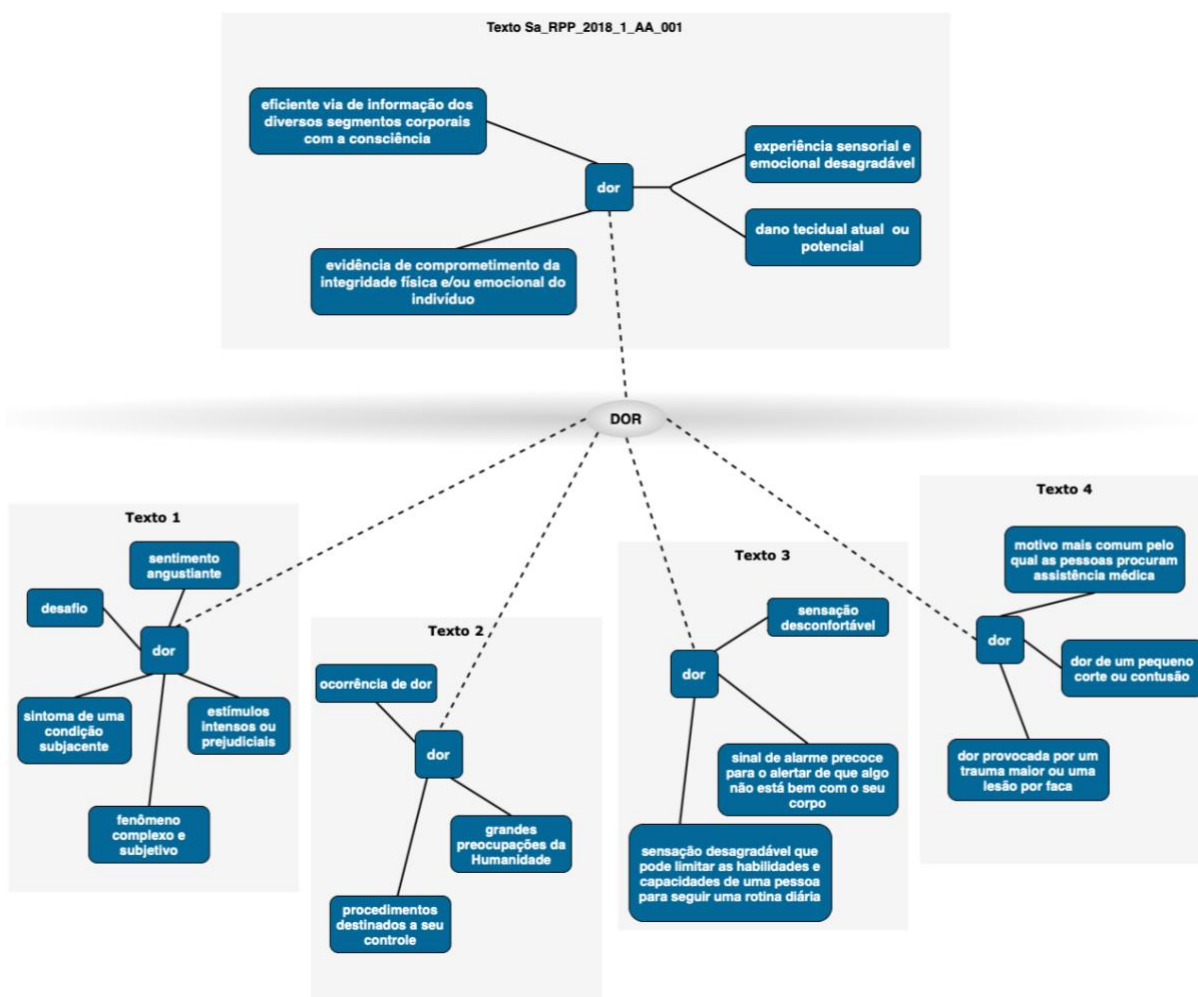
Figura 38 – Construindo a rede de relações semântico-discursivas das entidades



Fonte: elaborada pelo autor.

Considerando-se a referenciação da definição da entidade *dor* na referenciação entre textos, bem como as relações semântico-discursivas desse elemento no texto, as quais foram ilustradas, respectivamente, nas Figuras 39 e 40, sugere-se a seguinte representação:

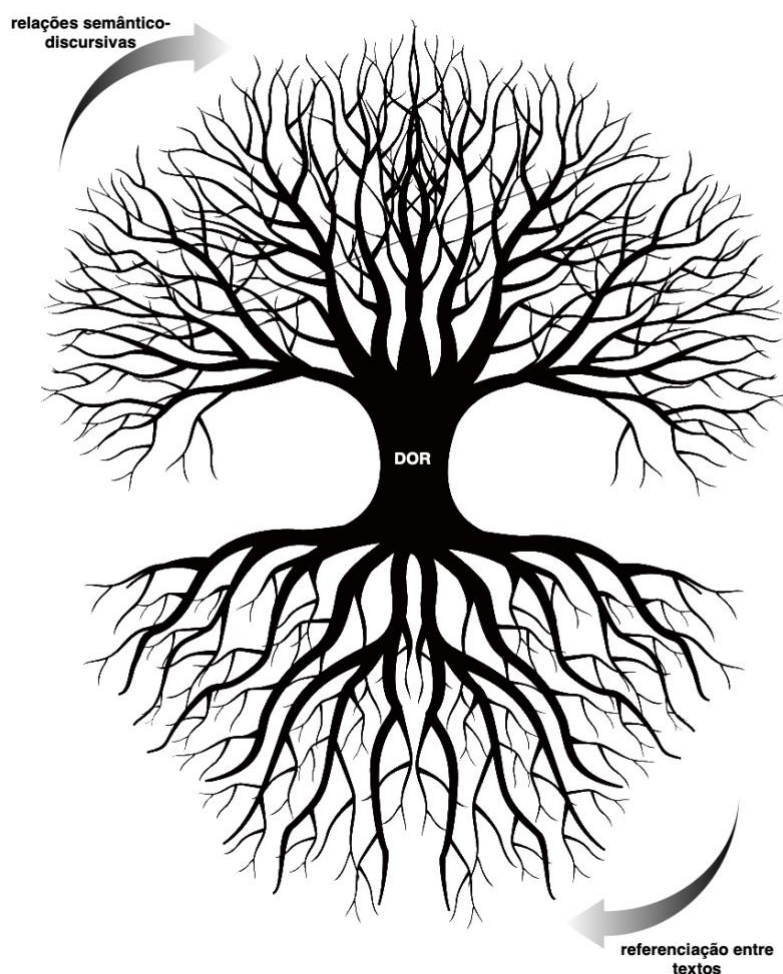
Figura 39 – As referências e as relações semântico-discursivas



Fonte: elaborada pelo autor.

Como se observa na Figura 39 acima, a entidade *dor*, do Exemplo 4.1, pode ser referenciada em outros textos, ao mesmo tempo que estabelece relações semântico-discursivas no próprio texto em que é instanciada. Há o que se chama aqui de árvore de relações semântico-discursivas, ilustrada na Figura 40 a seguir:

Figura 40 – Árvore de relações semântico-discursivas



Fonte: adaptado de e disponível em: <https://www.pngwing.com/pt/free-png-dxmnrw>. Acesso em: 22 de dez. 2021.

Um outro ponto a ser considerado aqui diz respeito às diferentes relações estabelecidas entre as entidades. Observa-se, por exemplo, que, além de *dor* estabelecer uma relação com a entidade *experiência sensorial e emocional desagradável associada a um dano tecidual atual ou potencial*, há também uma outra relação que é promovida entre *experiência sensorial e emocional desagradável* e *dano tecidual atual ou potencial*, que, juntas, formam uma entidade complexa, conceito sobre o qual se falará posteriormente. O que se quer mostrar, com isso, é que *dor*, na verdade, se liga a outras entidades que estão relacionadas entre si.

Observa-se, agora, o Exemplo 5 a seguir:

Exemplo 5

A **pneumonia** é uma importante **questão de saúde pública nos países em desenvolvimento, particularmente entre crianças com menos de 5 anos de idade**. Aproximadamente **150 milhões de novos casos de pneumonia** ocorrem a cada ano; **11-20 milhões de crianças** necessitam de **hospitalização** e **2 milhões** morrem. No Brasil, as **doenças respiratórias** (especialmente a **pneumonia**) são responsáveis por **22,3% de todas as mortes entre crianças de 1 a 4 anos**, sendo a principal **causa de morte para esta faixa etária**.

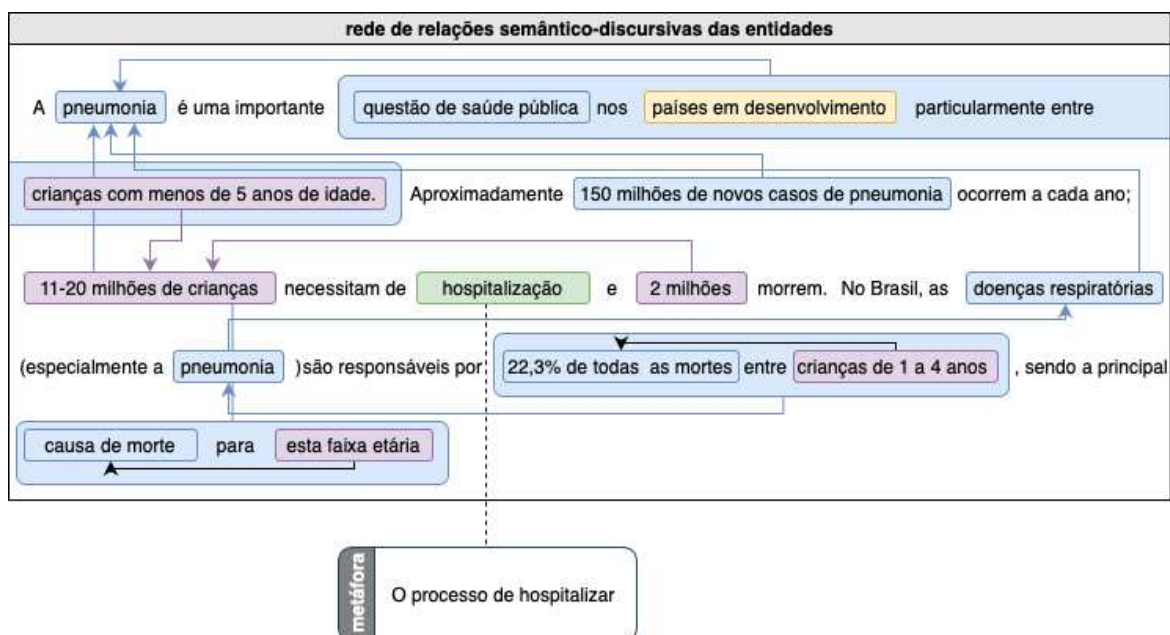
Fonte: Sa_RPP_2018_1_AA_001.

O que se nota é que as relações semântico-discursivas não se estabelecem de forma apenas linear, de forma direta (de um para um), há, na verdade, uma rede de relações. Por exemplo, a entidade *pneumonia* se relaciona a uma entidade complexa: a *questão de saúde pública* está vinculada à *países em desenvolvimento* e à *crianças com menos de 5 anos de idade*. Da mesma forma, a entidade *crianças com menos de 5 anos de idade* dessa relação complexa se liga à *11-20 milhões de crianças*. Com isso, entende-se que

IV) a interpretação de alguns elementos só é possível a partir dos outros que a eles se relacionam concomitantemente.

Buscando melhor compreender esse teste, veja-se que o significado estabelecido pela relação entre as entidades, na figura *a pneumonia é uma importante questão de saúde pública em países em desenvolvimento, particularmente entre crianças com menos de 5 anos de idade*, se justifica quando, na próxima figura, *aproximadamente 150 milhões de novos casos de pneumonia ocorrem a cada ano*, é apresentada a entidade *150 milhões de novos casos de pneumonia*. Mais adiante, nota-se também que só se consegue atribuir significado à entidade *a principal causa de morte para essa faixa etária*, no final do trecho, a partir de uma resultante dos significados de entidades já mencionadas anteriormente: *a principal causa de morte* diz respeito à *pneumonia*. A representação dessa rede de relações semântico-discursivas pode ser visualizada na Figura 41 abaixo:

Figura 41 – Rede de relações semântico-discursivas das entidades

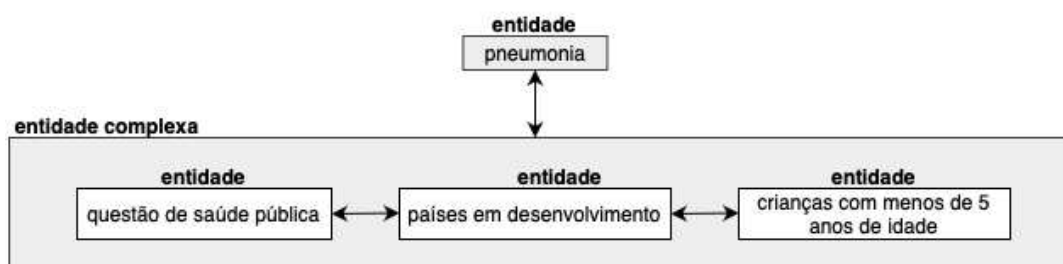


Fonte: elaborada pelo autor.

É a partir dessa rede de relações semântico-discursivas que se constata que uma entidade se relaciona a outras para produzir significado. Ou seja, esses elementos só constroem significado a partir da relação semântica-discursiva que há entre eles: a entidade cria relações com outras no texto, a fim de construir significado. É essa rede de relações que permite que se entenda o assunto do texto.

Voltando-se ao que foi citado anteriormente a respeito das entidades complexas, observa-se, na Figura 42, a entidade *pneumonia* se relacionando à entidade complexa *questão de saúde pública nos países em desenvolvimento, particularmente entre crianças com menos de 5 anos de idade*. Chama-se de **entidade complexa** aquela i) cujas entidades pertencentes à mesma figura se relacionam entre si formando uma unidade de informação e ii) cujas entidades que se relacionam dizem respeito a substâncias diferentes, como se nota abaixo:

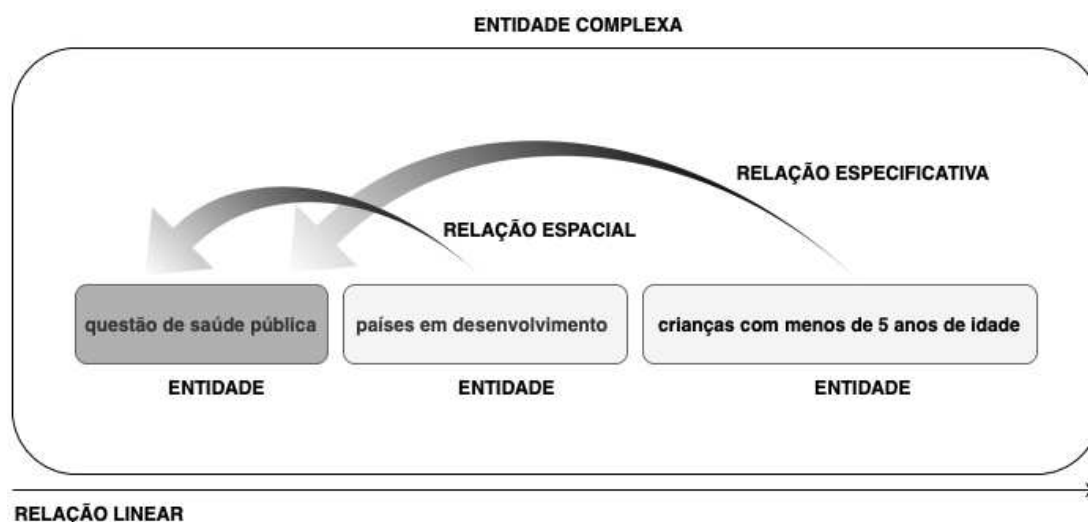
Figura 42 – Entidade complexa



Fonte: elaborada pelo autor.

Essas entidades se ligam semanticamente entre si, de forma lógica e de maneira linear, formando-se entidades complexas. A unidade de informação a que se referiu anteriormente diz respeito à relação dessas três entidades, as quais juntas definem *pneumonia*. Veja-se a Figura 43 a seguir:

Figura 43 – Relações entre entidades na entidade complexa

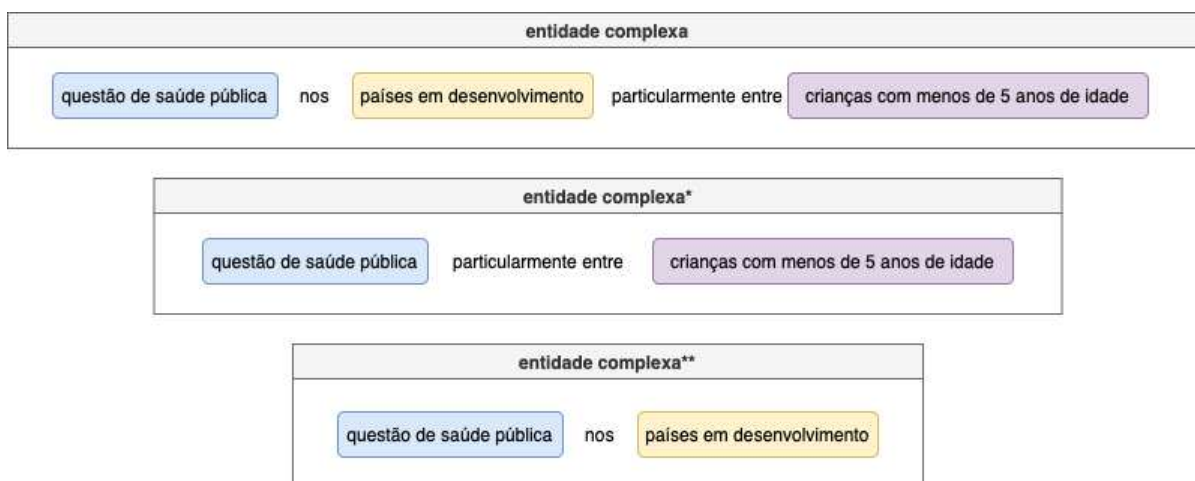


Fonte: elaborada pelo autor.

Cada uma dessas entidades diz respeito a uma **essência**, e cada uma, além disso, se constitui de uma **substância**. No texto em análise, há três essências responsáveis pelo assunto do texto, a saber, *pneumonia*, *Brasil* e *criança*, e as entidades que se relacionam a elas são respectivamente *questão de saúde pública*, *países em desenvolvimento* e *crianças com menos de 5 anos de idade*.

Ainda, nota-se que, entre as entidades que formam uma entidade complexa, há aquela que é principal. Entre as mencionadas, *questão de saúde pública*, *países em desenvolvimento* e *crianças com menos de 5 anos de idade*, não se pode, por exemplo, retirar *questão de saúde pública* que a mensagem deixa de fazer sentido. Observam-se, na Figura 44, algumas possibilidades de composição da entidade complexa:

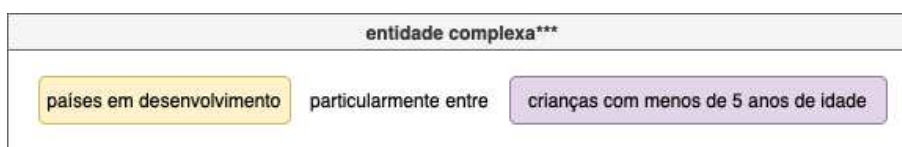
Figura 44 – Possibilidade de composição da entidade complexa



Fonte: elaborada pelo autor.

De outra forma, haveria uma perda na mensagem se não houvesse, entre as entidades *países em desenvolvimento* e *crianças com menos de 5 anos de idade*, a *questão de saúde pública*.

Figura 45 – Possibilidade de composição da entidade complexa



Fonte: elaborada pelo autor.

Como se observa acima, não há uma relação lógica entre *países em desenvolvimento* e *crianças com menos de 5 anos de idade*, justamente pelo fato de faltar uma mensagem que é central dentro dessa entidade complexa. Isso significa dizer que,

v) em toda entidade complexa, há aquela entidade que é central, sem a qual há perda na mensagem.

Quanto à **substância**, esse conceito está relacionado àquilo que é central nas entidades, à qual se relacionam outras unidades. Por exemplo, em *questão de saúde pública*, *países em desenvolvimento* e *crianças com menos de 5 anos de idade*, há, respectivamente, as seguintes substâncias: *questão* (= *problema*), *países* e *crianças*. Trata-se, desse modo, da informação central e essencial de uma entidade, e ela contribui para que as relações

semântico-discursivas sejam possíveis de serem estabelecidas por meio da referência que se faz a outras entidades no texto. Com isso, para identificá-la, basta

VI) excluir as unidades que formam a entidade, aquela que, quando retirada, provoca uma falha na informação é a substância.

Um outro ponto a ser mencionado aqui se refere às outras unidades que se relacionam de forma lógica com a substância, formando-se a entidade. Investiga-se, a seguir, a entidade *questão de saúde pública*, que pode ser visualizada na Figura 46 abaixo:

Figura 46 – Composição de uma entidade



Fonte: elaborada pelo autor.

Acontece que, se se retirar *questão* da entidade *questão de saúde pública*, haveria um problema na informação central da figura: *a pneumonia é uma importante saúde pública*, o que vai de encontro ao que se diz no texto: *a pneumonia é, por exemplo, um estágio da falta de saúde*. O mesmo não aconteceria se se excluíssem as outras unidades, como pode ser notado em: *a pneumonia é uma importante questão (= um problema)*. Não há, em nenhum desses dois exemplos, perda significativa na informação, ou a compreensão total da mensagem, justamente pelo fato de a substância dessa entidade ser *questão*.

Ainda com relação à entidade e às relações ilustradas na Figura 46, constata-se que *pública* é uma classe de *saúde*, pelo fato de ser uma categoria para classificá-la. E essas duas, juntas, classificam a substância *questão*: *saúde pública* está relacionada a medidas de responsabilidades do Estado, a fim de promover condições para evitar doenças, prolongar a vida e melhorar a qualidade de vida das pessoas⁷⁰; o que *questão* promove, desse modo, na relação entre as entidades é fazer com que se entenda a definição de *pneumonia* como uma problemática, e não como uma parte de *saúde pública*.

⁷⁰ Disponível em: <<https://www.ufg.br/n/82100-saiba-a-diferenca-entre-saude-coletiva-e-saude-publica>>. Acesso em: 22 de dez. 2021.

Relações como essa mencionada acima acontecem com a entidade *países em desenvolvimento* e a *crianças com menos de 5 anos de idade*. Aplicando-se o teste VI, observa-se que, no primeiro caso, há, respectivamente, as seguintes substâncias: *países* e *crianças*. No Quadro 11, a seguir, ilustra-se a aplicação do teste VI, com a finalidade de mostrar a identificação das substâncias das entidades *questão de saúde pública, países em desenvolvimento e crianças com menos de 5 anos de idade*.

Quadro 11 – Categorias gerais das entidades e suas definições

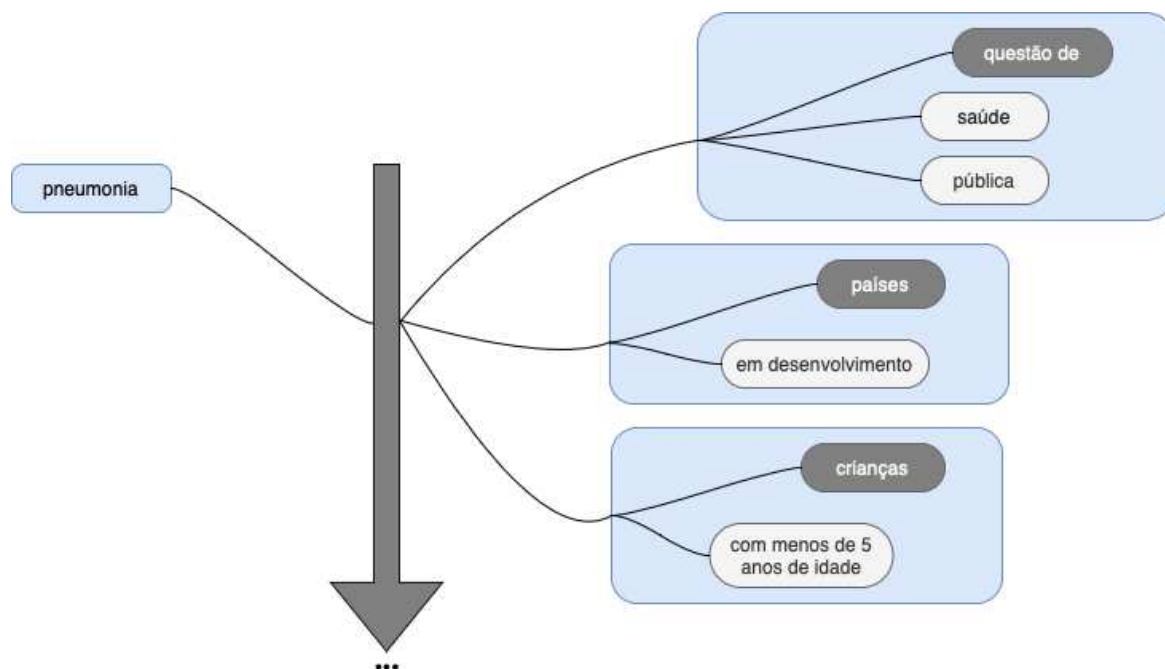
aplicação do teste VII		
unidades excluídas	exemplo	verificação
saúde pública / em desenvolvimento / com menos de cinco anos de idade	<i>pneumonia</i> é uma importante <i>questão</i> nos <i>países</i> , particularmente entre <i>crianças</i> .	✓
questão de / pública / países / crianças	<i>pneumonia</i> é uma importante <i>saúde</i> nos <i>em desenvolvimento</i> , particularmente entre <i>com menos de 5 anos de idade</i> .	✗
questão de / saúde / países / crianças	<i>pneumonia</i> é uma importante <i>pública</i> nos <i>em desenvolvimento</i> , particularmente entre <i>com menos de 5 anos de idade</i> .	✗

Fonte: elaborado pelo autor.

A primeira linha do Quadro 11, em que se apresenta o exemplo “*pneumonia* é uma importante *questão* nos *países*, particularmente entre *crianças*”, demonstra que a exclusão das unidades *saúde pública, em desenvolvimento e com menos de cinco anos de idade* não provoca uma perda significativa da mensagem da figura “*pneumonia* é uma importante questão de saúde pública nos países em desenvolvimento, particularmente entre crianças com menos de 5 anos de idade”. Isso, portanto, permite identificar *questão, países* e *crianças* como as substâncias das entidades.

Para finalizar esta seção, a Figura 47 a seguir demonstra como se estabelecem as relações tanto entre as entidades, quanto entre as unidades que a compõem.

Figura 47 – Possibilidade de composição da entidade complexa



Fonte: elaborada pelo autor.

Na próxima seção, será apresentada uma proposta de descrição das relações semântico-discursivas que são estabelecidas pelas entidades, as quais são organizadas pelo sistema de IDEACÃO do português brasileiro.

4.4 O sistema de IDEACÃO do português brasileiro

Nesta seção, apresenta-se uma proposta de descrição do sistema de IDEACÃO do português brasileiro sob a perspectiva discursiva da Teoria Sistêmico-Funcional. Para essa descrição, serão feitas duas etapas de análise: i) a identificação das estruturas desse sistema, bem como ii) a análise de opções sistêmicas que são geradas pela IDEACÃO. Nesse sentido, a próxima seção não apenas apresenta uma análise do comportamento sistêmico das funções que realizam esse sistema, mas também unidades que configuram a entidade.

4.4.1 As relações entre as entidades

Em seções anteriores, a entidade foi abordada como um elemento cuja função é estabelecer relações semântico-discursivas, e parte daí a descrição que se faz neste estudo.

Nas análises do *corpus* de que esta pesquisa se valeu, constataram-se algumas configurações, as quais comportam diferentes unidades. Um ponto a ser mencionado diz respeito à substância, que foi abordada anteriormente: ela é a mensagem essencial de todas entidades e, portanto, está sempre presente nessa configuração. Para além dela, há outras unidades que a ela se relacionam, contribuindo para o tipo de relação que se estabelece entre as entidades. É por conta disso que, em um primeiro momento, serão descritas essas unidades. Posteriormente, serão, por fim, apresentadas relações semântico-discursivas e como elas contribuem para construir o gênero.

4.4.2 Unidades de configuração das entidades

Nesta subseção, apresentam-se as unidades que podem configurar as entidades, as quais foram identificadas nos textos do *corpus* da área da Medicina. Ressalta-se o fato de que essa configuração caracteriza as entidades, por elas poderem ter diferentes configurações. Nesse sentido, serão abordadas, em um primeiro momento, essas unidades.

4.4.2.1 Substância

A substância, que já foi discutida em seções anteriores, diz respeito a uma unidade que está presente em toda entidade: trata-se de uma estrutura central e essencial desse elemento. Embora as entidades se configurem de diferentes unidades, a substância é aquela permanente, que permite, inclusive, que relações semântico-discursivas sejam estabelecidas. Veja-se, na Figura 48 a seguir, uma representação dessa configuração:

Figura 48 – A substância



Fonte: elaborada pelo autor.

A Figura 48 acima demonstra a relação central estabelecida pela substância no que diz respeito às outras unidades. Vale lembrar que não se afirma que ela está na posição de centro,

mas que carrega a informação essencial, e é essa informação que está relacionada à essência no texto. Observa-se, agora, o Exemplo 6:

Exemplo 6

A **promoção da saúde** é uma **estratégia fundamental na prevenção de evento tromboembólico em pacientes em Terapia com Anticoagulante Oral (T-ACO)**, além de **aspectos** que permeiam a assistência prestada a essa clientela. Nessa perspectiva, **profissionais da saúde, enfermeiros e médicos** exercem **papéis de educadores** no que tange, principalmente, à correta clareza na **orientação do paciente** sobre os **fatores de risco** e os **prováveis sinais e sintomas** de um evento recorrente e de possível complicação relacionados a T-ACO.

A **estabilidade do uso de anticoagulantes orais** está associada à **adesão**, dentre outros variados **fatores: idade, uso paralelo com outros medicamentos, comorbidades, uso irregular de vitamina K, uso inadequado do medicamento, e polimorfismos hereditário**. Os **programas de educação para usuários em tratamento ambulatorial de anticoagulação oral** têm sido de grande importância para o **manejo das interações de fármacos e de dietas** com **derivados cumarínicos**, que se tornam **fatores de interferência para adesão**.

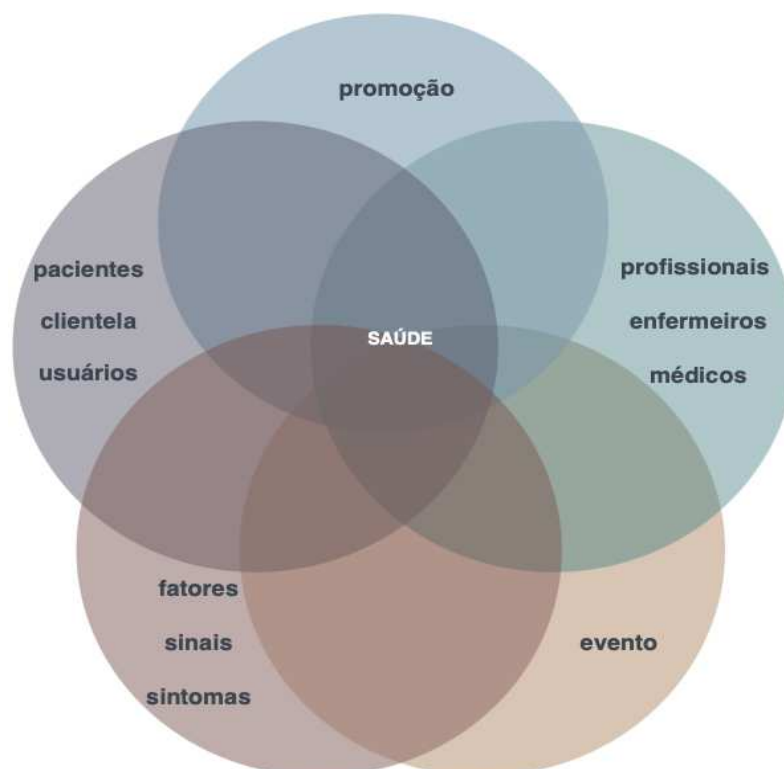
Fonte: Sa_IJCS_2018_4_AA_004.

O Exemplo 6 apresenta um texto que busca avaliar o uso de anticoagulantes orais por pacientes na prevenção de eventos tromboembólico, que estão associados a diversos fatores. Esse é o que se constata aqui ser o **assunto do texto**. O que se mostra é o modo como as substâncias, como unidade de configuração das entidades, se comportam para que se chegue a esse assunto. Algumas delas, tais como pacientes, enfermeiros, médicos, sinais, sintomas já se relacionam a um campo que diz respeito ao universo da saúde; outras, por não ser possível que seja feito esse tipo de associação, precisam de outra unidade, que é chamada de classe, sobre a qual se discutirá na próxima subseção.

4.4.2.2 Classe

Algumas substâncias, como constatado na subseção anterior, são mais específicas, e sozinhas, na configuração de uma entidade, podem se relacionar ao assunto do texto. Outras se relacionam ao que aqui se chama de classe. Trata-se de uma unidade que classifica a substância, apresentando o tipo ao qual ela pertence:

Figura 49 – A classe



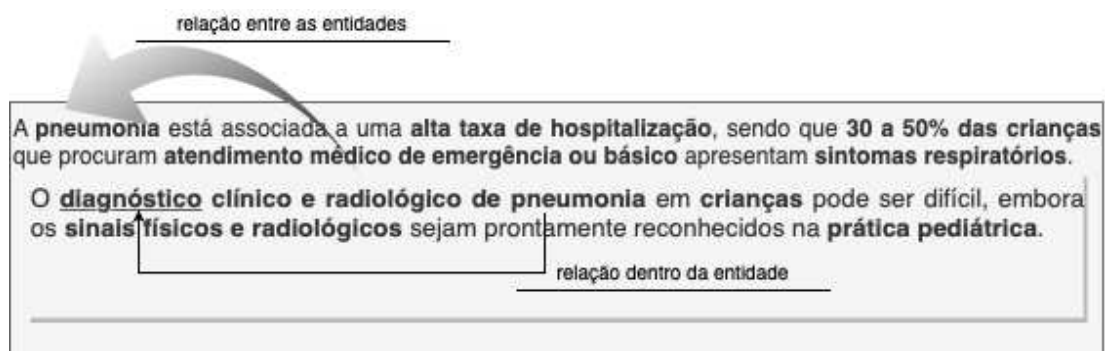
Fonte: elaborada pelo autor.

Tomando-se, como exemplo, as substâncias *promoção*, *profissionais* e *eventos*, percebe-se que elas não se ligam diretamente ao universo da saúde, sendo substâncias mais gerais. Para isso, relacionam-se a elas classes; são elas, respectivamente, *da saúde*, *da saúde* e *tromboembólico*. Essa classificação é uma categoria da substância.

4.4.2.3 Qualidade

Uma outra unidade que compõe uma entidade é a qualidade, a qual caracteriza a substância. Trata-se de informações que são adicionadas à entidade, com a finalidade de apenas qualificá-la. Difere-se, portanto, da unidade classe pelo fato de esta apresentar um conjunto a que a substância pertence, e aquela, as características.

Figura 50 – Qualidade



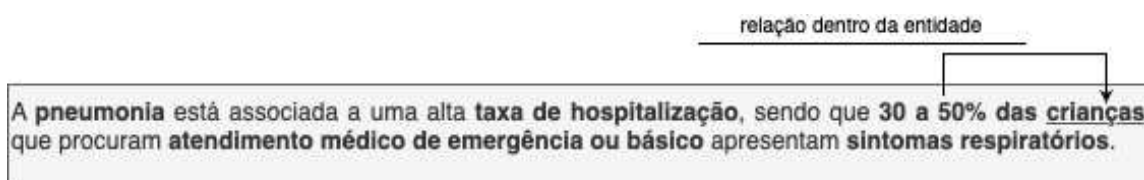
Fonte: elaborada pelo autor.

O que se observa, na Figura 50, é uma relação entre *de pneumonia* e *diagnóstico*, em que a primeira, que é a qualidade, caracteriza a substância *diagnóstico*. Observa-se, por exemplo, como se comporta *clínico* e *radiológico*, que são classes, pelo fato de se referirem ao tipo de diagnóstico, diferentemente do que acontece com a qualidade *de pneumonia*, que caracteriza *diagnóstico*, e não o classifica.

4.4.2.4 Quantidade

Uma outra unidade possível na composição de uma entidade é a quantidade. Diferentemente da classe e da qualidade, esta não modifica a substância, nem a caracteriza, o que ela faz, na verdade, é adicionar à informação central da entidade uma quantificação, noção de proximidade, entre outros. Observa-se, abaixo, a Figura 51:

Figura 51 – A quantidade



Fonte: elaborada pelo autor.

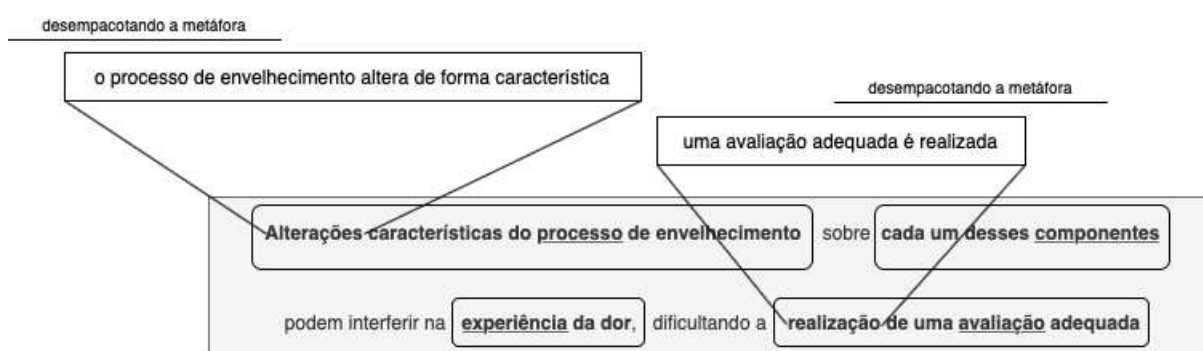
Na entidade *30 a 50% das crianças*, a informação central é *crianças*. A quantidade é, nela, a unidade que apresenta uma porcentagem, quantificando a substância: *30 a 50%* quantifica *crianças*.

4.4.2.5 Metáfora

Na literatura da Linguística Sistêmico-Funcional, chama-se de metáfora gramatical um processo por meio do qual há um “remapeamento” da semântica para a gramática (cf. HALLIDAY, 1998). Trata-se, segundo Martin (2008), de um princípio por meio do qual se estende, indefinidamente, o potencial de significado da língua. Isso significa dizer que a metáfora gramatical diz respeito à relação entre os dois estratos: o semântico-discursivo e o gramatical: “em um modelo com plano de conteúdo estratificado, tanto a semântica quanto a gramática criam significados; suas relações interestratais relativamente congruentes e metafóricas são determinadas pela extensão em que os significados em dois níveis combinam entre si”⁷¹ (HAO, 2020, p. 71).

Diferentemente desses estudos (cf. HAO, 2020; 2022; HALLIDAY, 1998; MARTIN, 2008), a pesquisa que se faz aqui não considera a metáfora uma tensão entre os estratos semântico-discursivo e o gramatical. Na verdade, entende-se que há um processo por meio do qual a entidade realiza uma atividade do campo. Isso se deve pelo fato de haver uma metaforização de uma figura, como se observa a seguir:

Figura 52 – A metáfora



Fonte: elaborada pelo autor.

Como se nota na Figura 52 acima, a metáfora *alterações* passa pelo processo de metaforização da figura *o processo de envelhecimento altera de forma característica*, da mesma forma que *realização*, da figura “uma avaliação adequada é realizada”. Nesse sentido, considera-se aqui que a metáfora é uma unidade da entidade, a qual se relaciona à substância e

⁷¹ “In a model with a stratified content plane, both semantics and grammar make meanings; their relative congruent and metaphorical interstratal relationships are determined by the extent to which the meanings at two levels match each other”.

metaforiza uma figura. Essa unidade está presente de forma expressiva no *corpus* em análise, o que indica a caracterização de um campo especializado.

Após se discutir aqui a respeito das unidades que compõem uma entidade, serão apresentadas, a seguir, relações semântico-discursivas, organizadas pelo sistema de IDEACÃO. Mais especificamente, o modo como as relações semântico-discursivas entre as entidades contribui para a construção do gênero EXPOSITIVO.

4.4.3 A construção do gênero a partir da relação entre as entidades

Após se discutir a respeito da entidade, mais especificamente da composição desse elemento, esta seção se preocupa com a descrição da relação que se estabelece entre as entidades. Tendo em vista o fato de que se contestam aqui as descrições da IDEACÃO do inglês (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2008) pelo fato de se fazerem associações entre entidades e itens lexicais, bem como entre as relações semântico-discursivas e as taxonômicas, entendendo haver aí um problema metodológico e teórico, pretende-se descrever essas relações. Nesse sentido, o que se faz aqui é apresentar as relações semântico-discursivas, bem como uma proposta de descrição do sistema de IDEACÃO do português.

Quanto ao gênero, como observado em seções anteriores, ele é entendido, nesta tese, como um processo social que se configura por meio de etapas com a finalidade de cumprir um objetivo. A introdução dos artigos científicos das Ciências da Saúde diz respeito ao gênero que aqui é chamado de EXPOSITIVO, que faz parte da família de gêneros Argumentos e cuja função é a de argumentar sobre um determinado ponto de vista (cf. ROSE, 2019; OLIVEIRA, 2022). Ele segue o modelo do gênero EXPOSITIVO identificado por Oliveira (2022), o qual se desenvolve em três etapas obrigatórias, quais sejam, Orientação ^ Argumentação ^ Objetivo, e por quatro fases, a saber, descrição ^ argumento ^ problema de pesquisa ^ objetivo. Nesse sentido, as relações semântico-discursivas entre as entidades serão aqui descritas considerando o fato de elas contribuírem para a construção desse gênero.

Observa-se o Exemplo 7 a seguir:

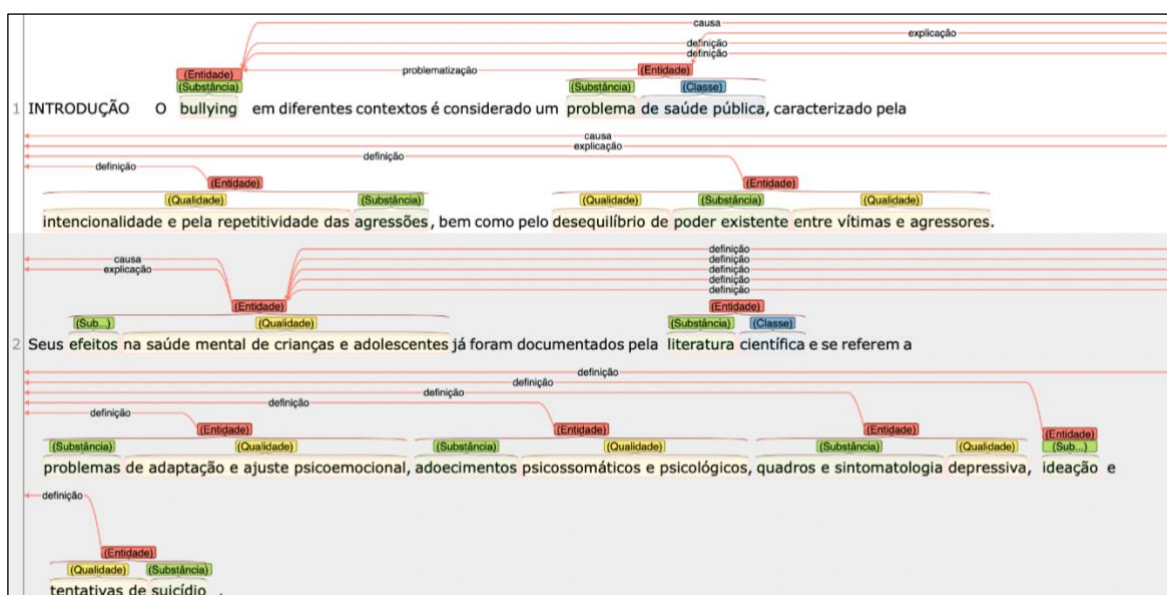
Exemplos 7

O bullying em diferentes contextos é considerado um problema de saúde pública, caracterizado pela intencionalidade e pela repetitividade das agressões, bem como pelo desequilíbrio de poder existente entre vítimas e agressores. Seus efeitos na saúde mental de crianças e adolescentes já foram documentados pela literatura científica e se referem a problemas de adaptação e ajuste psicoemocional, adoecimentos psicossomáticos e psicológicos, quadros e sintomatologia depressiva, ideação e tentativas de suicídio.

Fonte: Sa_RPP_2018_1_AA_001.

O trecho acima pertence ao texto <Sa_RPP_2018_1_AA_001>, que trata da interação familiar das crianças e de adolescentes em situação de bullying. A etapa e a fase em questão são, respectivamente, a Orientação e a descrição. Trata-se do momento em que, nos textos referentes à Ciência da Saúde, constrói-se o problema de mundo a ser discutido, o que inclusive contribui para se entender o assunto do texto. Veja-se a Figura 53, a seguir:

Figura 53 – As relações na etapa Orientação e na fase descrição



Fonte: elaborada pelo autor no *software* INCEpTION.

Uma das essências desse texto está relacionada ao entendimento daquilo que, a partir de um campo específico, como o das Ciências da Saúde, seja *bullying*. Nesse sentido, as relações sobre as quais se discutirá, primeiramente, são ‘problematização’ e ‘definição’. A ‘problematização’ que se estabelece entre as entidades *bullying* e *questão de saúde pública*, e a ‘definição’, entre *intencionalidade e repetitividade das agressões* e *desequilíbrio de poder*

existente entre vítimas e agressores, constroem no campo o que se entende por problema de mundo de que trata o gênero analisado (figura 1)⁷².

Como se observa, também, na Figura 53, a entidade *bullying* se realiza por apenas uma unidade, que é a própria substância, mas se define a partir da sua relação com outras entidades, cujas composições se dão por meio de mais de uma unidade: por exemplo, as substâncias se ligam a outras unidades que expressam qualidade e que apresentam uma classe. Nota-se que o *bullying*, nesse texto, é definido a partir da relação entre entidades que o descrevem: *intencionalidade e repetitividade de agressões e desequilíbrio de poder existente entre as vítimas*.

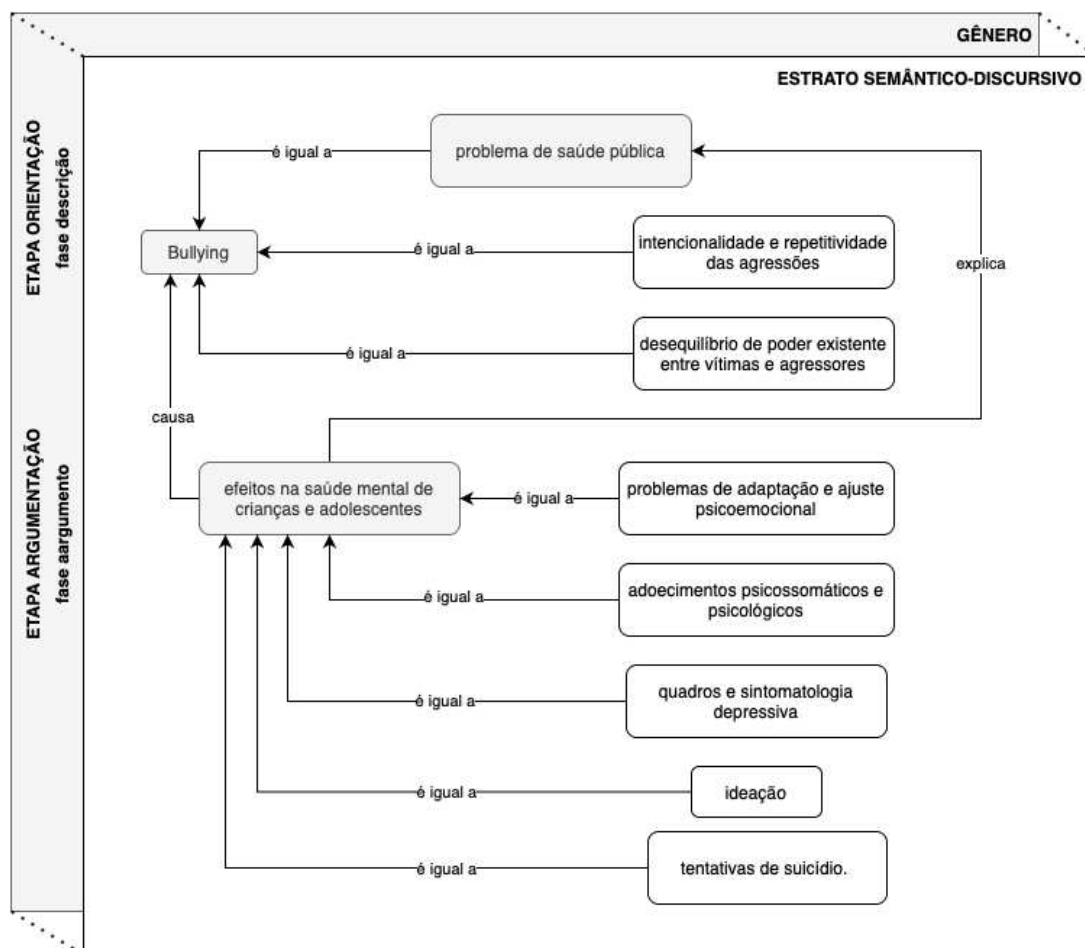
Ao mesmo tempo, ele é entendido como problemática a partir da classe *de saúde pública*: esse fenômeno poderia ser um problema de outra natureza, mas, nas Ciências da Saúde, é entendido como um problema de saúde pública (substância + classe). Essas relações que vão se estabelecendo na etapa Orientação contribuem para se construir, mais adiante, a etapa Argumentação.

O que se defende aqui é que as relações semântico-discursivas que são promovidas pelas entidades, em sequência, são resultantes de relações estabelecidas anteriormente. Nesse sentido, entender a entidade *efeitos na saúde mental de crianças e adolescentes* como consequência do *bullying*, ainda na Figura 53, pressupõe entendê-lo, por exemplo, como um *problema de saúde pública*. Ou seja, ele é um problema de saúde porque causa *efeitos* que impactam a *saúde mental de crianças e adolescentes*. Então, considera-se o próximo tipo de relação semântico-discursiva: a ‘causa’.

A identificação dessa relação que se fez aqui parte da ideia de que a entidade *bullying* causa *efeitos na saúde mental de crianças e adolescentes*. Entendendo como uma relação semântico-discursiva, ‘definição’ apresenta uma relação de igualdade entre as entidades, diferentemente do que acontece com a ‘causa’. Como se verifica na Figura 54 abaixo, em que são ilustradas essas relações na etapa Orientação e na fase descrição do texto.

⁷² Na primeira coluna das Figuras, há números que dizem respeito à unidade do estrato semântico-discursivo que foi chamado, como identificado em seções anteriores, de figura. Nesse sentido, a identificação entre os parênteses diz respeito a que figura pertencem as entidades.

Figura 54 – Construção do gênero a partir das relações semântico-discursivas entre entidades



Fonte: elaborada pelo autor.

Na partir da Figura 54, percebe-se que as entidades sozinhas criam relações lógicas entre si. Observa-se que o fato de que só se compreende que *bullying* é um *problema de saúde pública* como ‘problematização’ a partir do momento em que se entende que o *bullying* causa *efeitos na saúde mental de crianças e adolescentes*: o *bullying* causa *efeitos na saúde mental de crianças e adolescentes*, por isso é um *problema de saúde pública*. Nesse sentido, identificaram-se, aqui, duas outras relações, quais sejam, a ‘causa’ e a ‘explicação’.

O que se pode observar é que essas relações entre as entidades contribuem para a construção do problema de pesquisa. Acontece que, para além delas, observando o sistema de CONEXÃO, nota-se que, juntamente com a IDEAÇÃO, ele organiza relações semântico-discursivas, mas aquelas que são estabelecidas pelas figuras, realizando funções do gênero. Apesar de aquele não ser um sistema que é o foco deste estudo, entende-se a necessidade de pontuá-lo, neste momento, por dois motivos: i) por contestar o estudo de Martin e Rose

(2008), que consideram a CONEXÃO, juntamente com as relações taxonômicas, como pertencente ao sistema de IDEACÃO, e ii) por entender que – a despeito de se considerar aqui que, na verdade, há, de uma lado, o sistema de IDEACÃO e, de outro, o de CONEXÃO – existe, de forma inquestionável, uma relação entre ambos os sistemas que contribuem para a construção do gênero. Nota-se o Exemplo 7.1 a seguir:

Exemplo 7.1

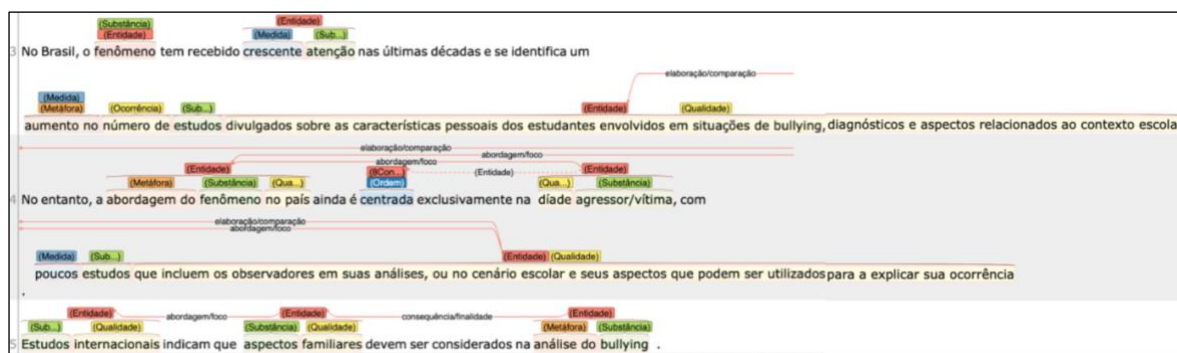
No Brasil, o fenômeno tem recebido crescente atenção nas últimas décadas e se identifica um aumento no número de estudos divulgados sobre as características pessoais dos estudantes envolvidos em situações de bullying, diagnósticos e aspectos relacionados ao contexto escolar. No entanto, a abordagem do fenômeno no país ainda é centrada exclusivamente na díade agressor/vítima, com poucos estudos que incluem os observadores em suas análises, ou no cenário escolar e seus aspectos que podem ser utilizados para a explicar sua ocorrência.

Fonte: Sa_RPP_2018_1_AA_001.

Como se pode notar, há uma relação de ‘contraposição’ entre a figura 1 (“No Brasil, o fenômeno tem recebido crescente atenção nas últimas décadas e se identifica um aumento no número de estudos divulgados sobre as características pessoais dos estudantes envolvidos em situações de bullying, diagnósticos e aspectos relacionados ao contexto escolar”) e a figura 2 (“a abordagem do fenômeno no país ainda é centrada exclusivamente na díade agressor/vítima, com poucos estudos que incluem os observadores em suas análises, ou no cenário escolar e seus aspectos que podem ser utilizados para a explicar sua ocorrência”). Nota-se essa contraposição pela relação que se estabelece entre as entidades.

Considera-se a Figura 55 abaixo:

Figura 55 – As relações na etapa Argumentação e nas fases argumento e problema de pesquisa



Fonte: elaborada pelo autor no software INCEPTION.

Após o reconhecimento de que *bullying* é um *problema de saúde pública*, o texto se redireciona para como o mundo científico aborda e discute esse fenômeno. Na etapa Argumentação e nas fases argumento e problema de pesquisa do gênero EXPOSITIVO, as entidades, como se pode observar na Figura 55, tem *estudo* como substância:

i) *aumento no número de estudos divulgados sobre as características pessoais dos estudantes envolvidos em situações de bullying, diagnósticos e aspectos relacionados ao contexto escolar e*

ii) *poucos estudos que incluem os observadores em suas análises, ou no cenário escolar e seus aspectos que podem ser utilizados para a explicar sua ocorrência.*

O que acontece aqui para a construção da argumentação parte da comparação que há entre os dois estudos, e essa comparação é realizada pela configuração das entidades. Por exemplo, na entidade (i) acima, *aumento* é uma metáfora que exprime uma medida, assim como na (ii), em que *poucos* é uma unidade de medida, e é isso que contribui para que haja uma relação de comparação entre os dois estudos.

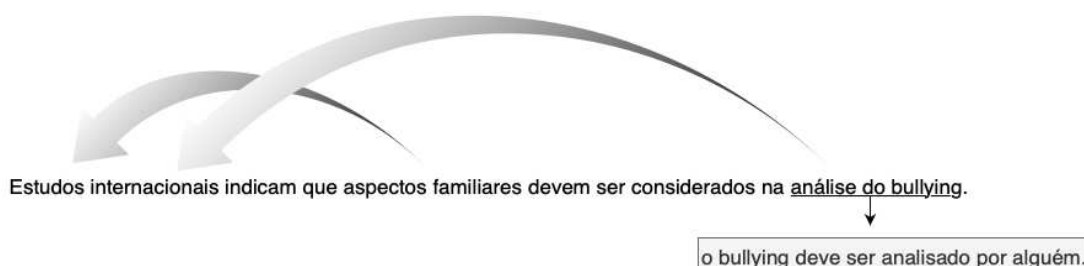
Um ponto a ser mencionado aqui diz respeito ao fato de que, embora a substância seja uma informação central dentro das entidades, a relação que se estabelece é entre entidades, e não substâncias. A identificação das unidades que as compõem é importante no sentido de que a organização delas contribui para que se identifique o modo como as entidades se relacionam.

Após a comparação entre as duas entidades, que contribuem para que se estabeleça contraste entre as figuras, observa-se como o assunto do texto prossegue sendo construído por meio de outras relações estabelecidas pela IDEIAÇÃO. Na figura 5, a saber, *estudos internacionais indicam que aspectos familiares devem ser considerados na análise do bullying*, a entidade *aspectos familiares* estabelece uma relação de foco com a entidade *estudos internacionais* para se ter como finalidade a *análise do bullying*.

No *corpus* analisado, entidades que têm como substância *estudos*, que fazem parte de essências no mundo científico, estabelecem a relação ‘foco’. Nesse caso em questão, esses estudos têm como finalidade analisar o bullying considerando aspectos familiares. Por isso, estabelece-se uma relação de finalidade com a entidade *análise do bullying*. O *bullying*, aqui, deixa de ser definido, mas passa a ser objeto de estudo.

Nessa identificação, chama a atenção para o fato de como a unidade metáfora pode contribuir para se estabelecer essa relação de finalidade. Veja-se a Figura 56:

Figura 56 – Desempacotando a metáfora



Fonte: elaborada pelo autor.

O que se quer dizer com isso é que as metáforas, que são eventos no campo que se realizam na língua por meio dessa estrutura, são importantes para a construção do campo desses textos.

A metáfora ideacional tende a reconstruir nossa experiência da realidade como se ela consistisse em relações entre abstrações institucionais. Essas estratégias evoluíram para permitir que os escritores generalizem sobre os processos sociais e os descrevam, classifiquem e avaliem. Um custo é que pode ser difícil recuperar quem está fazendo o quê para quem; outra é que esse tipo de discurso pode ser muito difícil de ler e entender. Descompactar as metáforas ideacionais, como mostramos aqui, pode ajudar a revelar como elas interpretam a realidade [...].⁷³ (MARTIN; ROSE, 2008, p. 112).

Nesse sentido, as metáforas contribuem para que se entenda a especificidade de artigos científicos das Ciências da Saúde. Como se observou em seções anteriores, estas realizam, por meio das entidades, atividades no campo, que devem ser levadas em consideração quando se analisam esses textos. No entanto, não é preocupação deste estudo essas atividades, mas o fato de essas unidades comporem as entidades, por estarem, ao que se constata no *corpus*, relacionadas a um campo especializado das Ciências da Saúde (cf. MARTIN, 1992).

⁷³ “Ideational metaphor tends to reconstrue our experience of reality as if it consisted of relations between institutional abstractions. These strategies have evolved to enable writers to generalize about social processes, and to describe, classify and evaluate them. One cost is that it may be hard to recover who is doing what to whom; another is that this type of discourse can be very hard to read and understand. Unpacking ideational metaphors as we have shown here can help to reveal how they construe reality [...]”.

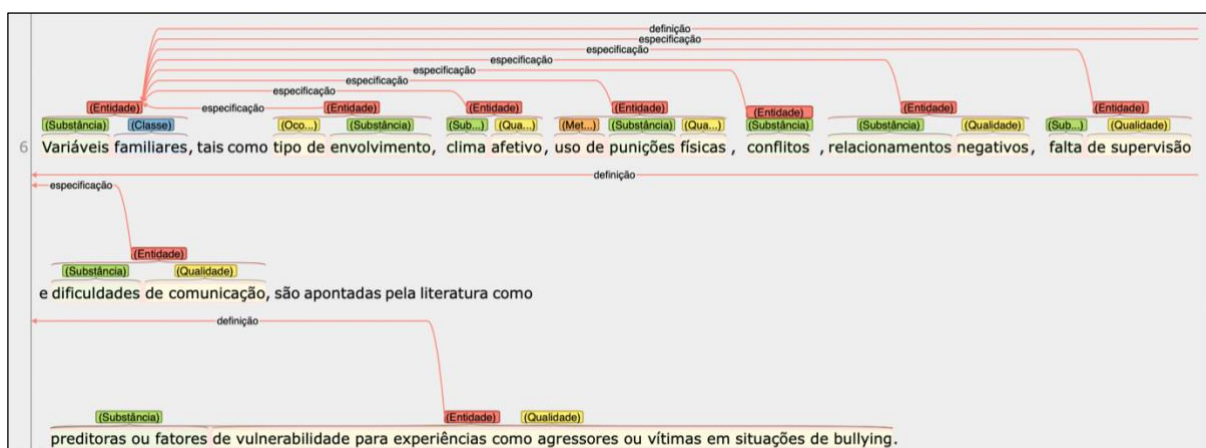
Exemplo 7.2

Estudos internacionais indicam que aspectos familiares devem ser considerados na análise do bullying. Variáveis familiares, tais como tipo de envolvimento, clima afetivo, uso de punições físicas, conflitos, relacionamentos negativos, falta de supervisão e dificuldades de comunicação, são apontadas pela literatura como preditoras ou fatores de vulnerabilidade para experiências como agressores ou vítimas em situações de bullying.

Fonte: Sa_RPP_2018_1_AA_001.

Uma outra essência do texto está relacionada às *variáveis familiares*. Como visto anteriormente, ela tem uma relação de foco com *estudos internacionais*. Ainda na etapa Argumentação, nota-se que entidades se relacionam à entidade *variáveis familiares* para especificá-la, como se verifica na Figura 57:

Figura 57 – A relação semântico-discursiva especificação na etapa Argumentação



Fonte: elaborada pelo autor no *software* INCEpTION.

A Figura 57 ilustra como a relação especificação contribui para a construção do gênero. Observa-se que a classe *familiares* apresenta qual é o tipo de substância na entidade. E esta, ao se relacionar a outras entidades, é especificada: saber os tipos de variáveis deixa claro o objetivo do artigo científico, que é a análise do bullying a partir dessas variáveis. Ao mesmo tempo, contribui para a construção do gênero tendo em vista que, na etapa Argumentação, aquilo que deve ser analisado é apresentado de uma forma mais específica.

Entende-se, portanto, que *tipo de envolvimento, clima afetivo, uso de punições físicas, conflitos, relacionamentos negativos, falta de supervisão e dificuldades de comunicação* resultam naquilo que se entende por *variáveis familiares*, justamente por conta da relação estabelecida entre as entidades. O que se observa, novamente, é que essas relações ajudam na construção do assunto do texto.

Observa-se, agora, no Exemplo 7.3, a etapa Objetivo:

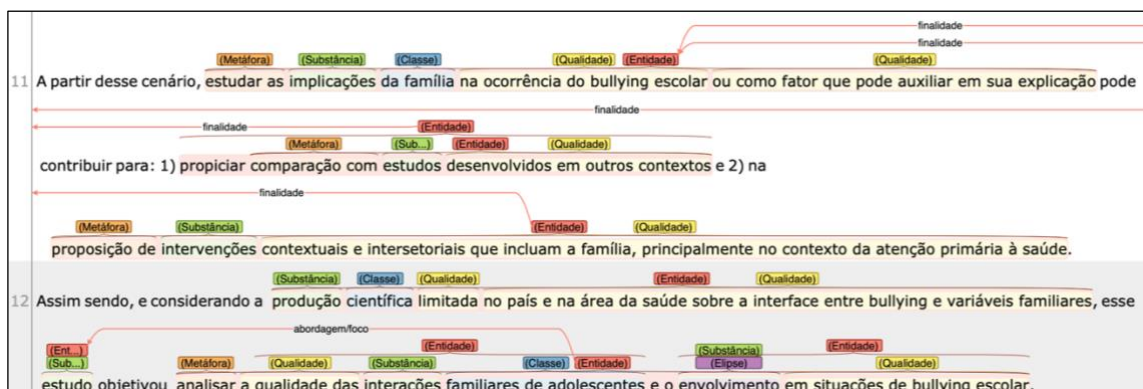
Exemplo 7.3

A partir desse cenário, estudar as implicações da família na ocorrência do bullying escolar ou como fator que pode auxiliar em sua explicação pode contribuir para: 1) propiciar comparação com estudos desenvolvidos em outros contextos e 2) na proposição de intervenções contextuais e intersetoriais que incluam a família, principalmente no contexto da atenção primária à saúde. Assim sendo, e considerando a produção científica limitada no país e na área da saúde sobre a interface entre bullying e variáveis familiares, esse estudo objetivou analisar a qualidade das interações familiares de adolescentes e o envolvimento em situações de bullying escolar.

Fonte: Sa_RPP_2018_1_AA_001.

Por fim, diferentemente das outras etapas do gênero, a etapa Objetivo apresenta, em geral, entidades metaforizadas que estão relacionadas ao objetivo do artigo científico, como se observa em: *estudar*, *propiciar*, *comparação*, *analisar*. À título de exemplificação, considera-se a Figura 58 a seguir:

Figura 58 – A ‘finalidade’



Fonte: elaborada pelo autor no *software* INCEpTION.

Com relação à Figura 58 acima, uma observação que se faz, neste estudo, quanto às entidades da etapa Objetivo, diz respeito ao fato de se considerar que, na gramática, verbos no infinitivo podem realizá-las no estrato semântico-discursivo. Por exemplo, *estudar as implicações da família na ocorrência do bullying escolar ou como fato que pode auxiliar em sua explicação* equivale a *o estudo das implicações da família na ocorrência do bullying escolar ou como fato que pode auxiliar em sua explicação*. A unidade metáfora permite, na entidade, que a relação lógica seja estabelecida, que é a de finalidade. Essa relação contribui para construir essa etapa, em que se apresenta o objetivo do estudo.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Este estudo, afiliando-se aos Estudos Linguísticos, mais especificamente aos estudos de descrição linguística de base sistêmico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), bem como à perspectiva discursiva dessa teoria (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2008), objetivou descrever o sistema de IDEACÃO do português brasileiro. Trata-se de um sistema semântico-discursivo que organiza as relações semântico-discursivas estabelecidas pela entidade, o qual está relacionado ao modo como “a experiência da ‘realidade’, material e simbólica, é concebida no discurso”⁷⁴ (MARTIN; ROSE, 2007, p. 73)

A pesquisa apresentada nesta tese se organizou da seguinte forma: no primeiro capítulo, intitulado “Contexto: gênero e registro”, foram discutidos alguns conceitos da Teoria Sistêmico-Funcional, tais como ‘contexto de situação’, ‘contexto de cultura’, ‘gênero’ e ‘registro’. Explorá-los contribuiu para que se entendessem as relações semântico-discursivas e o contexto. Posteriormente, no capítulo “A língua: um sistema sociosemiótico”, introduziram-se os principais pressupostos teóricos da Sistêmico-Funcional, no qual se fornecem informações a respeito de como essa teoria entende a língua. Em seguida, na “Metodologia de pesquisa”, apresentaram-se o *corpus*, bem como a metodologia de descrição linguística de base sistêmico-funcional. Esse capítulo traz também o modo como se opera a ferramenta utilizada para a descrição sistêmica neste estudo, que é o *INCEPTION*. Por fim, no capítulo “O sistema de IDEACÃO: uma proposta de descrição”, apresentaram-se as relações semântico-discursivas e o modo como contribuem para construir a introdução de artigos científicos das Ciências da Saúde, mais especificamente, textos da área da Medicina.

Para o estudo realizado, buscou-se, primeiramente, identificar os elementos que promovem as relações semântico-discursivas organizadas pelo sistema de IDEACÃO, que são as entidades. Como se observou nesta pesquisa, em estudos como os de Martin (1992), Martin e Rose (2007) e Hao (2015; 2020), é feita uma relação entre as entidades e itens lexicais, pelo fato de elas serem entendidas como elementos nominais que estabelecem coesão lexical no discurso. Identificou-se aí um problema teórico, uma vez que essa associação que é feita entre a coesão e o léxico entende que as relações semântico-discursivas são promovidas por meio de itens lexicais (cf. MARTIN; ROSE, 2007; HAO, 2015; 2020).

Diferentemente do modo como alguns estudos abordam o léxico (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), nos quais ele e a gramática pertenceriam ao mesmo estrato, que é a

⁷⁴ “[...] how our experience of ‘reality’ – material and symbolic reality – is construed in discourse”.

lexicogramática, esta pesquisa o entende como um fenômeno que possui uma organização própria e promove relações de coextensividade; o léxico seria, na verdade, uma dimensão do sistema linguístico instanciada por meio de itens lexicais (cf. HALLIDAY, 2007; RODRIGUES, FIGUEREDO, OLIVEIRA, 2022; RODRIGUES, 2022). Nesse sentido, constatou-se, a partir das investigações feitas neste estudo, que não há uma relação direta entre itens lexicais (ou léxico) e entidade, nem entre as relações semântico-discursivas das entidades e as taxonômicas.

Uma vez que a taxonomia diz respeito a categorias gerais de um determinado item lexical (MARTIN; 1992 MARTIN; ROSE, 2007), dá-se a entender que essa noção geral é, na verdade, um resultado do sentido desse item em vários textos. O que se observou, neste estudo, é que, se se considera isso de fato, exclui-se a ideia de que o estrato mais abstrato da língua é aquele responsável pelas relações semântico-discursivas. Ou seja, relacionar a entidade ao léxico, entendendo que ela promove coesão lexical, é ir de encontro ao fato de que as relações semântico-discursivas estão no estrato mais abstrato da língua. Isso é afirmado porque, se se consideram o léxico e a gramática fenômenos pertencentes ao mesmo estrato, a coesão, então, seria um processo da gramática, e não da semântica-discursiva. O que se observou é que essa afirmação, na verdade, se opõe à própria definição da coesão, que, de acordo com Halliday e Hasan (1976), diz respeito a relações que são estabelecidas, segundo Halliday e Hasan (1976), Martin (1992) e Martin e Rose (2007), na semântica-discursiva.

Diante disso, as relações semântico-discursivas não estão ligadas diretamente a categorias gerais, assim como a entidade não diz respeito ao léxico. Isso porque a taxonomia abarca noções gerais de itens lexicais, mas não de entidades, porque cada texto produz abstrações que geram outras entidades. O que se defende aqui é que as entidades estabelecem relações semântico-discursivas no estrato mais abstrato da língua, a fim de construir o campo de um determinado texto, e não relações taxonômicas, como abordam alguns estudos (cf. MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007; HAO, 2020; 2022). Com isso, uma entidade específica em um texto das Ciências da Saúde abarca, como visto nesta pesquisa, uma noção diferente da noção dessa mesma entidade em outro texto pertencente, por exemplo, a outro gênero, porque cada texto é um texto, e a língua, em cada um deles, cria sua própria experiência, sua própria realidade.

Dessa forma, este estudo cumpre os objetivos de identificar e descrever a entidade, a qual é responsável por estabelecer relações semântico-discursivas, de examinar as unidades responsáveis por compor a entidade e de identificar as relações semântico-discursivas

estabelecidas por esses elementos e o modo como elas contribuem para a construção da introdução de artigos científicos das Ciências da Saúde. Vale ressaltar que a identificação tanto das unidades, quanto das relações foi feita utilizando-se um *software*, o *INCEpTION*. Propor o uso desse *software* é um primeiro passo para, futuramente, fazerem-se outras análises empíricas nessa área.

Para além disso, esta pesquisa contribui para a ampliação de uma metodologia de descrição do estrato semântico-discursivo: primeiramente, pelo fato de se discutir sobre o próprio estrato no qual as relações semântico-discursivas são estabelecidas. Depois, por investigar a entidade, bem como as unidades que a compõem, propondo testes para essa identificação. Diante disso, uma das propostas deste trabalho está relacionada à ampliação das discussões a respeito dos sistemas semântico-discursivos e do próprio estrato semântico-discursivo.

Por fim, ao analisar e explicar as relações semântico-discursivas, bem como sua relação com a introdução de artigos científicos da Medicina, e ao propor um modelo para se analisar o estrato semântico-discursivo, esta pesquisa pretende iluminar análises futuras. Novas descobertas instigam novos estudos. De forma complementar, esta pesquisa contribuirá, por fim, para a Teoria Sistêmico-Funcional, uma vez que, na análise, foram feitas discussões que podem ampliar os estudos a respeito do estrato semântico-discursivo, bem como da perspectiva discursiva da Teoria Sistêmico-Funcional.

Para pesquisas futuras, sugere-se a ampliação das relações semântico-discursivas estabelecidas pelas entidades. Identificar essas relações, principalmente quando são examinadas em outros gêneros, poderá fornecer um maior conhecimento sobre elas, a fim de que se descreva o sistema de IDEAÇÃO. Para além disso, essa aplicação fornecerá maior conhecimento de gêneros específicos: como o campo de um determinado texto se constrói a partir dessas relações semântico-discursivas? Será que as relações identificadas aqui acontecem em outros gêneros? E se acontecem, acontecem em que etapa e fase? E com que frequência? Essas questões merecem atenção em trabalhos posteriores, a fim de que sejam desenvolvidas outras pesquisas teórico-metodológicas na área.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ALVES, L. *Uma proposta de descrição sistêmico-funcional das orações materiais do português brasileiro orientada para os estudos multilíngues*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017. 85 f.

ALVES, R. J. *Meaning beyond the clause: conjunction as a resource in brazilian portuguese*. [Apresentação no Colóquio “Exploring Methods to Complementarities of Stratification”]. 46TH INTERNATIONAL SYSTEMIC FUNCTIONAL CONGRESS & 15TH LATIN AMERICAN CONGRESS ON SFL: “EMERGENT AND ALTERNATIVE PERSPECTIVES FOR SOCIAL CHANGE”. Pontifícia Universidade Católica do Chile. Santiago, Chile, 2020.

ALVES, R. J. *Para além da oração: uma descrição sistêmico-funcional do sistema de conjunção do português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018, 142 f.

ALVES, R.J; MIRANDA, M. V.; OLIVEIRA; A. L. A. M. O sistema de CONJUNÇÃO em resumos acadêmicos do PB: uma perspectiva semântico-discursiva com base na teoria sistêmico-funcional. In: ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, T. P. (orgs). *Descrição funcional do português [recurso eletrônico]: teoria e ensino*. Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/4816/1/Final_Descricao_FUncional_do_Portugues_-_Teoria_e_Ensino.pdf>. Acesso em: 23 de dez. 2022.

ANTUNES, I. *Lutar com palavras – Coesão e coerência*. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CORDEIRO, W. V. *Nominalizações em artigos acadêmicos do português brasileiro e do francês*. TCC (Graduação em Letras/Francês) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 34. 2018.

FIGUEREDO, G. P. *Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011, 385 f.

FIGUEREDO, G. P. Uma proposta de descrição do sistema de mensagem na organização funcional discurso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 61, n. 1, p. 1-23, jan./abr. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8653021>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

FIGUEREDO, G. P. *Uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal em português orientada para os estudos linguísticos da tradução*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, 2007, 291 f.

FIRTH, J.R. *Papers in Linguistics 1934-1951*, London: Oxford University Press, 1957.

FRANÇA, J. L.; VASCONCELLOS, A. C. de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. (Colaboração: Maria Helena de Andrade Magalhães, Stella Maris Borges). 8. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

GONÇALVES, L. C. *A coesão lexical*. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2000, 139 f.

HALLIDAY, M. A. K. Things and relations. In: MARTIN, J. R.; VEEL, R. (eds.). *Reading science: Critical and functional perspectives on discourses of science*. London and New York: Routledge, 1998, p. 185–235.

HALLIDAY, M. A. K. On the language of physical science. In WEBSTER, J. (Org.). *The language of science*. vol. 5. London: Pinter, 2004, pp. 140–158.

HALLIDAY, M. A. K. The notion of “context” in language education. In: Mohsen Ghadessy (Org.). *Text and Context in Functional Linguistics*. Bandar Seri Begawan, Brunei: John Benjamins Publishing Company, 1999, pp. 1-24.

HALLIDAY, M. A. K. *Spoken and written language*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K. The notion of "context" in language education. In J. Webster (Org.). *Language and Education*. London and New York: Continuum, 2007, pp. 269-290.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London & Baltimore: Edward Arnold & University Park Press, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. *On grammar*. London: Continuum, 2002.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London and New York: Longman, 1976.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, Context and Text*. Geelong, Vic.: Deakin University Press, 1989, p. 52-69.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 4. ed. London: Routledge, 2014.

HAO, J. *Construing biology: An ideational perspective*. Unpublished PhD Thesis, The University of Sydney, 2015.

HAO, J. *Analysing Scientific Discourse from A Systemic Functional Linguistic Perspective: A Framework for Exploring Knowledge Building in Biology*. Vanderbilt Avenue, New York: Routledge, 2020.

HASAN, R. Text in the systemic-functional model. In: DRESSIER, W. J (Org). *Current Trends in Textlinguistics*. Berlin: Walter de Gruyter, 1977, pp. 228-46.

HJELMSLEV, L. *Structural analysis of language*. *Studia Linguistica*. 1947, p. 69–78.

KLIE, J. C.; BUGERT, M.; BOULLOSA, B., ECKART DE CASTILHO, R.; GUREVYCH, I. *The INCEpTION Platform: Machine-Assisted and Knowledge-Oriented Interactive Annotation*. In Proceedings of System Demonstrations of the 27th International Conference on Computational Linguistics (COLING 2018), Santa Fe, New Mexico, USA, 2018.

Koch, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2016.

KOGUT, L. G. *O perfil metafuncional do texto argumentativo no RPG de mesa*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2017, 106 f.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images: the grammar of visual design*. Londres: Routledge, 2006.

MALINOWSKI, B. ‘. In: OGDEN, C.K.; RICHARDS, I.A. *The Meaning of Meaning*. London: Kegan Paul, 1923.

MALINOWSKI, B. *Coral Gardens and their Magic*. v, 2, London: Allen and Unwin, 1935.

MARCIANO, L. W. “*Ferra-se cavalos*” - *de apassivador a indeterminador*: o uso do clítico SE como estratégia de desagativização verbal. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2019, 94 f.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual: análise de gêneros e compreensão*. Parábola, 2005.

MARTIN, J. R. Language, register and genre. In: COFFIN, C.; LILLIS, T.; O'HALLORAN, K.A. (Org.). *Applied Linguistics Methods: A Reader*. London: Routledge, 2009.

MARTIN, J. R. Investigating language in action: tools for analysis In: COFFIN, C.; LILLIS, T.; O'HALLORAN, K.A. (Org.). *Applied Linguistics Methods: A Reader*, London: Routledge, 2009.

MARTIN, J. R. *English text: System and structure*. Amsterdam: Benjamins, 1992.

MARTIN, J. R. Construing knowledge: A functional linguistic perspective. In: CHRISTIE, F.; MARTIN, J. R. (Org.). *Language, knowledge and pedagogy: Functional linguistic and sociological perspectives*. London and New York: Continuum, 2007, pp. 34-64.

MARTIN, J. R. *Systemic functional grammar: A next step into the theory: Axial relations*. Beijing: Higher Education Press, 2013.

MARTIN, J. R. Construing knowledge: A functional linguistic perspective. In: CHRISTIE, F.; MARTIN, J. R. (Org.). *Language, knowledge and pedagogy: Functional linguistic and sociological perspectives*. London and New York: Continuum. 2007, pp. 34-64.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Genre relations: Mapping culture*. London and Oakville: Equinox, 2008.

MARTIN, J. R. Process and Text: two aspects of human semiosis. In: BENSON, J. D.; GREAVES, W. S. (Org.). *Systemic Perspectives on Discourse*. v. 1, Norwood, NJ: Ablex, 1985, pp. 248-274.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. Genres and texts: living in the real world. *Indonesian Journal of Systemic Functional Linguistics*. v. 1. jan. 2012.

MARTIN, J. R.; ZAPPAVIGNA, M. Negotiating Feeling: The Role of Body Language. In: MARTIN, J. R.; ZAPPAVIGNA, M. **Discourse and diversionary justice: an analysis of youth justice conferencing** / Suíça: Macmillan Cham, 2018, p. 199-244.

MARTIN, J.; ROSE, D. Working with discourse: meaning beyond the clause. 2. ed. London: Continuum, 2007.

MATTHIESSEN, C; HALLIDAY, M. A. K. Systemic functional grammar: a first step into the theory. Beijing: Higher Education Press, 1997.

MIRANDA, M. V. Processos verbais em artigos científicos: uma análise com base na língua em uso. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2016, 105 f.

MIRANDA, M. V. Transitividade no vocabulário acadêmico em português brasileiro: uma análise baseada em artigos científicos. Tese de Doutorado – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2021, 204 f.

MIRANDA; M. V; OLIVEIRA, A. L. A. M; OLIVEIRA, A. A. Corpus de Artigos Acadêmicos do Português Brasileiro - CAPB. 2018. Disponível em: <sites.google.com/view/corpusacademico/>. Acesso em: 03 abr. de 2021.

MIRANDA, M. V; OLIVEIRA, A. A. Substantivos em artigos científicos: o vocabulário técnico e acadêmico na perspectiva da Linguística de Corpus. Goiania: Signótica (UFG), v. 28, n. 2, 2016. p. 509-532. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/35620>. Acesso em: 23 de jun. 2020.

MIRANDA, M. V.; OLIVEIRA, A. L. A. M. O uso de processos existenciais no domínio acadêmico: uma análise com base em corpus de artigos científicos. *Revista GEL* (Araraquara), 2020, v. 17, p. 189-213.

OLIVEIRA, A. L. A. M. As nominalizações em textos acadêmicos: uma abordagem cognitivo- funcional em textos de inglês e de português brasileiro. In: ROSÁRIO, I.; BISPO, E. (Org.). *Pesquisas contemporâneas em Descrição do Português* / Edvaldo Balduino Bispo, Ivo da Costa do Rosário. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora UFF, 2018, v. 1, p. 1-112.

OLIVEIRA, A. L. A. M; CUNHA, G. X; MIRANDA, M. V. A nominalização deverbal como estratégia complexa de polidez em artigos científicos. In: OLIVEIRA, A. L. A. M; CUNHA, G. X. Múltiplas perspectivas do trabalho de face na constituição do discurso. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2018.

OLIVEIRA, A. L. A. M; CUNHA, G. X; MIRANDA, M. V. Nominalizations as complex strategies of politeness and face-work in scientific papers written in Brazilian Portuguese. *Cadernos de estudos linguísticos (UNICAMP)*, v. 59, n. 2, p. 361-374, 2017.

OLIVEIRA, A. L. A. M; ORFANÓ, B; MIRANDA, M. V. Nominalizações em textos acadêmicos de Português Brasileiro (PB): alguns aspectos cognitivo-funcionais da estrutura argumental dos deverbais e possíveis implicações para o ensino de PB. In: GIAN, R; ATTI, F; CHULATA, K; MORLEO, F. (Org.). *De volta ao futuro da língua portuguesa. Atas do V Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. 1ed. Lecce: Editora Universidade de Salento, 2017, v. 1, p. 3269-3286.

OLIVEIRA, F. S. de. *A progressão temática em resumos de artigo científico: uma análise sistêmico-funcional*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2017, 122 f.

OLIVEIRA, F. S. *O discurso do autocuidado em saúde: uma descrição de gêneros na covariação experto-leigo*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2021, 223 f.

OLIVEIRA, F. S. *Decoding manuals: perfilação multilíngue no par linguístico inglês/português brasileiro*. Monografia (Bacharelado em Tradução) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015, 95f.

OLIVEIRA, F. S. *Modelagem do ambiente multilíngue de produção de introduções de artigos acadêmicos da área das ciências da saúde em inglês e português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, 2018, 142 f.

OLIVEIRA, T. de. *Relações coesivas em tradução: um estudo baseado em corpus no par linguístico inglês-português*. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2013, 85 f.

OLIVEIRA, A. L. A. M.; MARCIANO, L. W. O uso clítico “se” impessoal em artigos científicos. *Revlet- Revista Virtual de Letras*, 2020, v. 12, p. 37-37.

PAULA, A. A. de. *Orações verbais – uma descrição sistêmico funcional dos processos de representação do dizer do português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018, 105 f

ROSE, D. Writing as linguistic mastery: the development of genre-based literacy pedagogy. In: BEARD, R; MYHILL, D.; RILEY, J.; NYSTRAND, M. (Org.). *Handbook of writing development*. London: Sage, 2008 p. 151-166.

ROSE, D. *Reading to learn: accelerating learning and closing the gap*. Sydney: Reading to Learn, 2019.

ROSE, D. Analysing pedagogic discourse: an approach from genre and register. *Functional Linguistics*, 1-11, p. 1-32, 2014.

ROSE, D. Literacy education and Systemic Functional Linguistics. In: CONRAD, S., HARTIG, A., SANTELMANN, L. (eds.). *The Cambridge Introduction to Applied Linguistics*. Cambridge University Press, 2020, p. 115-132.

SÁ, A. de M. *Uma descrição sistêmico-funcional do grupo verbal do português brasileiro orientada para os estudos da tradução*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, 2016, 135 f.

SAIORO, R. *A construção do discurso científico: os gêneros do discurso científico no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2021, 106 f.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

VIANA, V.; TAGNÍN, S. E. O. *Corpora no ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo: HUB Editorial, 2010.

ANEXO

ANEXO

Texto 1 – Sa_EINS_2015_0_AA_002

Segundo a International Association for the Study of Pain (IASP) dor é definida como uma experiência sensorial e emocional desagradável associada a um dano tecidual atual ou potencial. Atualmente, pode ser interpretada como uma evidência de comprometimento da integridade física e/ou emocional do indivíduo, representando uma eficiente via de informação dos diversos segmentos corporais com a consciência. O processo do envelhecimento vem acompanhado do aumento na prevalência da dor crônica, dor articular e fibromialgia.

Entre os idosos, a dor crônica representa a principal queixa ambulatorial e o sintoma mais frequente nas anamneses, ocorrendo em 25 a 50% dos indivíduos. Cerca de 45 a 80% dos idosos institucionalizados manifestam pelo menos um tipo de dor, sendo que, em 34% desses casos, os sintomas são referidos como contínuos. Dentre as doenças que podem estar associadas com a dor crônica, destacam-se a osteoartrite, as neuropatias periféricas, a osteoporose e o câncer.

Dor crônica é uma experiência multidimensional com componentes sensoriais, afetivos e cognitivo-avaliativos, que se interagem e contribuem para a resposta dolorosa final. Alterações características do processo de envelhecimento sobre cada um desses componentes podem interferir na experiência da dor, dificultando a realização de uma avaliação adequada. Enfim, a dor é uma experiência altamente individual, moldada pelo contexto e pela percepção de seu significado.

Considerando a avaliação como parte inicial do gerenciamento da dor, faz-se necessário identificar o perfil dos pacientes, para que seja aplicado o instrumento de avaliação o mais adequado possível. No entanto, a demência pode complicar a avaliação da dor, porque prejudica o julgamento, a memória e a comunicação verbal. Isso porque a demência está associada com alterações do sistema nervoso central, que alteram a tolerância à dor. Contudo, não há evidência de que as pessoas com demência sentem fisiologicamente menos dor, mas sim que elas parecem ser menos capazes de reconhecer e comunicar a presença de dor.

Nesse sentido, a avaliação da dor, nessa população, é um desafio, pois pessoas com demência, cuidadores de saúde e especialistas reconhecem que o autorrelato de dor, por si só, é insuficiente e que são necessárias estratégias de avaliação da dor por meio de observação.

Em 2002, a American Geriatrics Society (AGS) estabeleceu diretrizes abrangentes para avaliação de indicadores comportamentais de dor. Mais recentemente, a American Pain Society (APS) realizou uma força-tarefa de gerenciamento de Enfermagem em dor para avaliação do paciente não verbal (incluindo as pessoas com demência) na qual recomendou-se uma abordagem abrangente e hierárquica, que integrasse o autorrelato e as observações de comportamentos de dor.

Na literatura, identificamos 12 escalas de heteroavaliação da dor para pessoas não comunicantes. De sua análise psicométrica, concluiu-se que a maioria apresentava fragilidades em sua validade, confiabilidade e utilidade clínica. No entanto, a Pain Assessment in Advanced Dementia (PAINAD), a Pain Assessment Checklist for Seniors with Limited Ability to Communicate (PACSLAC) e a Doloplus-2 mostraram qualidades promissoras.

A escala PAINAD foi concebida em 2003 a partir de uma adaptação da escala Discomfort Scale-Dementia of the Alzheimer's Type (DS-DAT) e da escala pediátrica Face, Legs, Activity, Cry, Consolability (FLACC), com o propósito de permitir uma fácil quantificação da dor em idosos, numa escala métrica de zero a 10 pontos. A escala é composta pelos indicadores “Respiração independente de vocalização”, “Vocalização negativa”, “Expressão facial”, “Linguagem corporal” e “Consolo”, cada um pontuado de zero a 2 pontos. Os valores mais altos indicam maior intensidade de dor. Essa escala abrange apenas três categorias de comportamentos não verbais de dor e três verbais, que são “Expressão facial”, verbalizações/vocalizações e “Linguagem corporal”. A escala PAINAD foi validada em pessoas idosas sob cuidados agudos e de longa duração. Os resultados revelaram uma boa concordância interavaliadores e consistência interna, sendo o indicador respiração aquele com a menor associação entre os cinco indicadores. Os profissionais referiram que a escala era de fácil de uso e que requeria menos de 5 minutos para seu preenchimento.

A escala PAINAD já foi traduzida e validada em Singapura, Bélgica, Itália, Países Baixos, Alemanha e Estados Unidos. As limitações apontadas nesses trabalhos foram as reduzidas dimensões das amostras, sua aplicação em situações não dolorosas (versões alemã e italiana) e a não explicitação da formação efetuada por quem aplicou a escala.

Os estudos que avaliaram as propriedades psicométricas e a utilidade clínica das escalas para uso em pessoas incapazes de se autoavaliarem são ainda escassos. Por essa razão, urge

encontrar uma escala que avalie a dor nessas pessoas, que tenha boas propriedades psicométricas e que seja de fácil uso clínico. A escala PAINAD parece reunir tais requisitos.

Texto 2 – Sa_IJCS_2018_4_AA_004

A promoção da saúde é uma estratégia fundamental na prevenção de evento tromboembólico em pacientes em Terapia com Anticoagulante Oral (T-ACO), além de aspectos que permeiam a assistência prestada a essa clientela. Nessa perspectiva, profissionais da saúde, enfermeiros e médicos exercem papéis de educadores no que tange, principalmente, à correta clareza na orientação do paciente sobre os fatores de risco e os prováveis sinais e sintomas de um evento recorrente e de possível complicação relacionados a T-ACO.

A estabilidade do uso de anticoagulantes orais está associada à adesão, dentre outros variados fatores: idade, uso paralelo com outros medicamentos, comorbidades, uso irregular de vitamina K, uso inadequado do medicamento, e polimorfismos hereditário. Os programas de educação para usuários em tratamento ambulatorial de anticoagulação oral têm sido de grande importância para o manejo das interações de fármacos e de dietas com derivados cumarínicos, que se tornam fatores de interferência para adesão.

Estudo apontou considerações pertinentes à adesão à T-ACO. Revelou-se que a produção de conhecimento sobre a adesão de usuários de ACO ainda é um grande desafio aos profissionais de saúde no âmbito nacional e internacional. Ainda, que os profissionais de saúde propõem instrumentos para favorecer a adesão e o conhecimento dos usuários acerca do tratamento, e ainda traz informações sobre a situação sociodemográfica desses pacientes. Os autores afirmam, ainda, que há escassez de trabalhos científicos que abordem vários fatores que interferem a adesão destes usuários. Ressaltam que os estudos analisados realçaram a importância da educação em saúde como intervenção estratégica eficaz para melhoria do uso do ACO e que a amostra dos estudos selecionados apresentou lacunas referentes a instrumentos mensuráveis da adesão ou não adesão, entretanto, reforçava a necessidade emergente de uma escala de adesão para essa população.

Diante desse contexto e das recomendações atuais, surgiu a necessidade de se construir um escore capaz de avaliar a adesão ou a não adesão dos usuários de ACOs.

Texto 3 – Sa_JBP_2018_3_AA_001

O bullying em diferentes contextos é considerado um problema de saúde pública, caracterizado pela intencionalidade e pela repetitividade das agressões, bem como pelo desequilíbrio de poder existente entre vítimas e agressores. Seus efeitos na saúde mental de crianças e adolescentes já foram documentados pela literatura científica e se referem a problemas de adaptação e ajuste psicoemocional, adoecimentos psicossomáticos e psicológicos, quadros e sintomatologia depressiva, ideação e tentativas de suicídio. No Brasil, o fenômeno tem recebido crescente atenção nas últimas décadas e se identifica um aumento no número de estudos divulgados sobre as características pessoais dos estudantes envolvidos em situações de bullying, diagnósticos e aspectos relacionados ao contexto escolar. No entanto, a abordagem do fenômeno no país ainda é centrada exclusivamente na díade agressor/vítima, com poucos estudos que incluem os observadores em suas análises, ou no cenário escolar e seus aspectos que podem ser utilizados para explicar sua ocorrência.

Estudos internacionais indicam que aspectos familiares devem ser considerados na análise do bullying. Variáveis familiares, tais como tipo de envolvimento, clima afetivo, uso de punições físicas, conflitos, relacionamentos negativos, falta de supervisão e dificuldades de comunicação, são apontadas pela literatura como preditoras ou fatores de vulnerabilidade para experiências como agressores ou vítimas em situações de bullying. Em termos de revisão, destacam-se dois estudos brasileiros que investigaram a associação entre a expressão da violência no ambiente escolar e a punição física utilizada como medida de disciplina no contexto familiar e a presença de pais negligentes, agressivos, em conflito, que empreendem maus-tratos físicos e emocionais aos filhos.

Entende-se, nesse sentido, que o planejamento e o desenvolvimento das ações de enfrentamento da questão precisam considerar outras variáveis e serem implementados de forma intersetorial. Esse debate representa uma mudança paradigmática para a área da saúde, tanto no que se refere ao reconhecimento do bullying como problema de saúde, como na percepção de que os estudantes vítimas ou agressores somente serão mais saudáveis quando os planos de cuidado não se basearem na culpabilização individual, mas na compreensão de que a saúde possui determinantes e condicionantes, assim como os fenômenos sociais. Uma iniciativa política intersetorial nessa direção se refere ao Programa Saúde na Escola, que estimula a arquitetura de ações a partir das novas compreensões sobre a promoção da saúde

nas instituições escolares, incluindo o bullying como temática transversal a ser abordada pela área na atenção primária e parceria com outras áreas, sobretudo a educação.

A partir desse cenário, estudar as implicações da família na ocorrência do bullying escolar ou como fator que pode auxiliar em sua explicação pode contribuir para: 1) propiciar comparação com estudos desenvolvidos em outros contextos e 2) na proposição de intervenções contextuais e intersetoriais que incluam a família, principalmente no contexto da atenção primária à saúde. Assim sendo, e considerando a produção científica limitada no país e na área da saúde sobre a interface entre bullying e variáveis familiares, esse estudo objetivou analisar a qualidade das interações familiares de adolescentes e o envolvimento em situações de bullying escolar.

Texto 4 – Sa_RPP_2018_1_AA_001

A pneumonia é uma importante questão de saúde pública nos países em desenvolvimento, particularmente entre crianças com menos de 5 anos de idade. Aproximadamente 150 milhões de novos casos de pneumonia ocorrem a cada ano; 11-20 milhões de crianças necessitam de hospitalização e 2 milhões morrem. No Brasil, as doenças respiratórias (especialmente a pneumonia) são responsáveis por 22,3% de todas as mortes entre crianças de 1 a 4 anos, sendo a principal causa de morte para esta faixa etária. A pneumonia está associada a uma alta taxa de hospitalização, sendo que 30 a 50% das crianças que procuram atendimento médico de emergência ou básico apresentam sintomas respiratórios.

O diagnóstico clínico e radiológico de pneumonia em crianças pode ser difícil, embora os sinais físicos e radiológicos sejam prontamente reconhecidos na prática pediátrica. Em 1980, a Organização Mundial de Saúde (OMS) desenvolveu as primeiras diretrizes para o diagnóstico e manejo de pneumonia em crianças em países em desenvolvimento, numa tentativa de reduzir o número de mortes relacionadas à pneumonia. Essas diretrizes se baseiam em sinais clínicos simples e consistem em três etapas:

- identificar crianças em quem a pneumonia deve ser investigada,
- identificar casos de pneumonia e
- administrar o tratamento antibiótico adequado.

Além disso, em 2012, a OMS forneceu novas recomendações para o uso de antibióticos de primeira linha e redefiniu a classificação da gravidade da pneumonia. A distinção entre a “pneumonia” previamente definida (respiração rápida) e a “pneumonia grave” (tiragem) já não era considerada suficiente. A nova classificação, também composta por duas categorias, foi modificada para incluir a terapia adequada: “pneumonia” com respiração rápida e/ou tiragem, que requer terapia domiciliar com amoxicilina oral; e “pneumonia grave”, referente a pneumonia com qualquer sinal geral de perigo, que requer hospitalização e terapia intravenosa. No entanto, o primeiro passo para a identificação de crianças que devem receber antibióticos ou ser submetidos à radiografia de tórax é baseado em preditores clínicos.

De acordo com a OMS, o aumento da frequência respiratória (também chamada de taquipneia), determinado pela inspeção visual, é o sinal clínico mais expressivo de pneumonia em crianças com tosse ou dificuldade respiratória. Shann et al. propôs que as retrações intercostais são um sinal importante de pneumonia grave em crianças, e também um alerta para internação hospitalar imediata. Os autores sugeriram que a taquipneia isolada, mesmo com frequência respiratória superior a 50 incursões/minuto, é um sinal confiável de que antibióticos devem ser prescritos para uso doméstico em casos de pneumonia sem outros sinais de gravidade.

Durante décadas, a taquipneia foi um dos sinais clínicos mais relevantes de pneumonia, já que as crianças que apresentam esta condição são mais propensas a ter pneumonia do que aquelas que não apresentam. De fato, a identificação de sinais como a taquipneia pelos pais deve ser o primeiro passo na detecção de crianças em risco de pneumonia. Nos países em desenvolvimento, esses critérios clínicos simples podem ser usados para identificar mais de 80% das crianças que necessitam de terapia antibiótica para pneumonia bacteriana. Conseqüentemente, capacitar os pais/cuidadores a identificar sinais e sintomas pode facilitar o tratamento precoce e adequado, ajudando a reduzir a mortalidade infantil.

Como os cuidadores geralmente são os primeiros a notar sinais e sintomas respiratórios de uma infecção respiratória aguda (IRA) em crianças, o presente estudo procurou verificar seus conhecimentos e percepções quanto à gravidade ou aos primeiros sinais de alerta de IRA, incluindo a identificação da taquipneia, e da necessidade de buscar assistência médica de emergência. Além disso, com base nessa informação, este estudo teve

como objetivo ensinar os pais/responsáveis a identificar com sucesso os primeiros sinais de alerta e procurar assistência médica quando apropriado.

Texto 5 – Sa_RSAM_2015_0_AA_008

A maioria da população brasileira é formada por negros ou pardos, sendo que uma importante proporção desse contingente humano se encontra ainda hoje nos estratos mais pobres da população, uma consequência histórica de uma série de iniquidades às quais os negros e seus descendentes foram submetidos, inclusive em relação à atenção à saúde.

Embora essa compreensão seja extensiva aos negros de um modo geral (povos de religião de matriz africana, os negros que vivem nas cidades, os indivíduos pertencentes às comunidades remanescentes dos quilombos), em se tratando de atenção à saúde, uma preocupação especial deve ser reservada aos indivíduos integrantes das chamadas comunidades quilombolas.

No Brasil, as localidades ocupadas pelos negros escravos que fugiam do trabalho forçado e resistiam à recaptura por parte das forças escravocratas ficaram conhecidas como quilombos. Muitos quilombos, após a abolição da escravatura, deram origem às atuais comunidades quilombolas. Os integrantes dessas comunidades possuem fortes laços culturais, mantendo suas tradições, práticas religiosas, relação com o trabalho na terra e sistema de organização social.

Nessas comunidades, as consequências do processo de escravidão e das lutas por liberdade têm influenciado o acesso diferenciado a bens e serviços, constituindo-se como fatores condicionantes de desigualdades sociais e de saúde.

Diante disso, o Estado brasileiro vem empreendendo esforços nos últimos anos visando corrigir essa dívida com a população negra e, em especial, com os povos das comunidades quilombolas. Nesse intuito, foi publicado o Decreto nº 4.887, em 2003, que regulamentou os procedimentos para identificação, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas pelos remanescentes de comunidades de quilombos.

Nesse mesmo ano foi instituído o Programa Brasil Quilombola (PBQ), uma política de Estado voltada para o reconhecimento do direito das comunidades quilombolas à terra e ao desenvolvimento econômico e social e orientada pelos princípios da cidadania, da segurança

alimentar e nutricional, bem como do desenvolvimento sustentável como promotor da qualidade de vida das comunidades.

Portanto, é plausível supor que para se ter acesso a essa política, há a necessidade de que a comunidade seja distinguida pelo Estado como remanescente de quilombos. Segundo consta no Decreto nº 4.887,4 essas comunidades são “[...] grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”. A instituição governamental mais diretamente envolvida no processo de certificação das comunidades é a Fundação Cultural Palmares à qual cabe o registro das comunidades quilombolas com base na emissão de uma certidão de autodeclaração.

O Programa Brasil Quilombola⁵ prevê uma série de ações e programas executados por diversos Ministérios e órgãos parceiros, os quais se encontram articulados segundo quatro eixos temáticos: 1) acesso à terra, 2) infraestrutura e qualidade de vida, 3) inclusão produtiva e 4) direitos e cidadania. Portanto, considerando que uma vez certificada a comunidade passaria a receber maior atenção por parte do Estado, seria esperado que essa certificação se refletisse em melhores condições de vida e do perfil de saúde de seus integrantes.

Este estudo teve como objetivo caracterizar a situação de nutrição e saúde de mulheres e crianças de uma comunidade antes e após sua certificação como remanescente de quilombo.